

IÚRI YRVING MÜLLER DA SILVA

**UMA LEITURA DA PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE
PSICANÁLISE DE CRIANÇAS, POR MEIO DA
*REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE***

**ASSIS
2010**

IÚRI YRVING MÜLLER DA SILVA

**UMA LEITURA DA PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE
PSICANÁLISE DE CRIANÇAS, POR MEIO DA
*REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE***

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão

**ASSIS
2010**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

S586l Silva, Iúri Yrving Müller da
Uma leitura da produção brasileira sobre psicanálise de
crianças, por meio da Revista brasileira de psicanálise /
Iúri Yrving Muller da Silva. Assis, 2010
105 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr. Jorge Luis Ferreira Abrão

1. Psicanálise infantil - Brasil - História. 2. Psicanálise -
Crianças. 3. Psicologia - Brasil - Periódicos. 4. Psicanálise -
Periódicos. I. Título.

CDD 150

150.195

DEDICATÓRIA

*Com admiração e gratidão à pessoa mais sensível,
íntegra e livre de preconceitos,
que com sua enorme capacidade de amar,
ajudou na superação de cada obstáculo:
Minha Mãe*

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de um dos momentos mais ambíguos da presente dissertação: momento difícil e satisfatório. Difícil pelo fato de ter de eleger e recordar alguns dos nomes e instituições que contribuíram no desenvolver do trabalho, e satisfatório pela conclusão e reconhecimento dos frutos colhidos.

Porém, os nomes que foram uma constante no desenrolar da pesquisa não podiam deixar de serem citados. Não excluindo da lembrança os que de maneira direta ou indireta também estiveram presentes, seja por meio de um abraço, de uma palavra amiga, seja simplesmente pela disposição em escutar.

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, pela oportunidade de desenvolver a dissertação de mestrado, por meio da minha formação e dos anos de dedicação proporcionados por eles.

À Unesp de Assis e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela aceitação do projeto na área de concentração e adequação a uma de suas linhas de pesquisa.

Também agradeço ao meu irmão, Igor, que auxiliou na parte quantitativa do presente estudo, de maneira incansável e sempre paciente.

À Dr^a Inês Amosso Dolci, pelo incentivo e identificação do meu potencial para pesquisa psicanalítica com crianças, desde a graduação. À Banca Examinadora pelas sugestões.

À Seção de Pós-Graduação, em especial à secretária Íria, por tornar as questões burocráticas mais brandas e o ambiente da seção familiar e acolhedor.

À FAPESP, pelo auxílio financeiro em forma de bolsa de mestrado para a realização e divulgação da pesquisa. Auxílio sem o qual tornaria por demais onerosa esta empreitada.

Finalmente, agradeço ao meu Orientador, Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão, tanto pela acolhida quanto pelo exemplo de profissional, que por meio de supervisões, revisões, adequações e, especialmente, pela palavra sempre oportuna e amiga, viabilizou o sonho da realização deste trabalho. Sonho alcançado pela oportunidade de parceria entre um pesquisador iniciante, inexperiente, e outro pesquisador experiente e generoso na transmissão e construção do conhecimento sobre a História da Psicanálise de Crianças no Brasil.

[...] a história da psicanálise trata de uma história da teoria e da prática psicanalíticas, teoria e prática que se apresentam, a um observador que se disponha a pensar a sério o que se observa, sob o signo da dispersão.
(MEZAN, 2000, p. 23)

[...] nos quais a diversidade dos fatores culturais não pôde deixar de ter eco sobre as próprias concepções.
(LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/2001, p. 223)

SILVA, Iúri Yrving Müller da. **Uma Leitura da Produção Brasileira sobre Psicanálise de Crianças, por meio da *Revista Brasileira de Psicanálise***. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

RESUMO

A Psicanálise de Crianças inicia seu percurso na Europa no início do século XX, marcado por grandes controvérsias entre Melanie Klein e Anna Freud. No Brasil, essa modalidade de atendimento psicanalítico começou a ser difundida a partir da década de 1930 e acabou se disseminando em práticas institucionais bem estruturadas, culminando em produção teórica expressiva. Mas é sob os auspícios das Sociedades de Psicanálise que esse ramo da ciência psicanalítica encontrou maior ressonância para sua aplicação, divulgação, formação de analistas infantis e produção teórica, que apesar de não vultosa, tem se mostrado altamente expressiva. Importante veículo de divulgação do pensamento psicanalítico brasileiro, que nos permite acompanhar a evolução da produção sobre Psicanálise de Crianças no Brasil, abrangendo as últimas décadas, é a *Revista Brasileira de Psicanálise*. O periódico tem como principal objetivo abranger a pluralidade dos diferentes segmentos científicos existentes nos quadros das Sociedades de Psicanálise, garantindo, assim, sua expressão no âmbito científico. A presente pesquisa consiste em um estudo qualitativo de natureza histórica que busca circunscrever um segmento da psicanálise brasileira, cujo objetivo é caracterizar a produção sobre Psicanálise de Crianças no Brasil no período de 1967 a 2007, por intermédio dos artigos de autores nacionais publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Os resultados obtidos a partir do levantamento dos artigos sobre Psicanálise de Crianças publicados no periódico apontam as seguintes informações: 107 artigos publicados sobre o tema, destes 89 de autoria de psicanalistas nacionais, a maioria na década de 1990; Maria P. Manhães e Marisa Pelella Mélega como as autoras nacionais com maior número de artigos publicados no periódico; uma prevalência de artigos teóricos em que Melanie Klein e seus seguidores são os mais citados. Indicando, assim, maior influência do pensamento kleiniano na implantação da Psicanálise de Crianças no Brasil. Tais resultados ainda nos permitem a conclusão de que vários trabalhos iniciais como os de Klein e Anna Freud, inclusive os da atualidade merecem destaque por terem influenciado a prática analítica em nosso país, seja na Psicanálise de Crianças seja em áreas correlatas nela inspiradas. Entre esses trabalhos encontra-se o de Esther Bick, que em 1964 desenvolve a técnica de observação psicanalítica da relação mãe-bebê, que consiste em uma observação semanal da dupla mãe-bebê, realizada em casa durante o primeiro ano de vida. Evidenciamos, também, a ampliação das matrizes teóricas como esteio da prática clínica; juntamente com as contribuições de Melanie Klein, que já contava com uma vasta tradição no pensamento psicanalítico brasileiro, outros autores passam a ser citados com relativa frequência, notadamente Bion, Winnicott e Francis Tustin. Em linhas abreviadas, procuramos apresentar de maneira sucinta os trabalhos que marcaram os principais fundamentos da análise infantil mundial e o pensamento e a produção teórica sobre crianças e adolescentes no meio psicanalítico brasileiro.

Palavras-chave: História; psicanálise de crianças; *Revista Brasileira de Psicanálise*.

SILVA, Iúri Yrving Müller da. **A Reading of the Brazilian Production on Child Psychoanalysis, by means of *Revista Brasileira de Psicanálise***. 2010. 101 p. Master's Dissertation (Psychology) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

ABSTRACT

Child Psychoanalysis was first introduced in Europe at the beginning of the 20th century, singled out by great controversies between Melanie Klein and Anna Freud. In Brazil, that sort of psychoanalytic practice was introduced from 1930 on as well-structured institutional practices, achieving a significant theoretical production. But it was under the auspices of the Psychoanalytic Societies that such a branch of the psychoanalytic science had a greater diffusion for its application, propagation, education background of child analysts and theoretical production which, although it is not significant, it has proven to be highly expressive. An important means of diffusion of the Brazilian psychoanalytic thought, which allows us to follow the evolution of works written on Child Psychoanalysis in Brazil, comprising the last decades, is *Revista Brasileira de Psicanálise*. That journal was carried out to comprise the plurality of different scientific branches found within the Societies of Psychoanalysis, thus ensuring their expression in the scientific field. The research at issue is a qualitative-based study of historical nature which tries to bound a segment of the Brazilian psychoanalysis, whose aim is to characterize the works written on Child Psychoanalysis in Brazil from 1967 to 2007, by means of papers written by Brazilian writers published in *Revista Brasileira de Psicanálise*. The outcomes achieved starting from the survey of papers on Child Psychoanalysis published in the journal focused on the following information: 89 out of 107 papers published on the subject, were written by Brazilian psychoanalysts, most of them in the 1990s; Maria P. Manhães and Marisa Pelella Mélega, Brazilian writers with the largest number of papers published in the journal; a prevalence of theoretical papers in which Melanie Klein and her followers are the most quoted ones. Thus indicating a major influence of Klein's thought on the introduction of Child Psychoanalysis in Brazil. Such outcomes allow us to further conclude that several initial works such as the ones written by Klein and Anna Freud, including the current ones, deserve prominence due to their influence on the analytic practice in Brazil, whether on Child Psychoanalysis or in correlated fields based on it. Among such works, it is worth mentioning the one written by Esther Bick who, in 1964, developed the technique of psychoanalytic observation of the mother-baby relationship, which comprises an observation a week of both mother and baby, held at home, during the child's first year. One also shows clearly the enlargement of the theoretical matrices as a support for the clinical practice, along with the contributions made by Melanie Klein who had a long tradition in the Brazilian psychoanalytic thought, other writers who happened to be more often quoted, particularly Bion, Winnicott, and Francis Tustin. In summary, we tried to present in a brief way the works which single out the main principles of the world child analysis and the thought and theoretical writings on children and teenagers published within the Brazilian psychoanalytic sphere.

Keywords: History; Child Psychoanalysis; *Revista Brasileira de Psicoanálise*.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Número e porcentagem de artigos sobre psicanálise de crianças em relação ao total de trabalhos publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* 53
- Figura 2 - Número de artigos sobre psicanálise de crianças em relação ao total de trabalhos publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise*, por década 54

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 - Artigos sobre psicanálise indicados por anos de publicação na *Revista Brasileira de Psicanálise* 51
- Tabela 2 - Artigos sobre psicanálise indicados por década de publicação na *Revista Brasileira de Psicanálise* 53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Planilha com distribuição dos artigos por ano de publicação e autor sobre psicanálise de crianças na <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i>	55
Quadro 2 - Autores que publicaram sobre o tema Psicanálise com Crianças na <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> (1967-2006)	60
Quadro 3 - Psicanalistas internacionais mais citados nos artigos sobre criança publicados na <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> no período de 1967 a 1976	63
Quadro 4 - Psicanalistas internacionais mais citados nos artigos sobre criança publicados na <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> no período de 1977 a 1986	63
Quadro 5 - Psicanalistas internacionais mais citados nos artigos sobre criança publicados na <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> no período de 1987 a 1996	64
Quadro 6 - Psicanalistas internacionais mais citados nos artigos sobre criança publicados na <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> no período de 1997 a 2007	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 SURGIMENTO E SIGNIFICADO DA INFÂNCIA DA ANTIGUIDADE À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	14
1.1 A Construção Social da Infância	16
1.1.1 A criança na Antiguidade	16
1.1.2 A criança na Idade Média, segundo Ariès	17
1.1.3 A criança no século XVII e XVIII, segundo Ariès	19
1.1.4 A criança no século XIX, segundo Ariès	21
2 DAS DESCOBERTAS FREUDIANAS SOBRE A INFÂNCIA À PSICANÁLISE DE CRIANÇAS	23
2.1 A Psicanálise da Criança sob o olhar de Melanie Klein e Anna Freud	24
3 OS PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE NO BRASIL	30
3.1 Os Primórdios da Psicanálise em São Paulo	31
3.2 Os Primórdios da Psicanálise no Rio de Janeiro	33
3.3 A História da Psicanálise de Crianças no Brasil	36
4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	42
4.1 Justificativa	42
4.1.2 Objetivos	45
4.1.3 Objetivo Geral	45
4.1.4 Objetivos Específicos	45
4.1.5 Método	46
5 A REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE EM NÚMEROS: UM ESTUDO QUANTITATIVO SOBRE O TEMA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS	51
6 UM PERCURSO HISTÓRICO PELA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS, COM BASE NA REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE	66

6.1 Os Artigos e suas Categorias	66
6.1.1 A descrição dos artigos, influências, contextualização histórica e sua coadunação com a realidade brasileira	67
6.1.2 Tendências atuais da psicanálise de crianças no Brasil	85
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa versa sobre o desenvolvimento da Psicanálise de Crianças no Brasil, representado pela produção bibliográfica acerca do tema publicada na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Trata-se, obviamente, de uma história recente, visto que o periódico analisado conta com pouco mais de 40 anos de publicação. Tal fato justifica-se, uma vez que a psicanálise de crianças, como ramo do conhecimento científico, conta com um século de existência, o que nos leva a concluir, num raciocínio tautológico, que a psicanálise de crianças é uma invenção recente, gerada e consolidada no século XX.

Tal raciocínio pode parecer simplista, já que é de domínio comum. Porém, no ano em que a Psicanálise de Crianças comemora seu centenário, desde a publicação do caso “Pequeno Hanz” (1909), devemos nos indagar sobre quais confluências de interesses e necessidades estiveram presentes para que tal ramo da ciência psicanalítica pudesse vir à luz.

Desde seu surgimento, no berço da Europa do século XIX, um número significativo de textos psicanalíticos foi publicado. Os primeiros textos redigidos a punho pelo próprio Freud, pai da psicanálise, tiveram que dar conta de construir uma ciência com teoria, método e técnica. Tarefa que não foi nada fácil para Freud, que vivia em uma sociedade burguesa cheia de pudor e repressão, que contribuía muito para a formação de neuroses histéricas e obsessivas (FREUD, 1914/1987).

É, também, do conhecimento de todos que se interessam pela psicanálise de crianças, que o início desta prática foi marcado por grandes controvérsias entre Melanie Klein e Anna Freud. Estas divergências tiveram início na década de 1920 e ganharam maior proporção, logo após a morte de Freud, ocorrida em 1939. Entre os anos de 1941 e 1945, a Sociedade Britânica de Psicanálise torna-se palco de ferrenhos debates. Irrompem controvérsias sobre a validade e o status das ideias introduzidas na Psicanálise por Melanie Klein. Em que extensão essas ideias divergiam das proposições básicas de Freud? O que deveria ser feito a respeito? Embora as discordâncias reais recaíssem sobre a teoria e a técnica, e a antiga suspeita sobre a viabilidade de se analisar uma criança ou não, estavam igualmente em jogo, segundo, Hinshelwood (1992) o poder e a futura organização da Sociedade, por meio de discussões centrais como a difusão e a transmissão da Psicanálise. As discussões detalhadas dessas controvérsias encontram-se registradas no livro intitulado *Controvérsias Freud – Klein 1941-45* (STEINER; KING, 1998).

Apesar destas divergências, que marcam um período histórico do desenvolvimento da psicanálise de crianças, este ramo da ciência psicanalítica teve grande evolução por meio de suas pioneiras Melanie Klein e Anna Freud. Tornando-se, uma área de atuação consolidada, difundindo-se para diversas partes do mundo.

Nesta perspectiva, o presente estudo tem por finalidade compreender como a psicanálise de crianças se desenvolveu no Brasil, com base nos trabalhos de Melanie Klein e Anna Freud, por intermédio da produção sobre o tema publicada na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Trata-se, obviamente, de um recorte, de uma delimitação específica, sobre a psicanálise de crianças no Brasil representada na *Revista Brasileira de Psicanálise*. No entanto, este recorte ganha sua relevância e representatividade, quando consideramos que a *Revista Brasileira de Psicanálise*, é a publicação psicanalítica mais antiga do Brasil, congregando contribuições de diversas partes do país.

Com o intuito de apresentar os fundamentos teóricos necessários para sustentar as hipóteses e análises elaboradas ao longo da pesquisa, organizamos esta dissertação em sete capítulos.

No capítulo 1, apresentamos o surgimento e o significado que a infância adquiriu da antiguidade à sociedade contemporânea. O capítulo 2 destina-se a introduzir as descobertas freudianas sobre a infância, passando pelas primeiras experiências psicanalíticas com crianças, até chegarmos à Psicanálise da criança, com base nos estudos de Melanie Klein e Anna Freud. O capítulo 3 continua seguindo um perfil histórico, apontando os principais acontecimentos que marcaram os primórdios da psicanálise em nosso país, bem como a história da psicanálise de crianças no Brasil.

Seguem os capítulos 4, respectivamente, apresentando os procedimentos metodológicos da pesquisa e um percurso histórico pela Revista e o capítulo 5 destina-se a um estudo quantitativo sobre o tema Psicanálise de crianças. No capítulo 6 apresentamos discussões qualitativas dos dados obtidos por meio do periódico analisado. Na sequência, encontram-se as conclusões do estudo e as referências bibliográficas utilizadas na pesquisa.

1 SURGIMENTO E SIGNIFICADO DA INFÂNCIA DA ANTIGUIDADE À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Propomos, de maneira diferenciada, um percurso inverso para as apresentações sobre a construção social da infância. Inicialmente, encontramos estudos de autores como Postman (1999) e Elkind (2001), que mostram, especialmente referindo-se ao trabalho do último autor, o papel e a condição da criança na atualidade. Num segundo momento, buscamos seguir uma linha histórica que contemplasse as contribuições de Ariès, que sistematiza a evolução do papel assumido pela criança, da Idade Média até o século XX. Pretendemos, assim, ampliar a compreensão sobre o significado que a infância assumiu ao longo dos tempos como categoria social. Assim, seguindo de perto o ensaio de Postman (1999), sobre o desaparecimento da infância, nos deparamos com a questão instigadora: É possível imaginar o mundo sem infância, tal como a reconhecemos hoje?

Neste livro, o autor nos responde que sim, pois já aconteceu e está acontecendo de novo. A concepção atual de infância inexistia até o final da Idade Média. Surgindo na Renascença, após a revolução promovida pela palavra impressa, que socializou a necessidade de alfabetização, multiplicou e tornou rotineiras as escolas, hierarquizou o conhecimento por faixa etária, disseminou noções de pudor, estabelecendo e criando, limites bem demarcados entre crianças e adultos.

Para Postman, durante o último século:

[...] foram feitas tentativas bem sucedidas durante esses anos de por todas as crianças fora das fábricas e dentro das escolas, dentro de suas próprias roupas, de seu próprio mobiliário, de sua própria literatura, de seus próprios jogos, de seu próprio mundo social. Em uma centena de leis as crianças foram classificadas como qualitativamente diferentes dos adultos; numa centena de normas foi-lhes atribuído estatuto preferencial e oferecida proteção contra os caprichos da vida adulta. (1999, p. 81).

Agora, segundo o autor, com a informação eletrônica – sobretudo a TV, que só requer aptidões naturais e o entendimento da fala, adquirido a partir do primeiro ano de vida – as fronteiras começam a desmoronar:

Mas mesmo que eu esteja errado em acreditar que a súbita preocupação de registrar a história da infância é, em si mesma, um sinal do declínio da infância, podemos, pelo menos, ser gratos por contarmos, finalmente, com informações que nos dizem de onde vem a infância. Tais relatos nos permitem aprender porque uma idéia como infância foi concebida e fazer conjecturas a respeito das razões por que deva tornar-se obsoleta. (POSTMAN, 1999, p. 19).

Assim, a erotização precoce e a crescente participação infanto-juvenil nos índices de criminalidade são apenas as indicações mais evidentes de um conjunto de sinais, de que, a infância – em especial a meninice, entre os sete anos e a puberdade – está em extinção. Neste sentido, Postman destaca que já habitamos um tempo de crianças adultas e de adultos infantis, e estamos no limiar de outro em que a idade das pessoas só estabelecerá diferenças marcantes em dois extremos – a primeira infância e a senectude.

Neste mesmo contexto inserem-se as contribuições de Elkind (2001) que chama com veemência nossa atenção para as pressões que a sociedade impõe às crianças, expondo-as a uma grande variedade de problemas na infância e adolescência, como baixa autoestima, gestação na adolescência e altos índices de suicídio. Este especialista em desenvolvimento infantil mostra-nos que, ao perdermos a noção do que é adequado à idade, esperando ou impondo demais muito cedo, pressões do mundo adulto, obrigamos nossas crianças a crescer prematuramente.

Lançando um olhar minucioso ao mundo das crianças e dos adolescentes, o autor, defronta-nos com toda uma nova geração de pais que pressiona cada vez mais as crianças. Explica porque isso ocorre, oferecendo um alerta encorajador que contempla o desenvolvimento saudável, protegendo o desfrute e a liberdade da infância.

Preconiza, também, que a concepção das crianças como competentes para lidar com tudo e com qualquer coisa que a vida tenha a oferecer, e ainda se beneficiar disso, foi uma racionalização eficaz para os pais que continuam a amar seus filhos, mas não têm o tempo nem a energia para cuidar da infância.

Revela, ainda, que “nossa concepção contemporânea de Supergaroto, competente para lidar com todas as vicissitudes da vida, deve ser encarada como uma invenção social para aliviar a ansiedade e a culpa dos pais” (ELKIND, 2001, p. 19).

Tal citação nos permite inferir que estamos atravessando um daqueles períodos da história, como as primeiras décadas da Revolução Industrial, em que as crianças são as vítimas involuntárias da revolta e da mudança da sociedade.

Seguindo esta linha de raciocínio o autor conclui que as crianças, hoje, funcionam como um *self* substituto para os pais, capaz de realizar e lidar com situações e emoções da vida adulta. Resultado disso é o estresse sobre as crianças em uma forma dinâmica que mascara a culpa dos pais e valoriza os prodígios da criança. Em vez de um desenvolvimento saudável atingido mediante sucessivas etapas do desenvolvimento humano, aparecem sintomas como ansiedade, desgaste na escola, desamparo, estruturação prematura e até invulnerabilidades.

Dentro de uma visão mais otimista do que Postman, não prevendo o desaparecimento da infância, mas sim uma outra forma de configuração desta etapa da vida, Elkind sugere caminhos conhecidos para que possamos auxiliar as crianças pressionadas: um diálogo aberto levando em conta as características de pensamento da criança e o brincar como um antídoto para a pressão.

A configuração atual da infância e seu lugar ocupado na sociedade contemporânea, tal qual apresentada por Postman (1999) e Elkind (2001) é precedida por um longo desenvolvimento histórico que vai desde a Antiguidade, passando pela Idade Média até chegar aos dias atuais. Desta forma, faremos, a seguir, uma apresentação sobre a evolução do conceito de infância em diferentes momentos históricos, demonstrando, assim, a origem das condições necessárias que possibilitaram o surgimento da Psicanálise de Crianças no início do século XX.

1.1 A Construção Social da Infância¹

1.1.1 A criança na antiguidade

Visitando a cultura da Antiguidade clássica, por meio do legado de Aristóteles, encontramos uma de suas obras intitulada *A Política* (1998), na qual o filósofo faz referências à criança. Valendo-se deste trabalho, podemos entender qual o papel assumido pela criança na *polis* grega, além de entender qual a sua relação com aquela sociedade.

Observa-se que as referências sobre as crianças encontradas na obra de Aristóteles, estão sempre associadas à figura da mulher e do escravo. Isto permite concluir que, para o filósofo grego, existia um elemento comum entre a criança, a mulher e o escravo, elemento esse que os distinguia do pai, do marido e do senhor. Este elemento comum seria a falta de autonomia que lhes conferia a condição de comandados. Para entendermos a relação apontada acima é necessário compreender a estrutura social da Grécia antiga.

O selo distintivo da sociedade grega antiga residia em uma organização política descentralizada, definida pelas cidades-estado, que se caracterizavam como unidades

¹ Tradução do título do livro de Ariès.

administrativas independentes e autônomas, cujo poder político era exercido por seus cidadãos. A família, como parte constitutiva do Estado, visto que para a sociedade grega antiga o Estado era uma reunião de famílias, pode ser decomposta em seus elementos constitutivos, para melhor ser compreendida. Havia, então, três elementos básicos – o senhor e o escravo; o marido e a mulher; o pai e o filho – que compunham, segundo Aristóteles, os três ramos da economia doméstica.

Especificamente a criança era vista como incompleta, o que caracterizava o indivíduo em desenvolvimento, no qual a faculdade de querer não estava ausente como no escravo, podendo vir a formar-se. Para que tal formação ocorresse, era necessária a presença de um modelo que conduzisse a criança ao seu desenvolvimento potencial. Mesmo correndo o risco de ser redundante, podemos concluir que a criança era entendida como incompleta, desprovida de qualidades inerentes ao pai, qualidades que poderia vir a ter por pertencer à mesma linhagem do pai (ARISTÓTELES, 1998).

Agora, daremos um salto da Antiguidade para a Idade Média, sendo conduzidos pelo historiador francês Philippe Ariès, buscando seguir um de nossos objetivos, que é compreender o significado que a infância assumiu ao longo da história como categoria social. Para isso, será usado um modelo esquemático, na tentativa de sistematizar as contribuições de Ariès a respeito da evolução do papel assumido pela criança, da Idade Média até o século XIX.

1.1.2 A criança na Idade Média, segundo Ariès

Ariès (1981) busca representações da criança na expressão artística da Idade Média. Suas pesquisas iconográficas apontam uma quase inexistência ou mesmo uma total ausência dessas representações até o século XII, concluindo que a ausência de tais representações não se devia a incompetência ou falta de habilidade dos artistas da época, mas sim a uma falta de lugar para a criança naquele mundo.

O sentimento de infância não existia para o homem medieval, o que predominava era um sentimento superficial, chamado por Ariès de “paparicação”, reservado a crianças muito pequenas, enquanto eram engraçadinhas. Não encontramos segregação entre adultos e crianças, nem mesmo no que concerne a expressão da sexualidade, tão pudicamente afastada das crianças na atualidade. Até o século XVI era comum encontrarmos relatos de adultos que

se divertiam com as brincadeiras sexuais das crianças, livremente manifestadas, ou que faziam alusões a assuntos sexuais em sua presença. Tal fato era entendido como algo natural:

Primeiro porque se acreditava que a criança impúbere fosse alheia e indiferente à sexualidade. Portanto, os gestos e as alusões não tinham conseqüências sobre a criança, tornavam-se gratuitos e perdiam sua especificidade sexual – neutralizavam-se. Segundo porque ainda não existia o sentimento de que as referências aos assuntos sexuais, mesmo que despojadas na prática de segundas intenções equivocadas, pudessem macular a inocência infantil – de fato ou segundo a opinião que se tinha dessa inocência. Na realidade, não se acreditava que essa inocência de fato existisse. (ARIÈS, 1981, p. 132).

A mortalidade infantil era altíssima, o que impedia que a criança pequena se tornasse objeto de grandes investimentos. Passados os cinco, seis anos, nos quais os cuidados da criança eram reservados às mães ou, com maior frequência, às amas-de-leite, o pequeno iria, então, compartilhar a vida dos adultos. Desta forma, a aprendizagem e a socialização da criança não eram realizadas pela família ou pela escola, mas sim por toda a comunidade com a qual ela passava a conviver, garantindo, desta forma, as condições necessárias para a transmissão tanto de valores culturais, quanto do ofício a ser aprendido.

Somente a partir do século XIII a sociedade medieval parece ter voltado seu olhar para a criança, começando a incluí-la em sua criação artística.

A iconografia das sociedades dos séculos XIV, XV e XVI, nos fornece indícios da forma como foi se transformando a visão de infância ao longo de tais séculos. Transformações estas que se consolidarão no século seguinte.

Assim, a criança que havia sido ignorada na iconografia medieval, começa, a partir do século XIII, a ser representada. Inicialmente sob a forma de crianças mais velhas, quase jovens. Posteriormente, encontramos a representação do menino Jesus e da Virgem Maria, menina. Devemos destacar, ainda, a natureza destas inscrições que representavam a criança como cópias miniaturizadas dos adultos. Uma outra forma de expressão surgirá com o tema da criança nua, tendência que irá se consolidar no século XVII.

Embora a criança não esteja ausente da iconografia desde o século XIII, sua representação está sempre associada a outros elementos, assumindo um caráter secundário, uma vez que a cena principal era sempre ocupada pelos adultos cabendo à criança apenas um espaço secundário. É somente a partir do século XV que encontramos a criança representada sozinha – mais especificamente nos retratos –, o que indica uma tentativa de preservar sua lembrança, tendência que será consolidada no século XVII. Isto é um indício de que a criança

começava a se inserir na arte, como reflexo de uma nascente reorganização das estruturas sociais, na qual ela começava a ocupar um lugar de maior destaque, assumindo um novo estatuto.

1.1.3 A criança no século XVII e XVIII, segundo Ariès

Neste século, Ariès (1981) salienta que a sociedade volta o seu olhar para a criança. Surge embrionariamente a transformação do papel da criança e sua representação na sociedade. Começa a questionar-se o lugar e a forma que as crianças eram educadas.

As crianças carentes da época eram enviadas a hospícios de menores, lugar onde a mortalidade era muito alta, devido às más condições. O Estado começa a se preocupar com isso, percebendo que tais crianças morriam bem antes de poderem servir ao Governo. Os recém-nascidos que possuíam família eram enviados para o interior, sendo cuidados por amas-de-leite. Essas amas-de-leite, entretanto, cuidavam de muitas crianças, negligenciando a assistência de todas. Já as crianças que ficavam com as famílias eram criadas pelas escravas, que descontavam nas mesmas o ódio e os maus-tratos aos quais eram submetidas pelos seus senhores. A maioria dessas crianças começou a apresentar comportamentos agressivos e bizarros, e quando se tornavam jovens, desvios de caráter.

É neste século, sob a luz dos ideais renascentistas, que surge uma nova preocupação com a criança. Exclui-se a criança do mundo dos adultos. A criança não deveria mais ser preparada por meio do convívio com os adultos, novos espaços e estratégias deveriam ser criados.

A família passa a ser o berço de preparação da criança, posteriormente sendo substituída pela escola, livrando assim, as mesmas, dos maus-tratos das amas-de-leite e do descaso dos adultos.

Todos esses acontecimentos levaram a sociedade a um questionamento quanto aos métodos e recursos utilizados, na época, para o cuidado das crianças, instigando o desenvolvimento de novos recursos para a educação das mesmas. Uma nova preocupação com as crianças surge da necessidade de controle de distúrbios de comportamento e não de uma verdadeira preocupação e zelo por elas. O sentimento de infância, apesar de ter se ampliado, ainda continha certa superficialidade.

Essas transformações sociais trazem uma nova mentalidade, relações afetivas calcadas em novos valores, uma vida social ampla e intensa diminuída entre os membros de uma mesma comunidade, tornando a família o berço da vida particular e subjetiva.

A criança passa a ser objeto de grande afeição para os adultos, levando-os a se organizarem em sua função, natalidade e mortandade passam a ser controladas para se poder cuidar melhor dos filhos. Vemos, assim, o surgimento do esboço de sentimento de infância que se estende até hoje.

O historiador francês também percorre a trajetória histórica da escola no desenvolvimento da criança, e encontra dados interessantes.

No século XV, a escola era destinada a um número restrito de clérigos em busca de formação religiosa. Enquanto a escola era restrita, a aprendizagem, valendo-se do contato direto entre crianças e adultos, era o elemento central da pedagogia medieval, garantindo a transmissão dos valores culturais e sociais. Era uma fase na qual predominava a esperteza e a precocidade. Os privilegiados eram aqueles que, precocemente, conseguiam se destacar no mundo dos adultos.

Nos séculos XVI e XVII, com a exclusão da criança do mundo adulto, mediante o enclausuramento na escola, vê-se uma expansão das escolas escolásticas e particulares. A infância ainda era reduzida e não havia divisão entre crianças e adultos. As crianças passaram a frequentar a escola com dez anos, com a justificativa de que crianças muito pequenas não se adaptavam à disciplina rígida da escola. Vemos, assim, um prolongamento da infância devido a uma necessidade da escola.

A divisão das crianças dentro da escola, em função de sua maior ou menor capacidade teve seu início no século XV. A segmentação dos alunos em espaços físicos diferentes e idades só ocorrerá séculos mais tarde.

A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou a criança outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total no internato. A sociedade da família, da igreja, dos moralistas e dos administradores privou a crianças da liberdade de que ela gozava entre os adultos. (ARIÈS, 1981, p. 277-278).

No âmago das transformações sociais inspiradas pelos educadores e moralistas entre os séculos XV e XVII, que promoveram significativas mudanças na família e na escola, deu origem a novas condutas disciplinares que passam a nortear a educação das crianças. É neste período que encontramos o desenvolvimento de um novo sentimento de infância, que, com algumas variações, predomina até hoje. A criança passa a ser entendida como um ser inocente e imaculado que precisa ser formado, e não mais como algo pitoresco com que os adultos se divertiam.

Já no século XVIII, podemos identificar uma outra face desse investimento na infância: uma ideologização que celebrou o reinado da criança por meio de obras que concitam os pais a novos sentimentos e, particularmente, ao amor materno, como propõe Badinter (1985). Para essa autora, a família proposta como fundada no amor materno é caracterizada pela intimidade que liga os pais aos filhos, objetivando assegurar uma continuidade da prole que, por seu valor de investimento, começa a ser considerada uma questão de administração pública.

De forma clara, podemos perceber uma retomada da visão de infância presente na Antiguidade Clássica. Essa nova concepção de infância que começou a inspirar no século XVII e que atingiu seu ápice no século XIX não comportava mais negligências e abusos, dando lugar a uma preocupação de como garantir um desenvolvimento saudável a criança.

1.1.4 A criança no século XIX, segundo Ariès

Neste período, surge uma tentativa de sistematizar a educação para a criança: uma nova pedagogia, influenciada pela medicina e pela recente ciência psicológica, que no século XIX tentou imputar padrões para gerir a educação das crianças.

Para conferir legitimidade a este raciocínio, é necessário entender a cristalização de alguns acontecimentos, já enunciados nos séculos anteriores, que se definiram pelo declínio do regime totalitário e pela extinção da comunidade ampliada, da qual o indivíduo era parte indissociável, em benefício de uma economia mercantilista, caracterizada pela ascensão da burguesia, de seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, que há pouco tinham figurado como lema da Revolução Francesa.

Segundo Áries (1981), esta nova ordem social e política impôs ao homem uma compreensão inovadora sobre si e sua constituição como indivíduo, uma nova ordem política e social é criada, a subjetividade e a intimidade assumem o núcleo da família.

A Psicologia é requisitada a estabelecer novos padrões e normas para a educação e a resolução de conflitos internos do homem. É neste contexto que, de acordo com Ariès (1981), surgem às condições necessárias para o desenvolvimento de novas ciências como a Psicanálise e a Pediatria. A criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura, conquista seu lugar na sociedade e na família, cabendo assim, a alguns ramos da ciência moderna,

estudá-la e compreender suas características como um indivíduo em desenvolvimento. Para com isto poder identificar e construir formas mais adequadas de gerir sua educação.

Novas ciências como a Psicanálise, a Pediatria, a Psicologia, consagram-se nos problemas da infância e suas descobertas são transmitidas aos pais através de uma vasta literatura de vulgarização. Nosso mundo é obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância. (ARIÈS, 1981, p. 276).

Como consequência desta evolução, podemos dizer que a sociedade do século XX privilegiou, como nunca se vira, a infância em detrimento das demais “idades da vida”.

É neste ponto que a Psicanálise assume o centro da investigação da mente e comportamentos infantis. Primeiro por meio das lembranças encobertas nos adultos, depois pela própria psicanálise de crianças.

2 DAS DESCOBERTAS FREUDIANAS SOBRE A INFÂNCIA À PSICANÁLISE DE CRIANÇAS

A importância da infância na Psicanálise começa com a descoberta de Freud sobre o infantil no inconsciente de seus pacientes adultos. Fato este que o conduziu à escrita do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil” (1905/1987b) e a atentar-se para o desenvolvimento infantil.

Em 1909, Freud publica “Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos”, o pequeno Hans como ficou conhecido, caso este conduzido pelo próprio pai do menino que realizou sua análise sob a supervisão de Freud. Com base nesta experiência, Freud (1909/1987, p. 15) concluiu que:

O caso clínico, estritamente falando, não provém de minha própria observação. É verdade que assentei as linhas gerais do tratamento e que numa única ocasião, na qual tive uma conversa com o menino, participei diretamente dele; no entanto, o próprio tratamento foi efetuado pelo pai da criança, sendo a ele que devo meus agradecimentos mais sinceros por me permitir publicar suas observações acerca do caso. Todavia, sua ajuda ultrapassa esta contribuição. Ninguém mais poderia, em minha opinião, ter persuadido a criança a fazer quaisquer declarações como as dela; o conhecimento especial pelo qual ele foi capaz de interpretar as observações feitas por seu filho de cinco anos era indispensável; sem ele as dificuldades técnicas no caminho da aplicação da psicanálise numa criança tão jovem como essa teriam sido incontornáveis. Só porque a autoridade de um pai e a de um médico se uniam numa só pessoa, e porque nela se combinava o carinho afetivo com o interesse científico, é que se pôde, neste único exemplo, aplicar o método em uma utilização para a qual ele próprio não se teria prestado, fossem as coisas diferentes.

Embora Freud tenha lançado as bases da Psicanálise de crianças ao apresentar o caso Hans, segundo a psicanalista argentina Aberastury (1982), ele não apresentou os fundamentos técnicos para o tratamento deste tipo de paciente, valendo-se apenas de uma adaptação técnica empregada com adultos. Além disso, ao recomendar que a análise fosse realizada pelo próprio pai, inviabilizou a utilização da transferência como elemento central da análise. Porém, fixou as bases para a compreensão da linguagem pré-verbal e para a utilização da interpretação na análise de crianças, mas não para uso da transferência como instrumento técnico. Uma grande contribuição deste caso foi mostrar a repercussão que tiveram as situações traumáticas no desenvolvimento do menino, o qual apresentava uma fobia de cavalos que remetia ao seu Complexo de Édipo e à ansiedade de castração, como se expressaram durante o tratamento e como evoluíram até chegar à cura. Além disso, a autora acrescenta que, este trabalho teve o

mérito de demonstrar que a aplicação da técnica psicanalítica a uma criança tão pequena não causava prejuízo algum ao seu desenvolvimento, como se presumia até então.

A este caso veio somar, em 1913, o artigo “Um Pequeno Homem Galo”, de Sándor Ferenczi (1913/1992), no qual ele analisa Arpard, uma criança de cinco anos, que apresentava fobia de galos. Barros (1996), a esse respeito, encontra alguns pontos de convergência e divergência com Freud:

- **Convergências:** uma evidente aproximação entre os dois casos, no que concerne à natureza dos sintomas. Ambos apresentavam fobia de animais. No primeiro caso de cavalos e no segundo de galos, em decorrência de uma ansiedade de castração deflagrada pela ameaça dos pais.
- **Divergências:** a docilidade e cooperação de Hans, que se esforçava em produzir associações que seriam relatadas a Freud, são substituídas em Arpard por um comportamento agressivo e hostil. Em Arpard, as fantasias comunicavam a existência de um mundo mental povoado por objetos bem menos amistosos do que se imaginava até então.

2.1 A Psicanálise da Criança sob o olhar de Melanie Klein e Anna Freud

Após essas contribuições iniciais, a psicanálise de crianças ainda continuou a ser vista com certa desconfiança. Freud preconizara que a psicanálise era um procedimento pouco apropriado para o tratamento de crianças; assim sendo, só retomou o tema, com um posicionamento um pouco mais otimista em 1933, quando fundamentos e técnicas da análise de crianças já haviam sido desenvolvidos por Melanie Klein e Anna Freud. Ainda assim, Freud recomenda cautela, e de maneira velada, faz críticas à Melanie Klein defendendo os fundamentos desenvolvidos por sua filha, alegando que “[...] a criança pequena não possui superego, o método da associação livre não tem muita razão de ser, a transferência (porquanto os pais reais ainda estão em evidência) desempenha um papel diferente” (FREUD, 1933/1987, p. 181).

Apreciando melhor a citação acima, pode-se ter o entendimento do ponto de vista técnico de que existem dois tipos de psicanálise: uma de adultos, construída e consolidada por Freud; e outra de crianças, construída e consolidada por Melanie Klein e Anna Freud. Mas, na verdade, se fizermos um retrospecto histórico detalhado das obras de ambos os autores,

chegaremos à conclusão apresentada por Zornig (2000), baseando-se na afirmação de que a dicotomia entre psicanálise de adultos e de crianças é justificada por uma variação na forma de abordar o infantil, seja no adulto seja na criança.

Melanie Klein, em seu texto “Princípios Psicológicos da Análise de Crianças” (1926), nos contempla com uma afirmação que contrapõe a existência de tal dicotomia:

Assim, como os meios de expressão da criança diferem dos do adulto, assim também a situação analítica, na análise de crianças, aparece inteiramente diferente. Mas é, todavia, em ambos os casos, essencialmente a mesma. Interpretações consistentes, solução gradual das resistências, e persistente ligação da transferência às situações primitivas – estas constituem nas crianças como nos adultos a correta situação analítica. (1926/1996, p. 161).

Evidentemente que essa questão se coloca muito além da proposta desta pesquisa, cabendo apenas demonstrar, neste momento, o percurso histórico da análise de crianças na psicanálise e sua viabilidade técnica.

Os primeiros passos, na direção da aplicação da psicanálise a crianças, começam na primeira década do século XX, por Hermine Von Hug-Helmuth, estimulada por Freud. O pai da psicanálise lhe confiou a seção dedicada à psicanálise de crianças na *Revista Imago*. Sendo assim, tornou-se, antes dele, a primeira clínica no campo. Desenvolvia atividades de jogos e desenhos, publicando artigos sobre o tema (ROUDINESCO; PLON, 1998). Em 1921, Helmuth publica o artigo “On the Technique of Child Analysis”, que segundo Petot (1979/2005, p. 92), “[...] é um verdadeiro catálogo das razões pelas quais é impossível se psicanalisar uma criança e que justifica o emprego de um método educativo e curativo de inspiração psicanalítica”.

Anna Freud estava começando o trabalho com crianças aproximadamente na mesma época. Ambas adotavam uma linha basicamente pedagógica.

Em 1927, Anna Freud publica o livro *O Tratamento Psicanalítico de Crianças*, fruto do trabalho que vinha desenvolvendo desde o início da década de 1920. Neste trabalho, a autora expõe seu posicionamento diante da psicanálise de crianças, apontando as características básicas que definem a técnica por ela empregada.

De acordo com Anna Freud, a análise de uma criança não deveria começar antes dos quatro anos de idade nem ser conduzida diretamente, mas sim por intermédio de um trabalho pedagógico inicial, que ligasse de maneira consciente a criança ao analista e ao trabalho analítico. Fundamentava sua técnica principalmente nos desenhos e sonhos que a criança trazia, e a função inicial pedagógica do analista conduziria a criança a cooperar com o analista

trazendo material em forma de sonhos e associações posteriores. Considerava a dimensão social e profilática de seu trabalho seu principal referencial, colocando a orientação da família e da escola como uma das funções da psicanálise de crianças, e não somente a realidade psíquica e pulsional da criança como Klein salientava em seu trabalho.

Posteriormente, Anna Freud, consolidava teoricamente tais dimensões de seu trabalho com crianças, apresentado acima, em seu livro, de 1936, intitulado *Ego e os mecanismos de defesa*.

Espanta-se quem verifica que o volume de trabalhos estritamente psicanalíticos e informações em relação à analista Anna Freud é bem inferior se comparado ao volume dos trabalhos e informações similares a Klein. Tal constatação justifica-se ao verificarmos os dados históricos que relatam o fato da filha de Freud ter migrado para os EUA. Em conjunto com os vienenses exilados, auxiliou na criação e desenvolvimento da chamada Psicologia do Ego², em uma tentativa de defender e honrar o nome de Freud em oposição aos kleinianos que dominaram parte da psicanálise européia e sua difusão no mundo.

Já a entrada de Melanie Klein na Psicanálise se fez por meio da chamada educação psicanalítica realizada em seu próprio filho. Trabalho publicado em 1921 sob o título de *O desenvolvimento de uma criança*, que marca a entrada da analista na Sociedade de Psicanálise de Budapeste.

Muitos problemas se formaram até que esta modalidade de atendimento infantil se desenvolvesse e se consolidasse.

Os primeiros problemas a serem superados na psicanálise de crianças eram dificuldades técnicas. Presumia-se que a criança não possuía noção de doença como o adulto, com presença de sintomas psíquicos. Essa falta de noção, não despertaria motivação pelo trabalho analítico. Contudo, Klein observou que a criança sofre constantemente de angústia. A angústia seria um fator suficientemente forte para levar uma criança a enfrentar uma análise e se tornar cooperativa. Outra objeção era a de que não se podia pedir para uma criança se deitar no divã e associar livremente. Para superar essa dificuldade, Klein desdobra seu primeiro toque criativo. Observa que o primeiro modo de expressão da criança é o brincar, uma atividade natural, que manifesta aspectos inconscientes e revela algo da situação infantil, se interpretado de maneira adequada.

² Trata-se de uma das grandes correntes da história do freudismo norte-americano. Desenvolveu-se a partir de 1939, no interior da IPA. Encontra-se mais próxima da doutrina clássica de Freud, embora proceda a uma revisão completa da segunda tópica. Preconiza que o eu se autonomiza ao controlar suas pulsões primitivas, o que lhe permite conquistar sua independência frente a realidade externa.

A princípio, a analista atendia no próprio domicílio da família da criança, usando os próprios brinquedos da criança. Posteriormente, passou a atender em seu consultório, em sala especial, com material privativo para cada criança (1955). Klein intuiu que o brincar poderia ser uma expressão final de processos mais profundos, inconscientes, cujo dinamismo seria semelhante ao dos sonhos. Assim, processos psíquicos que Freud já desvendara ao interpretar os sonhos (1900), como deslocamento, condensação, representação verbal pela visual e, principalmente, a simbolização, foram utilizados por Klein para desvendar o sentido oculto do brincar.

O caso Rita (KLEIN, 1923/1996) apresenta quase que simultaneamente, segundo Petot (1979/2005, p. 82), a invenção da técnica do brincar. Quando foi pedido a Melanie Klein que atendesse a pequena que ainda iria completar três anos de idade, a mesma já sofria de perturbações neuróticas graves há um ano. Embora parecesse forte e inteligente, apresentava uma inibição do brincar. Era muito difícil de ser educada e seus pais estavam sempre desorientados por sua oscilação entre uma prudência excessiva e uma maldade desenfreada.

Levando em conta a idade da pequena e sua dificuldade em separar-se da mãe, Klein empreendeu a análise da criança na casa dos pais, no quarto da criança, sob uma inquieta vigilância da família. No relato do caso a autora deixa transparecer sua extrema ansiedade em lidar com tal situação inusitada:

Eu estava verdadeiramente em dúvida: como abordar este caso? A análise de uma criança tão pequena era uma experiência inteiramente nova. A primeira sessão pareceu confirmar minhas apreensões. Rita, ao ficar sozinha comigo em seu quarto, mostrou imediatamente sinais do que considerei uma transferência negativa; estava ansiosa e calada e logo depois pediu para sair para o jardim. Concordei e fui com ela – devo acrescentar sob os olhares vigilantes da mãe e da tia, que tomaram o fato como sinal de insucesso. Ficaram muito surpresas ao constatar que Rita se mostrava bastante amistosa comigo quando regressamos ao seu quarto, uns dez ou quinze minutos depois. A explicação dessa modificação estava em que, enquanto ficamos fora, eu interpretava sua transferência negativa (sendo isso também contra a prática habitual) das poucas palavras que ela dissera, parecera menos atemorizada do que quando estivemos fora: daí concluíra que ela estava particularmente receosa de alguma coisa que eu poderia fazer-lhe quando estivesse sozinha comigo no quarto. Interpretei-lhe isto e, aproximando o fato com seus terrores noturnos, avizinhei sua suspeita em relação a mim, sentida como uma estranha hostil, com seu temor de que uma mulher má a atacasse quando estivesse sozinha à noite. Quando, alguns minutos depois desta interpretação, sugeri que voltássemos ao quarto, ela aceitou de bom grado. (KLEIN, 1955/1991, p. 152).

Seguindo o estudo de Petot sobre a obra de Klein e a citação acima, percebemos, de modo geral, as contribuições que a pequena paciente trouxe à autora em sua descoberta da técnica do brincar. De acordo com Petot (1979/2005, p. 88): “A técnica do brincar sugerida por Rita só foi verdadeiramente inventada por Melanie Klein, quer dizer, utilizada

deliberadamente por iniciativa do analista, após o final da análise de Rita ou, pelo menos, em uma época em que seu tratamento estava próximo ao fim”.

Todas essas ideias foram severamente criticadas, mas não cessaram o trabalho de Melanie Klein. Em 1927, a autora apresenta o artigo “Simpósio sobre Análise de Crianças”. Em resumo, o artigo mostra a posição dos principais analistas de crianças da época. Destaca as diferenças entre Klein e esses analistas, especialmente Anna Freud, e marca, de forma bem nítida, as posições, os fundamentos e as técnicas de Klein, dos quais a analista e seus seguidores não se afastaram jamais.

Simon (1986) aponta algumas das principais críticas discutidas por Klein neste artigo. Klein concentra suas argumentações como resposta ao/e sobre o livro de Anna Freud que aborda o tratamento psicanalítico de crianças. Klein direciona suas críticas à Anna pautada no fato da mesma não aprofundar sua análise e não analisar a situação edipiana inconsciente, com medo de liberar impulsos que a criança não conseguiria controlar, devido à fragilidade de seu superego. Por essa razão, assumia uma postura educativa e só tratava crianças na idade de latência, fase na qual o superego já estaria mais estruturado.

Klein também a criticava por não acreditar no estabelecimento da situação analítica, evitando a transferência negativa, utilizando-se somente da transferência positiva para ligar a criança a si. Vale recordar que Anna Freud embasava seu trabalho considerando que não há possibilidade de trabalho analítico completo, porque a criança tem poucos recursos verbais para a associação livre.

Anna Freud também rejeitava a ludoterapia, preferindo desenhos e associações sobre os sonhos da criança, não acreditando que o motivo principal para a criança brincar seja simbólico e que o brincar corresponda à associação verbal do adulto. Postulava, ainda, que a criança não criava neurose de transferência, presumindo que o superego da criança se formava lentamente e que a influência pedagógica exercida pelo analista pode modificar o superego da criança. Nesse contexto, acreditava que o analista deveria, portanto, tomar a dupla função de analisar e educar, preconizando que o mesmo deveria assumir a direção da personalidade da criança.

Com o passar do tempo, Anna Freud acabou dando razão à sua oponente sob vários aspectos, descartando a função educativa do analista. Assim, passou a atender crianças abaixo do período de latência, até com dois anos de idade. E também aceitou a técnica lúdica como necessária e ampliou os tipos de distúrbios aceitos para tratamento.

Não nos compete, nesse momento, prolongar a discussão sobre as divergências entre Melanie Klein e Anna Freud. Cabe-nos, apenas, indagar que foi com base nessas duas escolas psicanalíticas, que muitos progressos foram alcançados na psicanálise infantil.

Esther Bick, em seu artigo datado de 1962, intitulado “Análise de Crianças Hoje”, atesta este progresso citando alguns fatos concretos:

[...] um exemplo disso é o fato de se ter ampliado o espectro de crianças que se considera apropriadas para o tratamento analítico: a técnica psicanalítica agora é de uso geral, embora muitas vezes de forma modificada; a importância das interpretações tem sido amplamente aceita e há um maior reconhecimento da abordagem psicanalítica na formação de psicoterapeutas e psiquiatras de crianças. (BICK, 1962, p. 186).

Spillus (1988/1990), na introdução da terceira parte do livro *Melanie Klein Hoje*, considera que a psicanálise de crianças viveu um período promissor até o início da década de 1950, passando por um período de estagnação, e a análise de psicóticos passou a primeiro plano na pesquisa psicanalítica durante os anos seguintes.

Vários trabalhos deste período até os dias de hoje merecem destaque, seja na psicanálise de crianças seja em áreas correlatas nela inspiradas. Entre os trabalhos de inspiração kleiniana encontra-se o de Esther Bick que, em 1964, desenvolve a técnica de observação psicanalítica da relação mãe-bebê, a qual consiste em uma observação semanal da dupla mãe-bebê, realizada em casa, durante o primeiro ano de vida. Há, também, os estudos de Francis Tustin (1972/1975, 1981/1984, 1990/1992) e Anne Alvarez (1992/1994), que têm se dedicado ao tratamento de crianças autistas, psicóticas *borderlines*, demonstrando a viabilidade de intervenções psicanalíticas no tratamento desses estados mentais.

Em linhas abreviadas, procuramos apresentar os trabalhos que marcaram os principais fundamentos da análise infantil mundial e que, em nosso entendimento, tiveram reflexo sobre o pensamento psicanalítico brasileiro.

3 OS PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE NO BRASIL

As ideias de Freud encontraram interesse precoce no Brasil. Foi Juliano Moreira (1899), no final do século XIX, o primeiro teórico nacional a citar o pai da psicanálise. Mas somente a partir da década de 20 do século passado é que o interesse pela psicanálise contamina os teóricos nacionais, especialmente médicos psiquiatras, que viam na nova ciência, um embasamento teórico-técnico capaz de influenciar as práticas terapêuticas no Brasil (PERESTRELLO, 1986/1992).

Essa parte da história foi marcada por iniciativas pioneiras na divulgação da psicanálise na educação, na antropologia e na literatura em vários estados do país. Porém, somente com a criação das Sociedades de Psicanálise, primeiro em São Paulo, depois no Rio de Janeiro, que a possibilidade de aplicação terapêutica da psicanálise em toda sua amplitude tornou-se real.

Percebe-se, desta maneira, que a evolução da psicanálise no Brasil, teve duas fases, indo desde a divulgação de ideias psicanalíticas nos círculos cultural e científico, até a formação de psicanalistas em nosso meio.

Embora contribuições para a divulgação da psicanálise em nosso país tenham vindo de vários estados brasileiros, como São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco, abordaremos os pontos principais das origens da psicanálise no Brasil, somente naqueles Estados em que a psicanálise de crianças teve maior repercussão e desenvolvimento, o que concerne ao nosso objetivo de delinear a produção científica acerca da análise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Para isto, consultaremos os trabalhos de Marialzira Perestrello (1986, 1987, 1991/1992, 1994 e 1995) e Elisabete Mokrejs (1993), que desenvolveram uma pesquisa minuciosa sobre as origens da psicanálise no Brasil. A riqueza de detalhes encontrada nos trabalhos dessas autoras nos fascina e nos leva a ‘cair na tentação’ de citar todos os dados neles contidos. Restringir-nos-emos, entretanto, apenas à citação dos acontecimentos mais marcantes sobre a evolução da psicanálise nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mesmo correndo o risco de negligenciarmos fatos importantes.

3.1 Os Primórdios da Psicanálise em São Paulo

A difusão das ideias psicanalíticas em São Paulo iniciou-se com Francisco Franco da Rocha (1864-1933), psiquiatra conceituado, professor da Faculdade de Medicina de São Paulo, além de idealizador e diretor do Hospital Juqueri. Durante a década de 1920, publicou vários trabalhos contendo ideias iniciais de Freud. Entre seus escritos de maior repercussão, encontra-se *O panssexualismo na doutrina de Freud* (1920), cuja nova publicação no ano de 1930 teve o título abreviado para *A doutrina de Freud*. As primeiras ideias desse autor foram fortemente criticadas, levando-o a ser considerado como louco e a passar por sérios constrangimentos.

Em seguida, surge Durval Marcondes (1899-1981), que recebeu forte influência de Franco da Rocha, do qual herdou grande interesse e entusiasmo pela psicanálise. Marcondes era médico e apresentou seu primeiro trabalho de cunho psicanalítico em 1926, o qual recebeu o nome de “O simbolismo estético na literatura: ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise”. Este trabalho lhe rendeu elogios de Freud, que teve acesso ao artigo.

Baluartes da psicanálise brasileira, Marcondes organizou, em 1927, a primeira Sociedade de Psicanálise do Brasil, que tinha como função promover a divulgação da psicanálise na sociedade paulistana. Prematuramente, a embrionária Sociedade, teve sua extinção durante os anos seguintes.

A este acontecimento se junta, em 1928, a publicação do primeiro volume da *Revista Brasileira de Psychanalyse*, que reunia textos psicanalíticos produzidos por autores nacionais, cujo principal objetivo consistia na divulgação dos mesmos. Esta publicação, de maneira efêmera, teve sua extinção após a publicação do primeiro volume.

Após tentativas de introduzir a psicanálise enquanto ciência no meio acadêmico e social, Marcondes faz campanha junto à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), para o envio de um analista didata ao Brasil. Após infrutíferas tentativas, fica acertado com Ernest Jones, então presidente da IPA, que a Dra. Adelheid Koch (1896-1980), analista didata habilitada pela IPA, formada pela Sociedade Psicanalítica de Berlim, viria para o Brasil, com o intuito de formar analistas, marcando uma nova fase na psicanálise brasileira, fato que ocorreu em 1936 com a chegada de Adelheid Koch a São Paulo. Com isso, São Paulo passa a ser o foco da psicanálise latino-americana.

Em 1937, forma-se ao redor da Dra. Koch um primeiro grupo de analisandos: Durval Marcondes, Virgínia Bicudo, Flávio Dias, Darcy de Mendonça Uchoa e pouco depois Frank Philips e Lygia Amaral.

Este primeiro grupo, em 1943, pleiteia seu reconhecimento junto à IPA. Reconhecimento alcançado no final do mesmo ano, constituído oficialmente em junho de 1944, com o nome de Grupo Psicanalítico de São Paulo.

No ano de 1949 ocorre um crescimento interno do grupo, devido à adesão de novos membros, o que favorece a aceitação do pedido, feito a Jones, em 1945, a respeito da transformação do Grupo Psicanalítico de São Paulo para Sociedade componente da IPA, que se concretiza somente em 1951, durante o Encontro anual daquela Instituição em Amsterdã.

Conquistas externas também contribuíram para a consolidação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, tanto no âmbito social, quanto no científico.

Um exemplo de inserção social da psicanálise, e do grupo em si, foi à criação, em 1938, da Seção de Higiene Mental Escolar, vinculada ao Departamento de Educação do Estado de São Paulo. Iniciativa de Marcondes, essa seção tinha como objetivo prestar assistência a crianças em idade escolar que apresentassem distúrbios de personalidade e de conduta, tentando, assim, evitar o desenvolvimento de neuroses na vida adulta.

Dentro do campo médico, as conquistas da psicanálise se configuraram de maneira controversa. Apesar de a psicanálise ter se iniciado dentro da Faculdade de Medicina de São Paulo, ela não encontrou mais ressonância nessa Instituição. Este fato se deve à vitória de Antonio Carlos Pacheco e Silva, na disputa pela cadeira de psiquiatria na Faculdade de Medicina de São Paulo. Pacheco defendia a psiquiatria clássica, combatendo veementemente seu concorrente, Durval Marcondes, fiel às ideias psicanalíticas. Ao observarmos relatos desta disputa, percebemos nas entrelinhas, que não se tratava de uma disputa pela cadeira de psiquiatria, e sim uma disputa viva até hoje entre psiquiatria e psicanálise (MONTAGNA, 1994).

As consequências deste antagonismo fizeram-se sentir em 1954, quando a Faculdade de Medicina de São Paulo organiza o Primeiro Congresso Latino-americano de Saúde Mental, no qual se encontraram vários psicanalistas tanto de São Paulo, quanto do Rio de Janeiro. Fizeram-se presentes, também, psicanalistas argentinos como Pichon Rivière e psiquiatras da Instituição promotora do evento.

Os psiquiatras fizeram duras críticas aos profissionais que não possuíam formação médica e exerciam a psicanálise. Confirmando-se que o ataque era à Psicanálise e não aos profissionais que a exerciam, dentro de um antagonismo calcado em disputas científicas e

de espaço institucional, que perduram até a atualidade. Apesar destas divergências a psicanálise encontra amplo espaço para desenvolver-se em São Paulo, conforme destaca Montagna (1994, p. 39):

Neste congresso observamos uma psiquiatria paulista que, ao se mostrar para o continente, não podia prescindir da psicanálise e da experiência de seus participantes, em São Paulo. Mas notamos, também, uma psiquiatria “ciumenta” dos vãos próprios do movimento psicanalítico.

Hoje, São Paulo continua sendo o celeiro de expressiva produção psicanalítica brasileira, o que instiga a investigação de novos desdobramentos, mas que não fazem parte desta pesquisa.

3.2 Os Primórdios da Psicanálise no Rio de Janeiro

As primeiras manifestações da psicanálise neste Estado contaram com a contribuição de Porto Carreiro (1887-1937), médico, professor catedrático de Medicina Legal da Universidade do Rio de Janeiro, membro honorário da Academia Nacional de Medicina, e um apaixonado pela psicanálise. Seu principal êxito repousa sobre a divulgação das ideias freudianas e pela iniciativa bastante precoce da aplicação do método psicanalítico.

Entre seus principais trabalhos de cunho psicanalítico publicados destacam-se *Ensaio de Psychanalyse* (1929) e *Psychanalyse de uma Civilização* (1933). Outros trabalhos de peso do autor em relação à psicanálise e à educação, publicou: *A criança problema* (1934) e *A Psicanálise na educação* (1934).

Outro nome importante no desenvolvimento da psicanálise no Rio de Janeiro foi o de Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949), médico, professor de Antropologia e Etnologia na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, professor de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal, e chefe do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO. Também chefiou a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, órgão ligado ao Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal. Homem erudito, Pereira dominava as línguas inglesa, francesa e alemã, o que lhe garantiu relativa facilidade para entrar em contato com os textos de Freud e de seus seguidores, sem ter que recorrer a traduções e comentários. Entre seus principais escritos psicanalíticos encontra-se: *Sordície nos alienados: ensaio de uma psicopatologia da imundície* (1928).

Convicto da importância da psicanálise para a compreensão da conduta humana, Pereira explorou a obra de Freud tentando compreender a lógica inerente às diferentes manifestações do ser humano, indo desde a loucura até o folclore, passando pelo comportamento infantil.

Em bons termos, a produção psicanalítica no Rio de Janeiro foi bastante rica e eclética, passando por diferentes áreas do conhecimento, como Educação, Criminologia e Antropologia. Porém, no âmbito institucional, as construções ocorreram de maneira mais lenta que em São Paulo.

O processo de institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro situa-se no ano de 1928, com a criação de uma sucursal da então Sociedade Brasileira de Psicanálise, implantada em São Paulo um ano antes. Juliano Moreira presidiu o grupo e Porto Carreiro foi o secretário.

O grupo teve como principal objetivo, tal qual em São Paulo, promover a divulgação da teoria psicanalítica na sociedade carioca. A filial carioca, também não obteve sucesso, tendo ocorrido sua extinção, aproximadamente um ano após sua fundação.

Em 1940, psiquiatras desejavam obter a formação psicanalítica. Reforçados pela criação, em 1944, do Centro de Estudos Juliano Moreira, formado por psiquiatras do Serviço Nacional de Doença Mental. Entre os quais estava Marialzira Perestrello, que nos auxilia na reconstrução da colcha de retalhos que é a História da Psicanálise no Brasil.

Iniciam-se, nesse momento, tentativas de atrair para a capital carioca, analistas habilitados pela IPA, que pudessem conduzir a formação analítica de possíveis candidatos.

O grupo liderado por Danilo Perestrello, iniciou encontros com analistas argentinos, para que os mesmos proferissem palestras no Centro Juliano Moreira. Um dos analistas argentinos que visitaram o Rio de Janeiro foi Arnaldo Rascovsky.

Entretanto, a sondagem acerca de analistas didatas estrangeiros que viessem a residir no Rio de Janeiro para a formação de analistas não encontrou êxito. Vários analistas estrangeiros foram sondados, entre eles Georg Giro (Nova Iorque) e Daniel Lagache (França).

Após inúmeras tentativas sem êxito, inviabilizando a formação de analistas no Rio de Janeiro por mais algum tempo, um grupo de psiquiatras decide imigrar para a Argentina em busca de formação. Assim, em 1947, Danilo Perestrello, Marialzira Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira foram somar-se a Alcyon Bahia, também do Rio de Janeiro, e a Manoel e Zaira Martins, de Porto Alegre, que já se encontravam em formação na Associação Psicanalítica Argentina.

O objetivo do grupo carioca, de trazer para o Rio de Janeiro um analista didata, permaneceu mesmo com a imigração de alguns membros para a Argentina. O grupo remanescente no Rio de Janeiro continuou com a empreitada, quando em 1947, sob a coordenação de Domício Arruda Câmara, funda-se o Instituto Brasileiro de Psicanálise. Inicia-se contato com Jones, então presidente da IPA, para que indicasse um analista didata disposto a instalar-se no Rio de Janeiro.

Com êxito, o grupo carioca acerta com o polonês de formação kleiniana, Mark Burk. O analista polonês chega ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1948. Em dezembro do mesmo ano, um segundo analista vem a fixar residência no Rio de Janeiro. Werner Kemper, médico de origem alemã, que no ano seguinte iniciou a análise de um novo grupo de candidatos e passou a ministrar seminários teóricos junto a Burk.

Apesar desse grande salto no desenvolvimento da psicanálise no Rio de Janeiro, as divergências logo começaram entre os dois analistas didatas, pois Kemper nomeia sua esposa Katrim Kemper analista didata, sem que a mesma possuísse formação para isto. Burk questiona essa nomeação, mas Kemper mantém sua decisão.

Surge um fosso defensivo entre os dois grupos, que o tempo não se incumbiu de desfazer, culminando na criação de duas Sociedades Independentes reconhecidas pela IPA no Rio de Janeiro, a saber: Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Vislumbremos como se processaram os acontecimentos até que as duas sociedades fossem reconhecidas pela IPA.

Junto a esses dois grupos, une-se um terceiro grupo, formado pelos analistas que haviam feito sua formação na Argentina e que agora estavam de volta.

Definidas afinidades e discordâncias, os grupos puderam desenvolver atividades separadamente em busca de reconhecimento interno pelos segmentos social e científico do Rio de Janeiro, e externo pela IPA.

O grupo de Kemper, em 1953, obteve o reconhecimento provisório da IPA na categoria de Grupo de Estudos, sob o patrocínio da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, sendo promovido à categoria de Sociedade Independente, em 1955, no XIX Congresso Internacional de Psicanálise, que teve lugar em Genebra. Desta forma, o movimento psicanalítico iniciado no Rio de Janeiro, desde a década de 20, atinge o tão almejado reconhecimento com a criação de sua primeira Sociedade.

Já o grupo de Burk, enfrentou sérios problemas. Burk adoece e se vê forçado a retornar a Londres. Seus analisandos se dividiram devido às circunstâncias, já que ainda estavam em formação. Uma parte do grupo foi para Londres concluir sua formação, outros se

dirigiram à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Em 1957, durante o XX Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido em Paris, este grupo atinge o status de Grupo de Estudos sob o patrocínio e a supervisão da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Em 1959, alcança o reconhecimento definitivo junto à IPA, durante o XXI Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Copenhague, com a criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Diante de conturbada história que tange ao desenvolvimento da Psicanálise no Rio de Janeiro, vemos frutíferas contribuições. Contar com duas Sociedades de Psicanálise e dispor de psicanalistas de diferentes centros de formação sob a influência de várias correntes psicanalíticas fez do Rio de Janeiro um importante centro de construção e aplicação da psicanálise em vários ramos da ciência contemporânea.

3.3 A História da Psicanálise de Crianças no Brasil

Estabelecidos os meandros que cercam a história da psicanálise no Brasil, podemos partir para um dos eixos centrais desta pesquisa. Para tal tarefa, acompanharemos de perto, o livro de Jorge Luís Ferreira Abrão: *A História da Psicanálise de Crianças no Brasil* (2001). O estudo deste autor torna-se referência sobre o assunto, pois, de forma qualitativa, discorre sobre os principais eventos que caracterizaram o desenvolvimento histórico da psicanálise de crianças em nosso país. Desde sua origem até a implantação e consolidação desta modalidade de atendimento à criança dentro das sociedades de psicanálise.

Abrão, valendo-se de um raciocínio silogístico, pôde concluir que a evolução da psicanálise de crianças no Brasil percorreu etapas semelhantes às que foram trilhadas pelo movimento principal da psicanálise. Nessa perspectiva, o autor divide em quatro períodos históricos o desenvolvimento da psicanálise de crianças no Brasil.

O primeiro destes períodos, delimitado a partir da década de 1930, refere-se à divulgação de informações teóricas relativas à psicanálise de crianças, promovido por alguns precursores, entre os quais se destacam Deodato de Moraes, Júlio Pires Porto-Carrero, Arthur Ramos de Araújo Pereira, Hosannah de Oliveira, Gastão Pereira da Silva e Pedro de Alcântara.

Utilizando-nos de um trecho do livro de Abrão, é possível compreendermos, de maneira clara, a importância desses autores para a difusão das primeiras formulações teóricas

sobre psicanálise de crianças, que começava a surgir no continente europeu, no meio científico e cultural brasileiro.

Tomemos o trecho: “Trata-se de um período marcado pela iniciativa e determinação de alguns devotados à causa psicanalítica, que não mediam esforços para compreender a teoria freudiana e expandir suas fronteiras” (ABRÃO, 2001, p. 212-213).

Analisando os trabalhos destes autores, Abrão pôde evidenciar que eles não se apropriavam da psicanálise de crianças como um instrumento terapêutico que lhes conferisse uma identidade profissional. Ao contrário, tomavam esses conhecimentos como um sistema teórico passível de ser aplicado a diferentes áreas do saber.

Desta forma, as questões clínicas ficaram relegadas a um segundo plano. De acordo com Abrão (2001, p. 213):

Provavelmente, esta característica decorre da dificuldade ou mesmo da impossibilidade de se conduzir um trabalho de natureza clínica em psicanálise de crianças, haja vista que nesta ocasião não havia no país pessoas com formação que pudessem desempenhar tal tarefa, além do que a psicanálise de crianças sempre foi entendida como um procedimento bem mais complexo do que a psicanálise de adultos.

A educação da criança, seja na família seja no âmbito escolar, recebeu maior atenção dos precursores da psicanálise de crianças no Brasil. Na tentativa de explicar este fato, o autor completa “[...] podemos aventar a hipótese de que a seleção deste assunto ocorreu por ser o tema da educação de crianças, inspirado na psicanálise, de maior aceitação e de mais fácil aplicação, servindo, desta forma, ao propósito de divulgar a teoria psicanalítica” (ABRÃO, 2001, p. 213).

Em uma análise retrospectiva, Abrão considera que as principais contribuições dos precursores da psicanálise de crianças no Brasil residem em difundir no país as formulações psicanalíticas sobre a infância, conquistando credibilidade social e científica, o que serviu de alicerce para o surgimento de propostas de atendimento à criança, fundamentadas em princípios psicanalíticos.

Após apresentar os primeiros movimentos de aproximação entre teóricos brasileiros e a psicanálise de crianças, o autor caracteriza o segundo período como o de aplicação dos conhecimentos relativos à psicanálise de crianças à higiene mental escolar, por meio de clínicas de orientação infantil, que prestavam assistência ao escolar deficitário. Encontrou no trabalho desenvolvido nestas instituições, tanto no Rio de Janeiro, por intermédio da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, como em São Paulo, por meio da Seção de Higiene Mental

Escolar, o nascedouro de uma prática clínica com crianças, inspirada em princípios psicanalíticos.

Uma adenda se faz necessária para situarmos o momento histórico em que os serviços de Higiene Mental, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, surgiram.

Junto ao movimento “Escola Nova”, na década de 1930, foi instituída em setembro de 1933, junto ao Instituto de Pesquisas Educacionais do Departamento de Educação do Distrito Federal, a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental. Este serviço foi o primeiro de higiene mental no país e, provavelmente, na América Latina.

Com alguns anos de diferença, acompanhando o mesmo movimento que o Distrito Federal, foi criada em São Paulo, no ano de 1938, a Seção de Higiene Mental Escolar, integrante do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação do Estado de São Paulo.

Apesar de haver algumas diferenças entre as clínicas de orientação infantil de São Paulo e do Rio de Janeiro, os atendimentos desenvolvidos por ambas guardam algumas semelhanças, favorecendo o surgimento de uma prática em psicanálise de crianças. O trabalho desenvolvido por estas clínicas consistia em uma primeira etapa de avaliação diagnóstica, na qual a psicanálise e a psicologia eram elementos importantes. Uma segunda etapa relacionava-se à orientação a pais e educadores, com o intuito de repensar suas atitudes frente à criança.

Segundo Abrão (2001), a semelhança mais relevante se refere à distinção entre criança problema e criança deficiente, que na pedagogia tradicional recebiam o mesmo rótulo: o de criança anormal. Estes serviços entendiam que a criança problema, diferente da deficiente, encontrava dificuldades em conciliar suas necessidades individuais e o meio social em que estão inseridas. É no bojo desta concepção que o autor encontra o espaço para a implantação da psicanálise de crianças associada à higiene mental, prática que, em anos subsequentes, serviu de esteio para o surgimento da análise de crianças propriamente dita.

É neste período que a psicanálise de crianças inaugura uma nova forma de compreender a educação infantil, por meio da inclusão de preceitos psicanalíticos na assistência ao escolar deficitário. O principal foco dos profissionais que trabalhavam com a higiene mental escolar era o de propiciar a prevenção da doença mental, mediante a compreensão e assistência às manifestações sintomáticas da criança em idade escolar. Observa-se que as intervenções situavam-se no caráter profilático e apenas secundariamente assumiam funções terapêuticas.

Seguindo o raciocínio de Abrão (2001, p. 217), podemos concluir que:

[...] a partir desta iniciativa, concretizada nas clínicas de orientação infantil, a prevenção em saúde mental começou a ser praticada dentro da seara clínica, tendo na psicanálise seu principal pilar de sustentação, garantindo às crianças, que potencialmente poderiam torna-se neuróticas na vida adulta, a assistência necessária a suas manifestações afetivas durante a infância.

Um terceiro período, que começa a ser delineado a partir da década de 1950, marca o surgimento do que o autor definiu como psicoterapia psicanalítica de crianças. Praticada, a princípio, nas clínicas de orientação infantil, e pouco depois, em clínicas particulares.

Em São Paulo, tal iniciativa efetivou-se dentro da Clínica de Orientação Infantil mantida pelo serviço de Higiene Mental, mediante o atendimento ao escolar deficitário. Criada a Clínica de Orientação Infantil do Serviço de Higiene Mental, no final da década de 1930, institui-se um espaço privilegiado para a compreensão do universo psíquico da criança, abrangendo para o vértice emocional os problemas do escolar.

Em 1954, foi criada junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, o Curso de Especialização em Psicologia Clínica, que tinha o intuito de atender aos alunos do curso de Filosofia que desejavam aprofundar seus conhecimentos de psicologia iniciados na graduação e, principalmente, incursionar os interessados no exercício da psicologia clínica. O estágio supervisionado desenvolvido pelos alunos era realizado na Clínica de Orientação Infantil, já que a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo não dispunha de uma clínica psicológica para o desenvolvimento das atividades práticas do curso.

Em sua pesquisa histórica, Abrão conclui que os profissionais que atuavam na Clínica de Orientação Infantil do Serviço de Higiene Mental Escolar tiveram como meta a sua atuação e o aprimoramento profissional.

Outra característica que marcou a inserção da psicoterapia psicanalítica de crianças em São Paulo, segundo o autor, refere-se ao tipo de formação dos profissionais que atuavam nesta especialidade, que em sua maioria vinham dos cursos de Pedagogia e Filosofia, com posterior especialização em psicanálise.

No Rio de Janeiro, a psicoterapia psicanalítica encontrou um novo espaço para sua difusão e prática; em novas clínicas de orientação infantil, vinculadas a serviços psiquiátricos de assistência à criança.

Constata-se um afastamento do seio dos Serviços de Higiene Mental Escolar e, consecutivamente, da educação. A desarticulação do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental

destinou o cuidado à criança às Clínicas de Orientação Infantil do Departamento Nacional de Saúde Mental (DINSAM) e do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil.

Esta característica facilitou o trabalho terapêutico de psicoterapia psicanalítica oferecido aos pequenos pacientes. Inicialmente pautado no diagnóstico e na orientação, os profissionais que atuavam junto a essas instituições possuíam ou vieram a possuir formação analítica.

Seja em São Paulo ou [sic] no Rio de Janeiro, a etapa aqui descrita marca a mudança de perspectiva, altamente significativa, na forma como os conhecimentos relativos à psicanálise de crianças passaram a ser compreendidos e empregados no meio científico brasileiro. Dentro deste novo contexto, a psicanálise de crianças deixa de ser entendida, unicamente, como um instrumental teórico a serviço da profilaxia, afeita, portanto, as campanhas de higiene mental, para galgar um espaço na esfera psicoterapêutica, mediante a utilização de um sistema teórico e técnico capaz de promover o tratamento dos transtornos emocionais vividos pela criança. (ABRÃO, 2001, p. 219).

Graças à legitimação da forma de compreensão do psiquismo infantil, tanto no âmbito social quanto no científico, e à formação adequada de profissionais que começavam a incursionar-se pela análise infantil, a psicanálise de crianças pode ser abordada como um instrumental terapêutico. Delimitando, assim, um período denominado “psicoterapia psicanalítica de crianças”.

Uma quarta e última etapa explorada por Abrão, que vai da década de 1970 até os dias atuais, marca o exercício da psicanálise de crianças sob os auspícios das Sociedades de Psicanálise.

Este período é caracterizado pela formação de analistas de crianças, pela ampliação da atuação clínica e por uma maior produção teórica sobre o tema, sob orientação das Sociedades de Psicanálise.

Assim, a formação em psicanálise de crianças oscilou durante o tempo, da informalidade ao reconhecimento dos cursos de formação de analistas de crianças.

Um conjunto de profissionais interessados no tema buscou formação fora do país em centros especializados. Voltando ao Brasil, atuaram como divulgadores desta modalidade de atendimento psicanalítico. Ao redor desses analistas formou-se um grupo de profissionais interessados em análise infantil, engajados em uma prática clínica em psicoterapia psicanalítica, buscavam fundamentação teórica e técnica em análise de crianças. Entre esses profissionais destacam-se, no Rio de Janeiro, Décio Soares de Souza; em São Paulo, Virgínia Bicudo; e, em Porto Alegre, Zaira Martins.

Promovida a divulgação e a expansão da prática clínica com crianças, uma crescente demanda surgiu por cursos voltados à formação de profissionais preparados a exercer a

psicanálise de crianças. Esta crescente demanda de analistas e profissionais de áreas afins interessados no trabalho analítico com crianças começa a encontrar ressonância dentro das Sociedades de Psicanálise que, por sua vez, passam a promover cursos especializados sobre o tema. A promoção desses cursos teve início na década de 1960, e na década de 1980 a especialidade de psicanalistas de crianças é regulamentada e reconhecida oficialmente.

Abrão aponta que o período circunscrito pela atuação das Sociedades de Psicanálise marca a ampliação da prática clínica com crianças e o redirecionamento do local de execução desta prática.

No tocante ao primeiro ponto, o autor considera que, até os dias de hoje, embora a relação entre psicanálise de crianças e adultos indique uma significativa vantagem para a psicanálise de adultos, o número de analistas dedicados ao atendimento de crianças teve um aumento significativo ao longo das últimas três décadas; revelando a expansão desta modalidade de atividade clínica.

Com relação ao segundo ponto, Abrão observou um decréscimo do atendimento oferecido às crianças nas clínicas de Orientação Infantil, quando os psicanalistas responsáveis por esta prática começaram a afastar-se das referidas instituições e conduzir seu trabalho clínico com crianças quase exclusivamente em consultórios particulares.

A produção teórica sobre psicanálise de crianças no Brasil, agora demarcada pelas Sociedades de Psicanálise, marca um novo contexto.

Observa-se uma ampliação da produção teórica desenvolvida por meio da prática clínica com casos de psicose, autismo e de pacientes *borderlines*. Também se acrescentam matizes teóricas empregadas na prática clínica, juntamente com as contribuições de Melanie Klein, que já contava com uma vasta tradição no pensamento psicanalítico brasileiro, e de outros autores como Bion, Winnicott e Francis Tustin.

“Interrompe-se a narrativa, mas não o curso da história. A evolução da psicanálise de crianças no Brasil comporta ainda muitos desdobramentos aos quais não fizemos alusão” (ABRÃO, 2001, p. 222).

É com base nesta afirmação que surge a questão tão instigante que norteia nossa pesquisa. Muitos desdobramentos ainda cabem ao percurso dessa história. Valendo-se da pesquisa inovadora de Jorge Abrão sobre a *História da Psicanálise de Crianças no Brasil* (2001) – na qual o mesmo pontilha os aspectos mais tangíveis que marcaram a inserção da psicanálise de crianças no Brasil –, é que buscaremos demarcar a produção teórica relativa a esta modalidade psicanalítica em expansão no país, sob os auspícios das Sociedades de Psicanálise.

4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Pretendemos, neste capítulo, apresentar o percurso metodológico que embasa o presente trabalho. Para tal empreendimento, faremos, inicialmente, uma exposição dos argumentos que justificam a realização desta pesquisa, indicando sua relevância e sua importância. Na sequência, apresentaremos os objetivos e, por fim, o plano metodológico que norteou a pesquisa, desde a coleta de dados até a análise dos resultados.

4.1 Justificativa

Uma produção teórica significativa sobre infância inspirada em Psicanálise já foi construída como pudemos perceber. No Brasil, as primeiras produções teóricas que aspiravam à Psicanálise de Crianças datam da segunda década do século XX e eram aplicadas, principalmente, na educação, na psiquiatria e na psicologia.

O conhecimento psicanalítico também encontrou ressonância no meio acadêmico e cultural, culminando em uma prática bem estruturada que se reverteu em produção teórica. Mas é sob os auspícios das Sociedades de Psicanálise que esse ramo da ciência psicanalítica encontra maior ressonância para sua aplicação, divulgação, formação de analistas infantis e produção teórica, que apesar de não vultosa, tem se mostrado altamente expressiva.

Abrão (2001) faz um levantamento do número de artigos sobre Psicanálise de Crianças publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise*, entretanto, não aprofunda a discussão sobre as características teóricas e técnicas desta produção. Assim, constata que, publicados de maneira esparsa, os artigos que versam sobre a psicanálise de crianças, em sua maioria, encontram-se em dois volumes especiais, publicados nos anos de 1988 e 1996, cujo tema central era Psicanálise de Crianças e Adolescentes. O restante dos trabalhos encontram-se dispersos ao longo das outras edições.

Desta forma, desenvolver, no âmbito da presente pesquisa, um detalhado levantamento bibliográfico da produção teórica relativa à análise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*, poderá conduzir a uma maior caracterização da prática de Psicanálise de Crianças na atualidade.

Bicudo (1988), em artigo publicado na referida revista, discute, entre outros pontos, o início da Psicanálise de Crianças no Brasil, e considera que seu desenvolvimento em nosso país foi lento. Tal lentidão provinha de dois fatores: a formação de analistas de crianças ainda não estar regulamentada pela IPA e a insegurança dos psicanalistas em formar vínculo com a criança em processo de crescimento e totalmente dependente do adulto. À época da elaboração deste artigo, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo acabara de aprovar o Regulamento para a formação de analistas de crianças, com o objetivo de fortalecer uma importante área para prevenção, assistência e pesquisa sobre os fatores psíquicos.

Observamos, também, seguindo o percurso histórico apresentado pela autora acima citada, que a principal dificuldade na implantação e desenvolvimento da análise de crianças no Brasil provinha da falta de preparo dos analistas.

Neste mesmo contexto, Barros (1991) apresenta comentários sobre os primórdios da teoria e da técnica em análise de crianças, no mundo e no Brasil. Esclarece que Klein tem sido a principal referência para o trabalho com crianças no Brasil; porém, em sua opinião, houve bastante dificuldade na aplicação da técnica kleiniana entre os analistas, especialmente no período anterior à consolidação do Curso de formação de analistas de crianças na SBPSP.

Barros (1991) localiza a origem destes obstáculos na falta de artigos específicos sobre técnica, na leitura não sequencial dos trabalhos de Klein e nas diferenças culturais, o que culminou na dificuldade da incorporação de um modelo teórico corrente. Dificuldade esta que persiste até hoje.

Como foi dito anteriormente, acompanhamos o percurso da história da Psicanálise de Crianças até aqui, agora surge a questão que norteia a nossa pesquisa: qual o perfil da Psicanálise de Crianças no Brasil, hoje? Considerando-se que uma das maneiras de se refletir sobre tal questão é desenvolver uma análise da produção bibliográfica acerca do tema, propomos, então, a utilização de um dos periódicos de maior expressão e repercussão nacional e internacional de nosso país sobre Psicanálise: a *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Delimitar a produção bibliográfica na *Revista Brasileira de Psicanálise* acerca de Psicanálise de Criança torna-se, portanto, o cume da nossa pesquisa. Conjugado à proposta de pesquisar o número de artigos concernentes ao assunto: sobre o que versam estes artigos? (sobre técnica, teoria, teoria da técnica, casos clínicos, metapsicologia, etc); quais os autores mais citados? quais procedimentos técnicos mais utilizados? quais os temas mais abordados?

Traçar o perfil dos artigos publicados sobre análise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise* também poderá contribuir para incrementar a produção dos temas abordados pelo periódico, alcançando um número maior de interessados pelo assunto e,

consecutivamente, informar profissionais e sociedade como um todo a respeito da Psicanálise de Crianças e sua abrangência. Assumindo, assim, a responsabilidade social sobre o tema.

Afinal, só conhecendo nossas raízes compreenderemos a configuração da nossa maneira de utilizar o acervo teórico e técnico disponível, delimitando melhor nossa trajetória.

À procura de validar a relevância do presente projeto de pesquisa, encontramos trabalhos como o da psicanalista Roudinesco (2000), que se insere no âmbito das pesquisas teóricas sobre a historiografia da Psicanálise. Contextualizando a produção científica e social de uma época, a autora constrói uma apresentação dos modelos de pesquisa que permitiram o avanço da História da Psicanálise no mundo, assim como a evolução dos modelos e a condição atual das pesquisas dedicadas ao tema.

Apesar de Roudinesco desenvolver sua pesquisa na França, atendo-se aos aspectos históricos e culturais que permearam a implantação do freudismo em seu país, constata que a história da psicanálise se funde à da psiquiatria, e que a influência dessas duas correntes, conjugada a momentos históricos e culturais, marcou em definitivo as práticas e a produção teórica atuais em todo o mundo.

Mediante de tal constatação, Roudinesco chega à conclusão de que cada país teve seu modo de implantação da Psicanálise e do freudismo como sistema teórico de pensamento. Em outras palavras, apreendemos que a autora sugere uma abordagem histórica da Psicanálise, que leve em consideração tanto seu lugar no interior das ciências quanto os determinantes sociais e históricos que possibilitem uma melhor compreensão do modo como é recebida e implantada a concepção psicanalítica nas diversas regiões do mundo.

Voltando o foco para o presente projeto de pesquisa, consideramos que a história da Psicanálise de Crianças no Brasil também esbarrou em acontecimentos históricos, sociais e culturais que propiciaram condições para o desenvolvimento de uma prática e uma produção teórica.

Mapear a produção teórica sobre Psicanálise de Crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise* poderá nos conduzir na direção de uma maior compreensão da atual prática da análise de crianças, além de permitir o acompanhamento histórico de como surgiu e se estruturou tal prática em nossa sociedade. Também tornará possível esboçar as características da produção psicanalítica brasileira que concerne aos trabalhos relativos à criança.

Abrão (2004) constata, em sua tese de doutorado, que apesar de, ainda hoje, a análise de crianças no Brasil continuar recebendo forte influência do pensamento psicanalítico europeu, acabou por desenvolver um estilo próprio marcado pelos determinantes socio-

histórico-culturais do pensamento psicanalítico brasileiro, que já conta com uma prática bem estruturada que culminou em uma produção teórica expressiva e original.

A Psicanálise de Crianças inicia seu percurso desenvolvendo um estilo clínico bem delimitado, marcado por grandes controvérsias. Sendo a análise dessa produção uma das maneiras de entender a prática de análise de crianças na atualidade. Por esta razão, julgamos importante mapear esta produção, pois, aumentando a compreensão sobre o status atual da análise de crianças no Brasil, poderemos lançar luz e obter uma melhor compreensão dos problemas da infância na realidade brasileira.

4.1.2 Objetivos

Considerando os fundamentos e justificativas até aqui apresentados, os objetivos da presente pesquisa encontram-se a seguir descritos.

4.1.3 Objetivo Geral

Caracterizar a produção teórica brasileira sobre Psicanálise de Crianças, por intermédio das publicações existentes na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

4.1.4 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos propostos para o desenvolvimento da pesquisa são:

- levantar o número de artigos concernentes ao assunto;
- identificar as peculiaridades técnicas da análise de crianças desenvolvidas no Brasil;
- relacionar de que forma as teorias provenientes da Europa, coadunam-se com a realidade brasileira na produção da prática atual;

- identificar sobre o que versam estes artigos, reconhecendo quais os autores mais citados, os procedimentos técnicos mais utilizados e os temas mais abordados.

4.1.5 Método

A natureza da pesquisa em questão, ao buscar circunscrever uma área de conhecimento científico para traçar um esboço de sua evolução dentro de um determinado domínio cultural, nos permite inseri-la na categoria que denominamos historiografia³ da Psicanálise. Esta delimitação traz em seu bojo algumas implicações práticas que devem ser contempladas durante a execução da pesquisa, uma vez que cada modalidade de pesquisa histórica da Psicanálise está associada a distintas formas de coleta e análise de dados.

Tratando-se de uma pesquisa teórica dedicada à historiografia da Psicanálise, que já conta com produção significativa de trabalhos em nosso meio, convém introduzir as especificidades metodológicas dessa modalidade.

Para tal tarefa, acompanharemos o texto de Fabio Herrmann (2004), *Pesquisando com o método psicanalítico*. O autor nos contempla com questionamentos que servem de base para entender e desenvolver pesquisas acadêmicas, a partir da psicanálise.

Partindo da afirmação de que a Psicanálise sustenta-se no método para construir sua teoria e de que cada trabalho clínico enriquece a compreensão da mesma, o autor preconiza que a pesquisa psicanalítica não tem que reproduzir teorias, mas sim construir teoria com base no objeto de pesquisa.

Tal compreensão possibilita identificar por quais caminhos a pesquisa será realizada, deixando claro que isso dependerá *a priori*, dos objetivos propostos. Para dar conta desta questão, Herrmann (2004) apresenta os modelos de pesquisa psicanalítica presentes na atualidade: pesquisa teórica, pesquisa empírica e pesquisa clínica. Sendo o primeiro considerado de relevância para o presente estudo, portanto, somente o modelo de pesquisa teórica será apresentado aqui.

³ Empregaremos aqui o termo historiografia no sentido definido por William Woodward, que considera que: “O pensamento histórico não é muito diferente de qualquer outra forma de trabalho intelectual. Em princípio, divide-se em duas partes ou fases: método histórico, ou análise das fontes, e historiografia, ou síntese e escrita. Em outras palavras a síntese leva à apresentação dos resultados e conclusões. Na prática, a palavra “historiografia” passou a ser aplicada a ambas as partes, a análise e a síntese” (WOODWARD, 1998, p. 62-63).

A pesquisa teórica versa sobre Psicanálise e discute temas como história da Psicanálise, além de estudos teóricos e conceituais, ajudando a sistematizar, organizar e delimitar os conhecimentos em psicanálise. Assim, a expansão da Psicanálise, permitiria uma maior produção teórica.

Resta agora expor as abordagens que auxiliam o processo de investigação de uma pesquisa teórica dedicada à historiografia da Psicanálise, que são: abordagem descritiva, abordagem contextual, abordagem interpretativa e a abordagem epistemológica.

Encontramos a descrição destas abordagens consultando o trabalho da psicanalista Roudinesco (2000). Para a autora, a abordagem descritiva enfatiza a periodização dos acontecimentos, a descrição pormenorizada dos eventos e a nomeação de personagens que marcaram a evolução do movimento psicanalítico. Acrescentando a primeira, na abordagem contextual, os fatos históricos ganham uma nova conotação, desenvolvendo análises mais depuradas que permitem inserir o movimento psicanalítico e seus personagens nos contextos cultural e científico vigentes no período estudado. Já a abordagem interpretativa, focaliza as motivações inconscientes que conduziram os grandes autores da psicanálise em suas ações teóricas e políticas. Por fim, a abordagem epistemológica busca estabelecer, na história, o desenvolvimento de conceitos-chave da teoria psicanalítica, destacando as condições em que foram gerados e a forma como foram sendo aprimorados, e mesmo transformados, durante a vida de Freud e após sua morte.

Cabe um adendo referente ao emprego destas várias abordagens metodológicas. Elas nem sempre se manifestam de maneira isolada e linear. A classificação das mesmas, cumpre a função de servir de parâmetro que orienta o entendimento do planejamento metodológico das diversas pesquisas históricas referentes à Psicanálise surgidas durante as últimas décadas.

Nesta pesquisa, daremos ênfase à abordagem contextual, pois nos permite contextualizar a produção científica, social e cultural de determinada época. Partindo desse pressuposto, de que cada momento histórico interfere na produção científica de uma determinada cultura, pressupomos que realizar um levantamento bibliográfico na *Revista Brasileira de Psicanálise*, acerca de textos que versam sobre Psicanálise de Crianças, poderá nos conduzir a uma melhor compreensão da prática analítica com crianças na atualidade, podendo lançar luz, como foi dito há momentos, a algumas dificuldades que a infância encontra na realidade brasileira.

Com o intuito de validar a proposta acima, recorreremos a Mezan, que em artigo publicado no *Jornal de Psicanálise* (2000), discute algumas questões referentes ao método nas pesquisas dedicadas à história da Psicanálise. O autor orienta que a pesquisa

historiográfica da Psicanálise trata “[...] de uma história da teoria e da prática psicanalíticas, teoria e prática que se apresentam, a um observador que se disponha a pensar a sério o que se observa, sob o signo da dispersão” (MEZAN, 2000, p. 23), complementado “[...] nos quais a diversidade dos fatores culturais não pôde deixar de ter eco sobre as próprias concepções.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1967/2001, p. 223).

Uma vez apresentados os principais fundamentos que norteiam nossa proposta de pesquisa e estabelecido seus objetivos, é chegada a hora de detalhar o plano metodológico que orientará o desenvolvimento da mesma durante sua execução.

Por se tratar de uma pesquisa eminentemente teórica, realizada mediante revisão bibliográfica, serão consultados periódicos e livros especializados em Psicanálise e, em especial, a *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Faz-se necessário recordar que estamos falando da história da Psicanálise de Crianças no Brasil, representada por meio da produção bibliográfica da *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Por entender a *Revista Brasileira de Psicanálise* como instrumento de intervenção social na vida psicanalítica brasileira, e com o objetivo de mostrar a ativa produção teórica sobre o tema como expressão da prática analítica com crianças e adolescentes em seu início, desenvolvimento e na atualidade, destacaremos a conjuntura na qual se deu o nascimento, a implantação e a consolidação desse expoente da ciência humana em nosso país.

Vimos, anteriormente, as confluências de interesses que marcaram a fundação das Sociedades de Psicanálise, responsáveis pela publicação do periódico no Brasil.

Os aspectos ideológicos, as diretrizes, os interesses defendidos, as formulações sobre as principais teorias desenvolvidas sobre psicanálise de crianças na Europa e sua inserção em nosso continente também podem ser analisadas por meio do periódico. Em outras palavras, trata-se de analisar um dos aspectos que devem ser levados em conta em uma pesquisa historiográfica contextual: o que há por trás da revista, ou seja, tudo aquilo que contribuiu para sua edição e para o seu controle. E para tal análise será dada especial atenção à sua relevância.

Em uma primeira apreciação do presente periódico, podemos reconhecer que sua característica nodal é sua contemporaneidade. Tal condição explica-se à medida que a presente pesquisa propõe-se a caracterizar a produção teórica brasileira sobre Psicanálise de Crianças, por intermédio das publicações existentes na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Desta forma, torna-se um importante veículo de divulgação do pensamento psicanalítico brasileiro, que nos permite acompanhar a evolução da produção sobre

psicanálise de crianças no Brasil, abrangendo as últimas décadas. Este periódico, após uma aparição, em 1928, ocasião em que foi publicado um único número, voltou a ser editada, em 1967, por iniciativa de um grupo de psicanalistas de São Paulo. Em 1975, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, mantenedora da revista, forneceu a cessão dos direitos autorais deste periódico à Associação Brasileira de Psicanálise (GALVÃO, 1976).

Hoje, a *Revista Brasileira de Psicanálise* vem sendo publicada em quatro números ao ano. Portanto, o intervalo de tempo a ser investigado restringe-se aos últimos 40 anos, aproximadamente.

Desde seu lançamento até os dias de hoje a revista recebeu vários formatos, incluindo em seu editorial, artigos originais de autores nacionais e internacionais, traduções de artigos de autores estrangeiros, assim como resenhas, indicações de leitura e até de películas e documentários para discussões sob um olhar psicanalítico.

Chamamos a atenção para o fato de que, durante a análise do periódico, deparamo-nos com artigos sobre psicanálise de adolescentes. Neste estudo, as temáticas psicanálise de crianças e psicanálise de adolescentes serão condensadas passando a ser consideradas e, hora ou outra, nominadas “psicanálise de crianças e adolescentes”.

Tal escolha metodológica partiu do próprio formato da revista, que desde seus primeiros volumes continha artigos sobre adolescentes. O mesmo nunca mencionara diferença alguma entre as temáticas, a não ser nos fascículos especiais de 1988, que trouxeram a denominação de Psicanálise de crianças, e ainda assim os mesmos apresentavam artigos sobre adolescentes. Já no fascículo especial de 1996, o título aparece como psicanálise de crianças e adolescentes. Reconhecimento de uma especialidade que já contava com profissionais dedicados ao tema.

Para psicanálise – desde Freud – esta fase do desenvolvimento humano foi vista como portadora de características próprias e passível de ser analisada sob um olhar psicanalítico. Contudo, naquela época, tal fase era denominada de puberdade, vista pela maior parte da ciência como uma fase de transformações fisiológicas. Melanie Klein (1932/1997) em seu livro *A Psicanálise de Crianças*, já diferenciava o olhar para esta fase, redigindo sua experiência analítica e sua indicação técnica de como proceder em tal período no capítulo 5 do livro citado.

Anna Freud e seus colaboradores desenvolveram conceitos e estudos que aprofundaram o conhecimento desta fase, dedicando parte de sua vida na Europa e nos EUA a entidades educacionais e instituições de assistência. Especula-se que a autora foi a primeira a utilizar a palavra adolescência em psicanálise para definir esta nova fase com características

próprias. Claro que é de conhecimento geral que a adolescência, assim como a infância e a família, foi uma construção social, só que uma construção rápida e veloz, sendo consolidada no século XX. Tais aprofundamentos históricos justificam o método a ser descrito a seguir.

Considerando-se que se trata de 40 anos de revista, totalizando 107 artigos sobre o tema estudado, foi possível dividir as publicações da *Revista Brasileira de Psicanálise* por décadas, mais exatamente em quatro momentos históricos, dentro de um modelo cronológico que complementa as abordagens propostas no método. Os critérios adotados para definição de tais categorias passaram a ser configurados à medida que foram sendo realizadas as leituras dos artigos, cuja seleção pautou-se pelas seguintes características:

- Artigos que relatam a história da implantação e consolidação da prática de análise de crianças em nosso país.
- Artigos que trazem contribuições e avanços teóricos e técnicos da teoria psicanalítica sobre infância, aliados a matizes teóricas e técnicas de autores de referência internacional.
- Artigos que relatam e discutem atendimentos clínicos em psicanálise de crianças e adolescentes.

Como foi dito anteriormente, nosso principal objetivo é traçar o perfil da produção brasileira sobre psicanálise de crianças por meio da *Revista Brasileira de Psicanálise*. Portanto, somente os artigos classificados pela própria revista como originais e escritos por autores nacionais, que somam 89 publicações, serão expostos no próximo capítulo, que apresenta um estudo quantitativo sobre o tema no periódico. Salientamos que o restante dos trabalhos escritos por psicanalistas internacionais será citado na análise qualitativa da pesquisa, com o intuito de demonstrar a influência e a coadunação de seus pensamentos e teorias na produção teórica psicanalítica brasileira.

Dessa forma, o presente periódico, torna-se nosso principal instrumento de trabalho, aliado ao modelo metodológico que permitirá alcançar os objetivos propostos. Para tanto, o percurso da presente pesquisa pretende contemplar quatro etapas: identificação dos artigos na revista, coleta de dados estatística, leitura dos artigos, análise das informações coletadas e elaboração de um panorama geral sobre a produção.

5 A REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE EM NÚMEROS: UM ESTUDO QUANTITATIVO SOBRE O TEMA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS

Nesse momento, serão apresentados resultados quantitativos desta pesquisa. Com a finalidade de traçar um panorama que caracterize o conjunto de trabalhos sobre o tema – publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* ao longo de sua história –, faremos um levantamento quantitativo, no qual destacaremos o número de artigos publicados, autores, décadas com maior publicação entre outros dados.

Os dados obtidos encontram-se, a seguir, dispostos em quadros e figuras para uma melhor apresentação. No primeiro quadro e na primeira e segunda figura, deparamo-nos com dados gerais do periódico, tais como, ano de publicação do periódico, número total de artigos e porcentagem, bem como com dados específicos da pesquisa: artigos sobre psicanálise de crianças.

Tabela 1 - Artigos sobre psicanálise indicados por ano de publicação na *Revista Brasileira de Psicanálise*

Ano de publicação	Número total de artigos	Número de artigos sobre psicanálise de crianças	Número Percentual de Artigos sobre Psicanálise de Crianças
1967	23	2	0,2%
1968	20	-	0,0%
1969	14	-	0,0%
1970	22	1	0,1%
1971	9	1	0,1%
1972	18	-	0,0%
1973	18	3	0,2%
1974	21	-	0,0%
1975	19	-	0,0%
1976	33	1	0,1%
1977	19	1	0,1%
1978	19	-	0,0%
1979	22	-	0,0%
1980	20	3	0,2%
1981	18	1	0,1%
1982	26	5	0,4%

(continua)

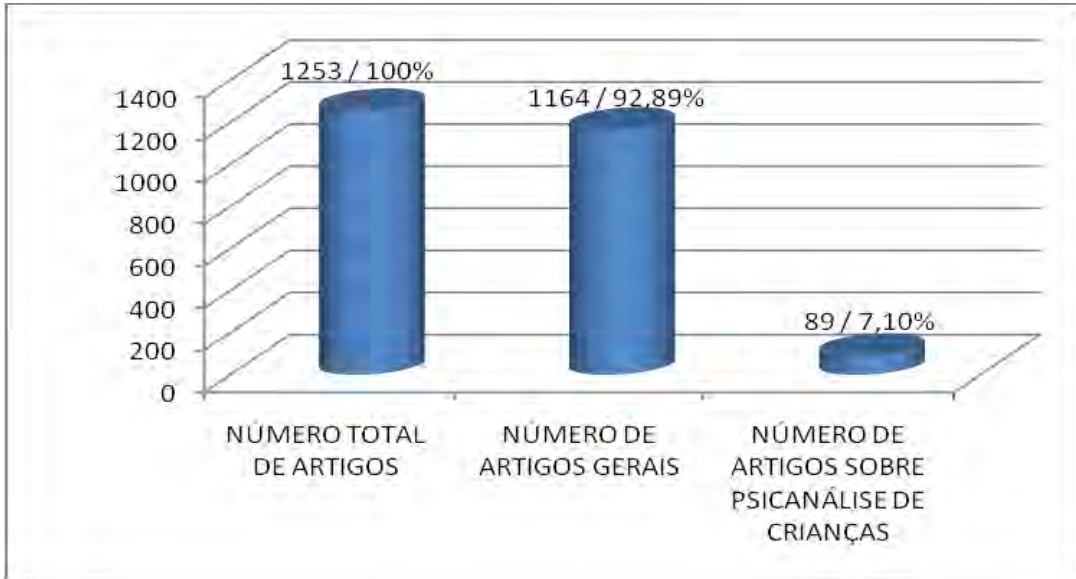
(conclusão)

Ano de publicação	Número de artigos	Número de artigos sobre psicanálise de crianças	Número Percentual de Artigos sobre Psicanálise de Crianças
1983	17	1	0,1%
1984	25	-	0,0%
1985	25	-	0,0%
1986	21	1	0,1%
1987	27	4	0,3%
1988	19	6	0,5%
1989	29	1	0,1%
1990	18	6	0,5%
1991	29	2	0,2%
1992	25	1	0,1%
1993	22	2	0,2%
1994	38	-	0,0%
1995	41	1	0,1%
1996	40	19	1,5%
1997	47	-	0,0%
1998	42	1	0,1%
1999	34	2	0,2%
2000	41	-	0,0%
2001	32	2	0,2%
2002	48	7	0,6%
2003	81	3	0,2%
2004	45	8	0,6%
2005	24	3	0,2%
2006	35	1	0,1%
2007	38	3	0,2%
Total	1164	89	7,10%

Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

A primeira questão a ser destacada no quadro acima, refere-se à intensidade e à constância do crescimento da atividade do periódico estudado. Nesse caso, os indicadores revelam que, no período considerado de 1967 a 2007, foram publicados por psicanalistas nacionais, 1164 artigos sobre assuntos gerais e 89 sobre psicanálise de crianças e adolescentes. Isto significa uma intensa produção ativa das Sociedades de Psicanálise em nosso país, representada teoricamente na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Apesar do considerável avanço, no entanto, os artigos e, portanto, o espaço destinado à produção sobre crianças e adolescentes no período, está longe de atingir o número de artigos e profissionais, com inspiração psicanalítica, dedicados à criança e aos adolescentes.

Aprofundemos as observações vislumbrando na figura abaixo.



Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

Figura 1 - Número e porcentagem de artigos sobre psicanálise de crianças em relação ao total de trabalhos publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

A primeira coluna corresponde ao número total de artigos, incluindo os sobre psicanálise de crianças, publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* por autores nacionais. A coluna seguinte apresenta o número total e a porcentagem de artigos gerais, a terceira coluna o número total e a porcentagem de artigos sobre psicanálise de crianças. Não por acaso, considerando a posição descrita nos parágrafos anteriores, confirmamos em números percentuais, que o assunto abordado pela pesquisa ocupa, no periódico corresponde, menos de 10% do total de artigos.

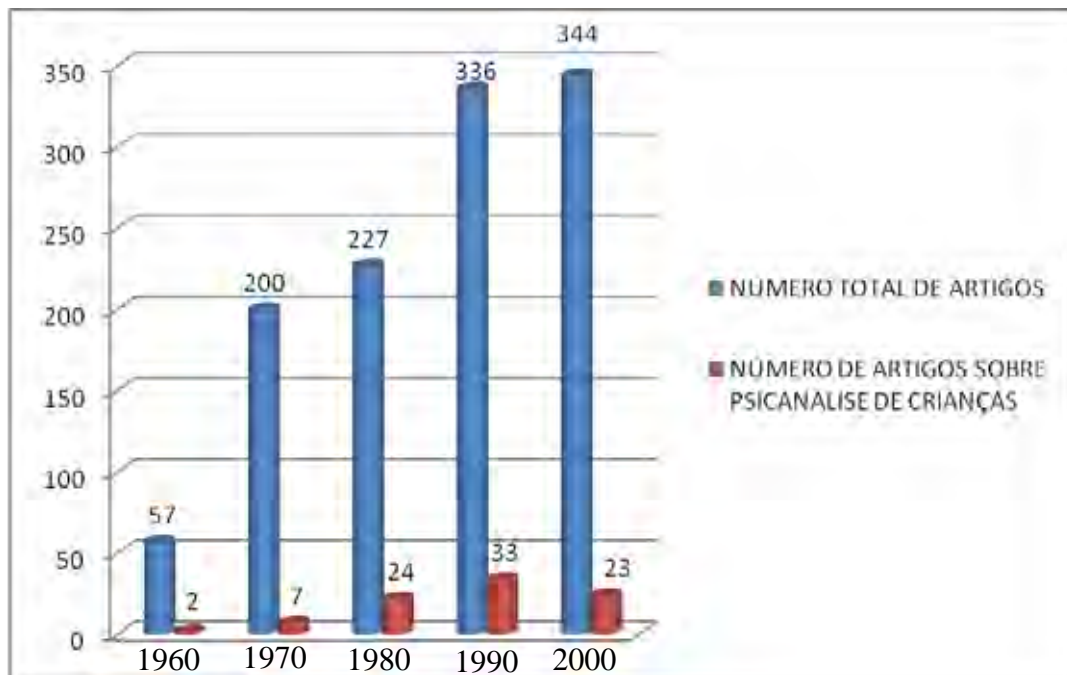
Na Tabela 2 e na figura 2, dispomos dos mesmos resultados, porém apresentados por décadas.

Tabela 2 - Artigos sobre psicanálise indicados por década de publicação na *Revista Brasileira de Psicanálise*

Década de publicação	Número total de artigos	Número de artigos sobre psicanálise de crianças
1960	57	2
1970	200	7
1980	227	24
1990	336	33
2000	334	23
Total	1164	89

Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

Entre estas duas ilustrações, cabe um adendo. As décadas de 1960 e de 2000 não devem ser consideradas como completas, uma vez que o periódico passou a ser publicado em 1967, e o número de artigos é bem inferior em comparação aos demais, e a década de 2000, não atingiu o ano de 2010.



Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise

Figura 2 - Número de artigos sobre psicanálise de crianças em relação ao total de trabalhos publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise*, por década.

Em uma primeira apreciação dos quadros e das figuras acima, podemos confirmar a análise feita por Abrão (2001), em pesquisa citada anteriormente, que apontava para o fato de que o número de artigos que abordam a temática Psicanálise de Crianças é significativamente inferior à quantidade total de artigos publicados.

Confirma-se, ainda, a relevância da *Revista Brasileira de Psicanálise*, que já conta com mais de 160 números distribuídos em mais de 40 volumes publicados. Cumprindo seu objetivo de abranger a pluralidade dos diferentes segmentos científicos existentes nos quadros das Sociedades de Psicanálise, garantindo, assim, sua expressão, nos âmbitos social e científico.

Os dados expostos por meio das figuras também nos permitem uma melhor apreciação do avanço do número de artigos sobre psicanálise de crianças publicados na *Revista* através das décadas.

Os dois primeiros sobre psicanálise de crianças focalizaram, exclusivamente, a ótica da preocupação do início de uma prática em nosso país sob os auspícios da sociedade de psicanálise. Chegando somente a publicar 2 artigos sobre o tema, de 57 sobre assuntos gerais.

O debate teórico e os artigos passaram a tomar um novo rumo na década de 1970, quando passaram a focalizar a articulação entre a construção de uma prática e o surgimento de ideias sobre o reconhecimento da prática por parte da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Nesta década, foram publicados sete artigos sobre o tema e 200 sobre assuntos gerais.

Percebe-se um aumento significativo da publicação dos artigos sobre crianças a partir da década de 1980. O ápice da temática abordada é na década de 1990, seguindo linear até a presente década.

O Quadro 1, a seguir, permite a visualização dos artigos sobre psicanálise de crianças dispostos por ano de publicação, autores e título dos artigos.

Quadro 1 - Planilha com distribuição dos artigos por ano de publicação e autor sobre psicanálise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*

Ano de publicação	Nome do(s) autor(es)	Título do artigo
1967	1-Lygia Alcantara do Amaral	1-Adolescência
1967	1-Frank Philips	1-A função da adolescência
1970	1-Milton Zaidan	1-A simbolização vista através da análise de uma criança
1971	1-Maria P. Manhães	1-Considerações sobre o conceito de latência
1973	1-Galina Schineider; Ernesto M. La Porta; Leão Cabernite, Inês Besouchet; Nylde Macedo Ribeiro 2-César A. Ottalagano, Gecel L. Sztterling, Fajda Sztterling	1-O conflito das gerações 2-Conflito de gerações, emergente de idéias novas
1973	1-Jacob David Azulay	1-Conflito de gerações/sexo x tóxico
1976	1-Luiz Carlos Osório	1-A comunicação em psicanálise de adolescentes
1977	1-Noé Marchevsky	1-Uma criança em silêncio
1980	1-Mauricio Knobel 2-Suely C. Alves	1-A inclusão do “Acting-out” terapêutico na interpretação durante a psicanálise de adolescentes 2-“Ilusão de holding” e a função materna considerações
1980	1-Noé Marchevsky	1-Três sonhos de um adolescente obsessivo

(continua)

(continuação)

Ano de publicação	Nome do(s) autor(es)	Título do artigo
1981	1-Galina Schneider	1-A participação e a orientação das figuras ambientais na análise de crianças, adolescentes e psicóticos
1982	1-Izelinda Garcia de Barros 2-Myrna Pia Favilli 3-Sônia Azambuja 4-David E. Zimmermann	1-Técnica em análise de criança 2-Reflexões sobre o tema: “Técnica de psicanálise de crianças” 3-Reflexões sobre a técnica da análise de crianças e adolescentes 4-Analisabilidade em relação à psicopatologia precoce
1982	1-Rosa Beatriz Pontes de Miranda	1-Inter-relação da observação da inter-relação mãe-filho com o trabalho psicanalítico
1982	1-Geny Talberg	1-Alguns aspectos na evolução do tratamento psicanalítico de uma criança de três anos de idade
1983	1-Maria P. Manhães	1-A análise de criança na formação psicanalítica
1986	1-Rosanne Friedman Sigres	1-Tentativa de abordagem psicanalítica de um caso de autismo infantil
1987	1-Inaura Carneiro Leão	1-Identificação e suas vicissitudes conforme observada na adolescência
1987	1-Marisa Pelella Mélega	1-Observação da relação mãe-bebê – instrumento de ensino em psicanálise
1987	1-David Léo Levisky 2-Ana Maria Andrade de Azevedo	1-“Acting out” na análise de crianças: um meio de comunicação 2-Contraponto – comentários sobre o trabalho: “acting out” na análise de crianças: um meio de comunicação
1988	1-Tânia Rauen Bastos 2-Nara A. Caron, Frederico Seewald 3-Ana Maria B. Iencarelli 4-Eliane P. de Farias; Sônia Eva Tucherman 5-Maria L. S. Zavaschi; Marlene S. Araújo 6-Maria P. Manhães 7-Virgínia L. Bicudo; Marlene S. Araujo; Maria P. Manhães; Mara S. de Souza	1-Comunicação em análise de crianças 2-Algumas reflexões sobre a contratransferência na análise de crianças e adolescentes 3-Masturbação e maternalidade 4-A observação da relação mãe-bebê e a formação analítica 5-Ansiedades pré-edípicas num menino adotado 6-Psicanálise da criança – introdução da família no tratamento 7 – Aspectos históricos do desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil.
1989	1-José F. Gama e Silva	1-A unidade básica, o autismo primário

(continua)

(continuação)

Ano de publicação	Nome do(s) autor(es)	Título do artigo
1990	1-Eloísa Helena Rubello Valler 2-Sérvulo Augusto Figueira 3-Rogério Luz 4-Maria Ivone Accioly Lins 5-Anna-Maria de Lemos Bittencourt 6-Júlio de Mello Filho	1-A teoria do desenvolvimento emocional de D. W. Winnicott 2-Algumas idéias sobre Winnicott 3-Winnicott e a experiência artística 4-O jogo dos rabiscos 5-Encantos e desencantos dos contos de fadas 6-Donald Winnicott, 19 anos depois
1991	1-Cyro Martins	1-Bases psicodinâmicas da delinquência
1991	1-Elizabeth Lima da Rocha Barros	1-Crescimento emocional e análise de crianças
1992	1-José Otávio Fagundes	1-O brincar na análise de uma criança – reflexão sobre a imitação e criação
1993	1-Teresa Rocha Leite Haudenschild	1-Noção de identidade por uma criança autista e comunicação expressiva
1993	1-Marisa Pelella Mélega	1-Constituição versus ambiente: diálogo decisivo na formação e transformação psíquica
1995	1-Edna Vilete	1-O brinquedo e o sonho
1996	1-Alicia Beatriz Dorado de Lisondo; Elza Scazufka Marba Ribeiro; Iara S. Bondoli de Souza Noto; Mariza S. Inglez de Souza; Nilde J. Parada Franch 2-Áurea Maria Lowenkron 3-Antonio Luiz Serpa Pessanha 4-Izelinda Garcia de Barros 5-Janete Bandarovsky, Marlene Braz 6-José Iencarelli Filho 7-Maria Helena de Souza Fontes 8-Maria Helena Raimo C. Oliveira, Marlene Rosenberg, Mirian Malzyner 9-Maria Stela de Godoy Moreira 10-Marisa Pelella Mélega 11-Marli Claudete Braga 12-Miguel Sayad	1-Psicanálise de crianças: um terreno minado? 2-Sobre o início da análise de criança: algumas particularidades 3-Adolescência: confronto, risco, parceria 4-Hans e o pequeno homem galo 5-A “criança” da psicanálise: algumas reflexões sobre a metáfora 6-Psicanálise e psicoterapia com crianças e adolescentes 7-Cavalo de fogo, a dona do mundo e outros heróis ou o primado da alucinação 8-Transicionalidade e suas vicissitudes 9-Arco-íris e fatas morganas de (-k) a (k) 10-Reflexões em torno de uma supervisão com Wilfred Bion 11-Interação psicanalítica com pais 12-A violência de um menino de doze anos como alternativa à morte psíquica

(continua)

(continuação)

Ano de publicação	Nome do(s) autor(es)	Título do artigo
1996	13-Nélio Wanderley do Sacramento 14-Neyla Regina A. Ferreira França 15-Paulo Luis Rosa Souza, Bruno Salésio da Silva Francisco 16-Ruggero Levy 17-Teresa Rocha Leite Haudenschild	13-Aspectos não verbais em análise de crianças 14-Adolescência e defesas fóbicas 15-Crianças passionais 16-Refúgios narcisistas na adolescência: entre a busca de proteção e o risco de destruição – dilemas na contratransferência 17-Refazendo passos iniciais da constituição da realidade psíquica na análise de uma criança de seis anos
1996	1-Gildo Katz, Gley P. Costa	1-O adolescente e a família pós-moderna
1998	1-Roberto Barberena Graña	1-Relação, destruição e uso de objeto: egoidade e alteridade numa perspectiva epistêmica winnicottiana
1999	1-Martha Maria de M. Ribeiro 2-Alicia Beatriz Dorado de Lisondo	1-Rêverie hostil e rêverie benigna 2-Travessia da adoção – a ferida na alma do bebê
2001	1-Mônica Guimarães Teixeira do Amaral	1-Adolescentes sem limites ou “funcionamentos limite” diante de uma existência que exige a demissão do sujeito?
2002	1-Maria Lúcia Ferrão de Sousa Campos 2-Mércia Maranhão Fagundes	1-O pequeno grande soldado (quando as palavras chegam...) 2-Uma abertura para a adolescência
2002	1-Marisa Pelella Mélega 2-Maria Cecília Pereira da Silva 3-Aurea Maria Lowenkron	1-Gerando significados no trabalho com pais-crianças 2-Um <i>self</i> sem berço. Relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê 3-“Abalos” nas mãos, “coisas de tremer”: sobre a polifonia discursiva das perturbações de crianças
2003	1-Rute Stein Maltz 2-Theodolinda Mestriner Stocche	1-Observação de bebês – método Bick – uma vivência emocional significativa para a criatividade 2-Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick
2004	1-Mércia Maranhão Fagundes	1-Psicanálise e crianças: um panorama clínico

(continua)

(conclusão)

Ano de publicação	Nome do(s) autor(es)	Título do artigo
2004	1-Ana Maria Stucchi Vannucchi 2-Marina Ramalho Miranda	1-Entre a “balada” e o convento: reflexões sobre análise de adolescentes 2-O mundo objetual anoréxico e a violência bulímica em meninas adolescentes
2004	1-Raquel Plut Ajzenberg 2-Mariângela M. de Almeida; Magaly Miranda Marconato; Maria Cecília Pereira da Silva 3-Vera Regina J. R. Marcondes Fonseca; Vera Sílvia Raad Bussab; Livia Mathias Simão 4-Virginia Ungar	1-Casos-limite na adolescência 2-Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças 3-Transtornos autísticos e espaço dialógico – breve conversa entre a psicanálise e o dialogismo 4-O trabalho psicanalítico com adolescentes, hoje
2005	1-Luiz Eduardo Soares 2-Silvana Maria Bonioni Vassimon de Figueiredo 3-Ane Marlise Port Rodrigues 4-Maria Silvia Regadas de M. Valladares	1-Verdade e reconciliação: a menina que se salvou da violência agarrando-se ao símbolo 2-Configurações de prisão e de liberdade. Considerações técnicas com adolescentes 3-A noite e seus filhos (o sono e o falecimento) e pesadelos ao longo da infância 4-O que quer uma criança?
2006	1-José Ottoni Outeiral; Eloisa Helena Rubello Valler Celire	1-Freud: um psicanalista de adolescentes
2007	1-Gina Khafif Levinzon 2-Marina Trench de Oliveira 3-Cássia A. N. B. Bruno	1- Diário de um espelho: a relação analítica e a construção primordial de um psiquismo 2- Cabelos: da etologia ao imaginário 3- Abordagem clínica na psicanálise contemporânea com enfoque em caso de anorexia masculina

Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

Analisando o quadro acima, nota-se uma miríade de autores comentando sobre temáticas diversas.

Outro objetivo proposto pela pesquisa, que era de verificar quais autores nacionais mais publicaram sobre o tema no periódico, dispõe os resultados no Quadro 2 a seguir. A citação dos autores foi feita seguindo a seguinte contagem: o autor era contado a cada vez que aparecesse nos artigos selecionados, mesmo que o trabalho tenha sido escrito em grupo.

Quadro 2 - Autores que publicaram sobre o tema Psicanálise em Crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise* (1967-2006)

Ano de Publicação	Nome dos Autores	Número de Artigos
1987/1993/1996/2002	Marisa Pelella Mélega	4
1970/1983/1988/1988	Maria P. Manhães	4
1988/1988	Marlene S. Araújo	2
1977/1980	Noé Marchevsky	2
1982/1996	Izelinda Garcia de Barros	2
1993/1996	Teresa Rocha Leite Haudenschild	2
1996/1999	Alicia Beatriz Dorado de Lisondo	2
2002/2004	Mércia Maranhão Fagundes	2
2002/2004	Maria Cecília Pereira da Silva	2
1973/1981	Galina Schneider	2
1996/2002	Áurea Maria Lowenkron	2
1990/2006	Eloísa Helena Rubello Valler	2
1967	Lygia Alcântara do Amaral	1
1967	Frank Philips	1
1970	Milton Zaidan	1
1973	Ernesto M. La Porta	1
1973	Leão Cabernite	1
1973	Inês Besouchet	1
1973	Nylde Macedo Ribeiro	1
1973	César A. Ottalagano	1
1973	Gecel L. Sztterling	1
1973	Fajda Sztterling	1
1973	Jacob David Azulay	1
1976	Luiz Carlos Osório	1
1980	Mauricio Knobel	1
1980	Suely C. Alves	1
1982	Myrna Pia Favilli	1
1982	Sônia Azambuja	1
1982	David E. Zimmermann	1
1982	Rosa Beatriz Pontes de Miranda	1
1982	Geny Talberg	1
1986	Rosanne Friedman Sigres	1
1987	Inaura Carneiro Leão	1
1987	David Léo Levisky	1
1987	Ana Maria Andrade de Azevedo	1
1988	Tânia Rauen Bastos	1
1988	Nara A. Caron	1
1988	Frederico Seewald	1
1988	Ana Maria B. Iencarelli	1
1988	Eliane P. de Farias	1

(continua)

(continuação)

Ano de Publicação	Nome dos Autores	Número de Artigos
1988	Sônia Eva Tucherman	1
1988	Maria L. S. Zavaschi	1
1988	Mara S. de Souza	1
1988	Virgínia L. Bicudo	1
1989	José F. Gama e Silva	1
1990	Sérvulo Augusto Figueira	1
1990	Rogério Luz	1
1990	Maria Ivone Accioly Lins	1
1990	Anna-Maria de Lemos Bittencourt	1
1990	Júlio de Mello Filho	1
1991	Cyro Martins	1
1991	Elizabeth Lima da Rocha Barros	1
1992	José Otávio Fagundes	1
1995	Edna Vilete	1
1996	Elza Scazufka Marba Ribeiro	1
1996	Iara S. Bondoli de Souza Noto	1
1996	Mariza S. Inglez de Souza	1
1996	Nilde J. Parada Franch	1
1996	Áurea Maria Lowenkron	1
1996	Antonio Luiz Serpa Pessanha	1
1996	Janete Bandarovsky	1
1996	Marlene Braz	1
1996	José Iencarelli Filho	1
1996	Maria Helena de Souza Fontes	1
1996	Maria Helena Raimo C. Oliveira	1
1996	Marlene Rosenberg	1
1996	Mirian Malzyner	1
1996	Maria Stela de Godoy Moreira	1
1996	Marli Claudete Braga	1
1996	Miguel Sayad	1
1996	Nélio Wanderley do Sacramento	1
1996	Neyla Regina A. Ferreira França	1
1996	Paulo Luis Rosa Souza	1
1996	Bruno Salésio da Silva Francisco	1
1996	Ruggero Levy	1
1996	Gildo Katz	1
1996	Gley P. Costa	1
1998	Roberto Barberena Graña	1
1999	Martha Maria de Moraes Ribeiro	1
2001	Mônica Guimarães Teixeira do Amaral	1

(continua)

(conclusão)

Ano de Publicação	Nome dos Autores	Número de Artigos
2002	Maria Lúcia Ferrão de Sousa Campos	1
2003	Rute Stein Maltz	1
2003	Theodolinda Mestriner Stocche	1
2004	Ana Maria Stucchi Vannucchi	1
2004	Marina Ramalho Miranda	1
2004	Raquel Plut Ajzenberg	1
2004	Mariângela M. de Almeida	1
2004	Magaly Miranda Marconato	1
2004	Vera Regina J. R. Marcondes Fonseca	1
2004	Vera Silvia Raad Bussab	1
2004	Lívia Mathias Simão	1
2004	Virginia Ungar	1
2005	Luiz Eduardo Soares	1
2005	Silvana Maria B. V. de Figueiredo	1
2005	Ane Marlise Port Rodrigues	1
2005	Maria Silvia Regadas de M. Valladares	1
2006	José Ottoni Outeiral	1
2007	Gina Khafif Levinzon	1
2007	Marina Trench de Oliveira	1
2007	Cássia A. N. B. Bruno	1

Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

O Quadro 2, acima, nos permite comentar quais autores possuem uma produção maior de artigos sobre o tema na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Alguns publicaram desde os primeiros anos de existência do periódico até os dias atuais. Outros apresentam uma produção teórica menor, porém não menos significativa, devido à relevância e importância do assunto abordado. Entre os autores que mais publicaram destacam-se Marisa Pelella Mélega e Maria P. Manhães, ambas com quatro artigos cada, os autores que contam com dois artigos publicados somam nove, o restante possui um artigo publicado. Tal fato nos permite aventar a hipótese de que o periódico propicia oportunidade de expressão de idéias de analistas de diversas Sociedades do país.

Também podemos, no Quadro 3, abaixo, apreciar os psicanalistas internacionais, que mais influenciaram a produção teórica dos psicanalistas nacionais, predominantes nas diferentes décadas apresentadas a seguir. A identificação da citação de cada autor seguiu o seguinte esquema: contamos os autores estrangeiros uma vez por artigo, toda vez que fosse citado nas referências bibliográficas, mesmo que o mesmo tenha aparecido mais de uma vez.

Quadro 3 - Psicanalistas internacionais mais citados nos artigos sobre criança publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* no período de 1967 a 1976

Década de publicação	Autores mais citados	Número de vezes citados
1967 a 1976	Klein, M.	7
	Freud, S.	6
	Bion, W.	4
	Winnicott, D	3
	Laplanche, J.	2
	Pontalis, J.	2
	Segal, H	1
Spitz, R.	1	

Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

Paralelamente à análise de algumas características apresentadas acima segue o perfil da difusão da psicanálise em nosso país. Klein, neste terceiro quadro, aparece em primeiro lugar, como principal norteadora dos trabalhos psicanalíticos com crianças, já que a mesma foi uma das principais fundadoras, junto com Anna Freud, cujas ideias psicanalíticas com crianças não reverberaram muito no período. Em compensação, segue seu pai, Freud, como o psicanalista mais citado nos trabalhos com crianças no presente período. Na sequência encontra-se Bion, devido a sua forte influência e presença nas Sociedades de Psicanálise de São Paulo e do Rio de Janeiro. E Winnicott já aponta como quarto autor mais citado.

Quadro 4 - Psicanalistas internacionais mais citados nos artigos sobre criança publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* no período de 1977 a 1986

Década de publicação	Autores mais citados	Número de vezes citados
1977 a 1986	Klein, M.	9
	Freud, S.	5
	Winnicott, D	5
	Freud, A.	3
	Bion, W.	2
	Tustin, F.	2
	Meltzer, D.	2
	Spitz, R.	2

Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

A presente época dispõe praticamente os mesmos dados da anterior, difere somente de por Winnicott, que passa a ser o terceiro autor mais citado. Anna Freud também teve expressão durante este período, devido às produções teóricas da analista estarem em destaque à época.

Quadro 5 - Psicanalistas internacionais mais citados nos artigos sobre criança publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* no período de 1987 a 1996

Década de publicação	Autores mais citados	Número de vezes citados
1987 a 1996	Freud, S.	18
	Winnicott, D	17
	Klein, M.	12
	Bion, W.	9
	Meltzer, D.	6
	Segal, H.	5
	Joseph, B	5
	Green, A.	5

Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

Os indícios das décadas anteriores deflagram neste período, Winnicott passa para o segundo lugar como autor mais citado, atrás apenas de Freud e seguido de Klein.

Quadro 6 - Psicanalistas internacionais mais citados nos artigos sobre criança publicados na *Revista Brasileira de Psicanálise* no período de 1997 a 2007

Década de publicação	Autores mais citados	Número de vezes citados
1997 a 2007	Freud, S.	14
	Bion, W.	14
	Winnicott, D.	10
	Meltzer, D.	7
	Klein, M.	6
	Bick, E.	6
	Green, A.	6
	Laplanche, J.	3

Fonte: *Revista Brasileira de Psicanálise*

O último quadro nos mostra aumentos significativos nas citações de Freud, Bion e Winnicott, sendo que Klein passa para o quinto lugar. O regresso de autores como Freud e a afirmação de autores como Bion e Winnicott, como psicanalistas mais citados no trabalho com crianças, nos permite comentar a convergência de dois fatores. De um lado, o reconhecimento dos trabalhos com crianças inspirados nestes autores, e uma crescente demanda de profissionais atuando e publicando sobre o tema na presente década. De outro lado, uma crescente demanda da sociedade em conhecer e necessitar do auxílio desta abordagem, por meio de constantes problemas e preocupações com os filhos.

A partir das leituras realizadas até o momento, observamos uma predominância de artigos teórico-técnicos. Melanie Klein, seus seguidores e Winnicott são os mais citados no trabalho psicanalítico com crianças. Confirmação também condizente com o trabalho anterior de Abrão (2001), no qual o mesmo realiza uma investigação histórica da tradição do pensamento kleiniano no Brasil.

A evolução da Psicanálise de Crianças no Brasil representada por meio da *Revista Brasileira de Psicanálise* comporta ainda muitos desdobramentos aos quais não fizemos alusão. Vale, entretanto, recordar que no ano de 2009 comemoramos o centenário da Psicanálise de Crianças. Assim, continuamos preconizando que traçar o perfil dos artigos publicados sobre análise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*, também poderá contribuir para a diversificação dos temas abordados pelo periódico, alcançando um número maior de interessados pelo assunto e, consecutivamente, podendo informar a profissionais e sociedade como um todo sobre a Psicanálise de Crianças e sua função. Assumindo, assim, a responsabilidade social sobre o tema.

Os dados apresentados no quadro anterior apontam possibilidades de leituras embasadas nas características a respeito da divulgação e consolidação da produção teórica sobre o tema na *Revista Brasileira de Psicanálise*, e que, de certa forma, delinearam a prática analítica com crianças em nosso país. Neste momento, os dados foram apresentados de maneira quantitativa. A seguir, serão submetidos à análise qualitativa, mediante descrição e contextualização dos dados obtidos por meio de levantamento teórico-histórico dos acontecimentos que marcaram a implantação da Psicanálise de crianças no Brasil.

6 UM PERCURSO HISTÓRICO PELA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS, COM BASE NA *REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE*

Em relação à análise qualitativa dos dados, foram formuladas, inicialmente, três categorias para a análise dos artigos. Em seguida, para a continuidade do trabalho, serão apresentados quatro momentos históricos do periódico, a fim de facilitar uma melhor contextualização da Psicanálise de Crianças no Brasil por meio da produção teórica na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Influências de autores estrangeiros, pioneiros em relação aos autores nacionais, também serão analisadas.

A partir deste momento, cabe um adendo. Os artigos localizados no periódico são, em sua maioria, de psicanalistas nacionais, porém, trabalhos de autoria de psicanalistas internacionais também formam o corpo da Revista. Em certos momentos, serão analisadas algumas contribuições destes psicanalistas internacionais, que ajudarão a determinar alguns momentos históricos da pesquisa. Entretanto, a análise qualitativa permanecerá concentrada nos artigos de autores nacionais.

6.1 Os Artigos e suas Categorias

Em uma detalhada apreciação dos artigos sobre psicanálise de crianças na Revista, encontramos um total de 107 artigos. Sendo que 89 escritos por autores nacionais, e o restante contribuições de autores internacionais.

Dessa forma, os resultados obtidos para análise permitiram a construção de três categorias, as quais se dispõem da seguinte maneira:

- 80 artigos cujas questões teóricas e técnicas são apresentadas, discutidas e aprofundadas, em sua maioria complementadas com um caso clínico;
- 20 relatos de atendimentos de crianças e adolescentes;
- 7 artigos que buscam desvendar os meandros que marcaram as peculiaridades sobre esta modalidade de atendimento à criança em nosso país.

Os artigos da Revista foram lidos, analisados e divididos em três categorias: 1 - artigos históricos; 2 - artigos teóricos; 3 - artigos clínicos.

Os critérios adotados para definição de tais categorias passaram a ser configurados à medida que foram sendo realizadas as leituras dos artigos, cuja seleção pautou-se pelas seguintes características:

- 1 - artigos que relatam a história da implantação e consolidação da prática de análise de crianças em nosso país.
- 2 - artigos que trazem contribuições e avanços teóricos e técnicos da teoria psicanalítica sobre infância, aliados a matizes teóricas e técnicas de autores de referência internacional.
- 3 - artigos que relatam e discutem atendimentos clínicos em psicanálise de crianças e adolescentes.

Com o intuito de contextualizar a *Revista Brasileira de Psicanálise* dentro do panorama da psicanálise brasileira, na segunda metade do século XX, também utilizaremos um modelo cronológico que retrate a evolução deste periódico nacional.

Assim, os modelos apresentados acima irão sobrepor-se um ao outro no momento da discussão dos artigos. Salientamos, ainda, que a apreciação crítica do conteúdo do periódico é o tópico da análise qualitativa do capítulo a seguir, na presente pesquisa.

6.1.1 A descrição dos artigos, influências, contextualização histórica e sua coadunação com a realidade brasileira

A partir de agora, conforme enunciado anteriormente, a análise dos artigos será realizada por meio da apresentação de quatro momentos históricos, já que o periódico conta com mais de quarenta anos de existência e os objetivos da pesquisa delimitam o período de 1967 a 2007.

O primeiro período histórico da *Revista Brasileira de Psicanálise*, delimitado de 1967 a 1976, é marcado pela primeira década de existência do periódico. Tem em seu início a contribuição do artigo da psicanalista argentina Arminda Aberastury⁴ “La existencia de la

⁴ Pioneira do movimento psicanalítico argentino seguiu, a linha de ensino de Melanie Klein desenvolvendo a psicanálise da criança em seu país, sendo também a primeira tradutora da obra de Klein para a língua espanhola.

organización genital en el lactente” (1967). No presente artigo, a autora postula a existência de uma fase genital, que precederia a fase oral que, portanto, antecederia a fase anal. Também destaca a relação do nascimento dos dentes à fase genital que descreve. Trata-se de um trabalho teórico, no qual é citado um caso de fobia em uma menina de onze meses, além de dados da observação do bebê no primeiro ano de vida. O significado deste artigo merece comentários sob dois aspectos: teórico e histórico. O primeiro comentário justifica a importância teórica do período ao qual a autora denomina de fase genital prévia, conceito este que tem relação com a ideia de complexo de Édipo arcaico de Melanie Klein, demonstrando a influência do pensamento kleiniano na psicanálise de crianças na Argentina e, por conseguinte, no Brasil. Outro aspecto a ser considerado refere-se à influência da psicanálise argentina de crianças liderada por Aberastury sobre a psicanálise brasileira, pois, durante a década de 1960 e 1970, a autora ministrou conferências, palestras e grupos de estudos em nosso país.

No mesmo volume, a psicanalista brasileira Lygia Alcântara do Amaral⁵ publica o artigo intitulado “Adolescência” (1967). Traz considerações em torno da passagem da fase de latência para a genital, por meio do estudo de dois casos clínicos. O estudo em questão também aborda a influência exercida pelos pais na viabilidade do tratamento analítico de adolescentes, bem como esclarece o leitor sobre a natureza da adolescência.

Dentro do mesmo tema, Frank Philips⁶ discute “A função da adolescência” (1967), delinea o uso que faz da teoria de Bion na análise de adolescentes, orientando-se pelos conceitos do complexo de Édipo, das posições esquizo-paranóide e depressiva, conforme definidas por Klein, bem como por sua teoria sobre inveja e identificação projetiva.

E em “A simbolização vista através da análise de uma criança” (1970), Milton Zaidan⁷, procura estabelecer a importância do assunto, afirmando que a simbolização é uma capacidade inata do ego, que obedece a determinadas funções, as quais, por sua vez, obedecem a um processo de desenvolvimento, não sendo somente a expressão de uma maneira primitiva de pensar. Considera regressivo o uso do símbolo como forma de descarga de impulsos sem qualquer elaboração consciente e ilustra suas ideias com um caso de esquizofrenia infantil em uma criança de quatro anos.

⁵ Analista didata do Instituto da Sociedade de Psicanálise de São Paulo.

⁶ Nascido na Austrália migrou para o Brasil, onde iniciou sua formação analítica que fora concluída na Inglaterra. Em seguida voltou ao Brasil, onde se associou à Sociedade Psicanalítica de São Paulo, contribuindo muito para a expansão da mesma. Por este fato, passa a ser considerado um psicanalista brasileiro.

⁷ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

O artigo “Considerações sobre o conceito de latência” (1970), de autoria de Manhães⁸, traz reflexões sobre o período de latência, concebendo a mesma como uma fase intermediária do processo normal do desenvolvimento, caracterizada pelo seu grande dinamismo e na qual se processam a atuação dos elementos regressivos e progressivos das forças do desenvolvimento. Chama a atenção, também, para o fato de ser muito marcante, nesse período, a procura pela identidade.

Em 1973, o analista argentino Medina⁹, pleiteia em seu artigo em espanhol um “Ensayo de integración entre algunas teorías de W. R. Bion con las del psiquismo fetal”, mediante especulações referentes ao psiquismo fetal, levando em conta a experiência clínica com pacientes regredidos a níveis primitivos do desenvolvimento humano, durante o processo analítico. Parte das concepções de Freud e Klein sobre as fantasias primitivas, para logo estabelecer uma integração entre estes conceitos com a teoria de Bion sobre a capacidade de *revêrie*, a função alfa. Exemplifica suas observações por meio de um caso que mostra, de maneira clara, as fantasias sobre o período fetal, vividas na relação transferencial com o analista. O presente artigo tem sua relevância pela maior difusão das idéias do psicanalista Bion, que teve forte influência na produção psicanalítica brasileira a partir dessa década, chegando a ministrar conferências e supervisões em nosso país na década posterior.

A seguir o grupo de analistas cariocas, formado por Schneider¹⁰, La Porta¹¹, Cabernite¹², Besouchete¹³ e Ribeiro¹⁴, aprofunda, por meio de relatório, a análise do assunto “O conflito das gerações” (1973), abordando a evolução psíquica e a organização da realidade interna da criança, preparando o terreno para a compreensão psíquica da adolescência quando explode o conflito das gerações. O relato é concluído destacando o papel da inveja recíproca como função decisiva no conflito das gerações, mas sempre junto com os elementos fisiopatológicos estudados resumidamente ao longo desta contribuição.

Outro grupo de analistas, agora todos paulistanos, discute o mesmo assunto sob o título “Conflito de gerações, emergentes de novas idéias” (1973), e entende o citado conflito como sendo endopsíquico. Caracteriza o conflito de gerações, não como um conflito decorrente de diferenças etárias, mas sim pelo choque do encontro ou convívio de diferentes estruturas de personalidade. Para os autores, ser da nova geração é ter uma estrutura mental

⁸ Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

⁹ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica Argentina.

¹⁰ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

¹¹ Membro efetivo, didata do Instituto da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

¹² Membro efetivo, didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

¹³ Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

¹⁴ Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

flexível, capaz de receber, conceber, criar ideias novas por meio da reformulação ou de novas configurações extraídas do velho, enquanto que ser da velha geração é ter uma estrutura mental rígida, conservadora, dogmática, cristalizada e saturada.

Complementando a temática abordada anteriormente, segue o artigo “Conflito das gerações – Sexo X Tóxico” (1973), no qual Azulay¹⁵ considera que a geração contestadora criou, consciente ou inconscientemente, maneiras saudáveis de contestar, por meio de liberdade de horário, mini-saia, pílula anticoncepcional, temor de guerra nuclear, melhoria nos níveis econômico, social e cultural e liberdade sexual. Preconiza, ainda, que, se tal maneira saudável de contestar não acontecer, podem aparecer dificuldades de elaboração de ansiedades diversas. Assim, o conflito poderá se deslocar para outra área de contestação, como os tóxicos.

Os anos de 1975 e 1976 são marcados pela temática adolescência. O analista argentino Korin (1975), discute a analisabilidade de adolescentes em “Os adolescentes e a prática psicanalítica”. Já o gaúcho Osório¹⁶ apresenta novas técnicas terapêuticas empregadas no trabalho com os mesmos em “A comunicação na análise de adolescentes” (1976), lembrando que existe uma diferença entre a análise de adolescentes, crianças e adultos. Ainda salienta que, do mesmo modo que com a técnica da análise infantil, novas perspectivas estavam sendo levadas em consideração no trabalho com os jovens na época.

Encerra-se, aqui, a fase denominada de primeiro momento histórico do periódico. A descrição dos artigos citados nos permite a realização de algumas contextualizações com o que ocorria no mundo e, em especial, no Brasil e na Sociedade psicanalítica brasileira, tanto no âmbito científico quanto no social. Nota-se uma preocupação dos autores em buscar um referencial teórico e técnico capaz de embasar suas práticas com crianças sob um olhar psicanalítico. Por isso, encontramos nos trabalhos deste período a prevalência de artigos técnicos e teóricos. Tais trabalhos são frutos de uma prática analítica com crianças em nosso país, fortemente influenciada pela psicanálise argentina, afinal, durante o período delimitado, analistas argentinos vinham ao Brasil ministrar cursos, grupos de estudo e supervisões. A temática adolescência também aparece com grande frequência devido à mesma influência apresentada acima. Na época, os psicanalistas Aberastury e Knobel desenvolviam trabalhos com adolescentes sob uma perspectiva kleiniana. O fruto de tal trabalho consolida-se na publicação do livro “Adolescência normal: um enfoque psicanalítico” (1981). O livro torna-se referência para os profissionais brasileiros na época.

¹⁵ Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

¹⁶ Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

O segundo período histórico, delimitado de 1977 a 1986, traz em seu bojo trabalhos como “Uma criança em silêncio” (1977) de Noé Marchevsky¹⁷, que consiste no relato do caso clínico de um menino que, aos seis anos e meio de idade, foi levado a tratamento devido a distúrbios do comportamento e do sono, asma e obesidade. Em seguida, o trabalho intitulado “Contribuição da análise de crianças ao ensino de análise de adultos” (1977), de Settlage¹⁸, salienta a importância do tema. O ano de 1980 tem seu início com o trabalho de Maurício Knobel¹⁹ sobre “A inclusão do ‘Acting-out’ terapêutico na interpretação durante a psicanálise de adolescentes”. Já o artigo seguinte, de autoria de Suely C. Alves²⁰, discute a “‘Ilusão de *holding*’ e a função materna”. Nele a autora tece considerações teóricas preliminares sobre aspectos evolutivos do indivíduo, desenvolvimento sobre fases mais primitivas que sofreram considerável repressão. Conclui que os processos de repressão nunca são totais, e cita restos de estruturas mais primitivas, que permitiriam a criatividade do indivíduo, a cada momento de sua vida. O ano de 1980 segue com o relato clínico de Noé Marchevsky, “Três sonhos de um adolescente obsessivo”.

Em 1981, Galina Shneider salienta “A participação e a orientação das figuras ambientais na análise de crianças, adolescentes e psicóticos”, e propõe uma mudança no ponto de vista da intromissão dos familiares na terapia de tais pacientes, por meio da transformação da chamada intromissão em aliança terapêutica com os familiares e a entrevista familiar como instrumento diagnóstico a fim de evitar as contra-indicações e os insucessos terapêuticos com tais pacientes. Izelinda Garcia Barros²¹, no ano de 1982, publica “Técnica em análise de criança”, enfatizando que os trabalhos de Melanie Klein constituíam a principal referência teórica e técnica na condução da análise de crianças na época. No mesmo contexto e ano, Myrna Pia Faville²² e Sonia Azambuja²³, em artigos distintos intitulados “Reflexões sobre o tema: Técnica de psicanálise de crianças” e “Reflexões sobre a Técnica de psicanálise de crianças e adolescentes”, retomam o tema proposto, trazendo contribuições sobre o que se entendia na época sobre análise de crianças e adolescentes e propondo a criação de um espaço analítico para o êxito na análise dos mesmos.

¹⁷ Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

¹⁸ Membro efetivo da American Psychoanalytic Association

¹⁹ Analista argentino que se mudou para o Brasil, onde desenvolveu trabalhos psicanalíticos de peso dentro das universidades. Referência por ser um dos primeiros professores universitários ligados a cursos e programas de pós-graduação em Psicologia a acolher a psicanálise como referencial teórico.

²⁰ Membro associado da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

²¹ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

²² Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

²³ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

David E. Zimmermann²⁴ traz a possibilidade da “Analisabilidade em relação à psicopatologia precoce” (1982), utilizando o desenvolvimento psíquico e as experiências psicopatológicas precoces para determinar a analisabilidade ou suas limitações, obstáculos, ou mesmo sua impossibilidade em pacientes com traumas, privações, maus relacionamentos com objetos importantes. Rosa Beatriz Pontes Miranda²⁵ em “Inter-relação da observação da inter-relação mãe-filho com o trabalho psicanalítico” (1982), comenta que há algo de único na relação mãe-filho, aproximando o trabalho analítico com crianças ao desenvolvimento emocional da relação real mãe-filho. Exemplifica com um caso clínico o desenvolvimento emocional de uma criança, tal qual ocorre na relação mãe-filho.

Geny Talberg²⁶, relata em “Alguns aspectos na evolução do tratamento psicanalítico de uma criança de três anos de idade” (1982) sua experiência psicanalítica. Tomando por base o material clínico apresentado, a autora focaliza alguns dos mecanismos mentais que a criança atendida lança mão para proteger-se das situações dolorosas de separação que enfrentara. Traz situações em que a perda desencadeou na criança sentimentos de pânico e fantasias de aniquilamento do ego durante o tratamento analítico.

No artigo de 1983, “Nascimento e autismo: considerações sobre a relação psicótica precoce mãe-bebê”, Adriano Giannotti e Giuliana de Astis²⁷ enfatizam como alguns sinais precursos presentes no primeiro ano de vida podem denunciar o subsequente colapso com a realidade em pacientes psicóticos.

Em “A análise de criança na formação psicanalítica” (1983), Maria P. Manhães utiliza de sua longa experiência em clínicas de orientação infantil como respaldo para justificar a relevância de tal prática na formação do analista, independente de sua especialidade.

Após um hiato de três anos sem artigos de autores nacionais publicados sobre o tema crianças e psicanálise, Rosanne Friedman Sigres²⁸, em 1986, publica “Tentativa de abordagem psicanalítica de um caso de autismo infantil”, no qual procura compreender a etiologia do caso e verificar como a criança vai passando da percepção de um objeto autista para um objeto separado do eu.

²⁴ Analista gaúcho que sistematizou em manuais de técnicas psicanalíticas as principais correntes psicanalíticas provenientes da Europa e dos EUA. Seus manuais também encontraram grande ressonância na formação de psicólogos que trabalham com referencial psicanalítico.

²⁵ Membro titular e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

²⁶ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

²⁷ Instituto de Neuropsiquiatria Infantil da Universidade de Roma

²⁸ Do Instituto da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Inaura Carneiro Leão²⁹ inicia “Identificação e suas vicissitudes conforme observada na adolescência” (1987), tendo como principal objetivo fazer algumas considerações sobre o tópico identificação e sua conexão com a identidade e internalização, levando em conta os conceitos de *self* e de narcisismo. Depois, discute a teoria psicanalítica da adolescência e, finalmente, as vicissitudes das pulsões, conforme observadas no processo da adolescência.

Relembrando a importância da “Observação da relação mãe-bebê – instrumento de ensino em psicanálise”, Marisa Pelella Mélega³⁰, em 1983, expõe sua experiência em supervisionar o trabalho de observação da relação mãe-bebê. Centra seu relato na emoção do candidato que se dispõe a ser observador e, assim, ressalta o papel do observador e a sua importância no seminário de observação para que haja aprendizado psicanalítico.

Finalizando o segundo momento histórico da *Revista Brasileira de Psicanálise*, David Léo Levisky³¹ traz “‘Acting out’ na análise de crianças: um meio de comunicação” (1987), abordando o fenômeno citado na relação transferencial-contratransferencial, durante a análise de crianças. Entende este processo como um meio primitivo de comunicação que se realiza por meio de identificações projetivas maciças. Já Ana Maria Andrade de Azevedo³², no mesmo volume, traz um “Contraponto – comentários sobre o trabalho: ‘acting out’ na análise de crianças: um meio de comunicação”.

Chegamos ao fim de mais um momento histórico e podemos observar que o mesmo foi marcado por forte interesse pelas temáticas autismo, psicose e adolescência; bem como questões teóricas e técnicas do ensino e aprendizagem da psicanálise. Tais características que diversificaram o periódico, talvez apontem para o acontecimento que vem a seguir e que será descrito no terceiro momento: a regulamentação e reconhecimento Institucional da Psicanálise de Crianças em nosso país, que ocorrerá no ano de 1988.

A signatária do terceiro momento histórico, datado de 1988 a 1997, nos alerta para a regulamentação da especialidade, como dito anteriormente. A conclusão que se impõe, com base nos acontecimentos que marcaram tal fato, resulta em um volume especial, dedicado à temática Psicanálise de Crianças, contando com os seguintes trabalhos:

- “Comunicação em análise de crianças” (1988), de autoria de Tânia Rauen Bastos³³;

²⁹ Da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

³⁰ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de São Paulo.

³¹ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

³² Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

³³ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

- “Algumas reflexões sobre a contratransferência na análise de crianças e adolescentes” (1988), de Frederico Seewald³⁴ e Nara A. Caron³⁵.
- “Masturbação e maternidade” (1988), de Ana Maria B. Iencarelli³⁶.
- “A observação da relação mãe-bebê e a formação analítica” (1988), redigido pela dupla Eliane P. de Farias³⁷ e Sônia Eva Tucherman³⁸.
- “Ansiedades pré-edípicas num menino adotado” (1988), também de dupla autoria de Maria L. S. Zavaschi³⁹ e Marlene S. Araújo⁴⁰.
- “Psicanálise da criança – introdução da família no tratamento” (1988), escrito por Maria P. Manhães.
- “Aspectos históricos do desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil” (1988), produzido em partes por Virgínia L. Bicudo⁴¹, Marlene S. Araujo⁴², Maria P. Manhães e Mara S. de Souza⁴³.

Especificamente em relação ao volume especial de 1988, observa-se uma concentração de artigos sobre a história da psicanálise de crianças em nosso país. O editor da Revista, em fase final de gestão, aponta:

Neste final de gestão quero deixar ao público leitor (um presente para mim) a realização do primeiro número temático brasileiro inteiramente voltado à Psicanálise da Criança. Tanto na literatura nacional como estrangeira os trabalhos psicanalíticos dedicados à análise de crianças são relativamente esparsos comparados ao volume de trabalhos de Psicanálise geral. (LEVISKY, 1988, p. 550).

Ainda neste volume o último trabalho merece atenção, pois procura narrar aspectos históricos do desenvolvimento da análise de crianças em diferentes regiões de nosso país. Bicudo apresenta dados de São Paulo, enquanto Araújo destaca informações do Rio Grande do Sul e Manhães e Mara de Souza do Rio de Janeiro. Locais onde a psicanálise encontrou campo profícuo para expansão e divulgação em todas suas áreas.

³⁴ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

³⁵ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

³⁶ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

³⁷ Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

³⁸ Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

³⁹ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

⁴⁰ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

⁴¹ Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁴² Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

⁴³ Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Passemos para a descrição dos artigos sobre psicanálise de crianças que se encontram dispersos no restante da década. Em 1989, José F. Gama e Silva⁴⁴ escreve “A unidade básica, o autismo primário normal, a ansiedade de separação e processo de identificação projetiva”. Com o objetivo de articular um modelo teórico que aumentasse a compreensão do fenômeno clínico na vertente mais primitiva das relações de objeto e do funcionamento mental. Para tanto, o autor discute os três conceitos contidos no título do artigo e apresenta um caso clínico de uma criança de 6 anos.

O ano de 1990 é caracterizado por um volume especial dedicado a organizar as principais contribuições de Winnicott, para o desenvolvimento de um modelo corrente em nosso país. Preocupação premente dos autores que se esforçaram para que não acontecesse o mesmo erro em relação à teoria de Melanie Klein e sua difusão no Brasil. Os trabalhos publicados e seus autores são:

- “A teoria do desenvolvimento emocional de D. W. Winnicott”, de Eloísa Helena Rubello Valler⁴⁵.
- “Algumas idéias sobre Winnicott”, de autoria de Sérvulo Augusto Figueira⁴⁶.
- “Winnicott e A experiência artística”, escrito por Rogério Luz⁴⁷.
- “O jogo dos rabiscos”, redigido por Maria Ivone Accioly Lins⁴⁸.
- “Encantos e desencantos dos contos de fada”, de Anna-Maria de Lemos Bittencourt⁴⁹
- “Donald Winnicott, 19 anos depois”, de Júlio de Mello Filho⁵⁰.

Ainda encontramos ressonância de Winnicott e sua teoria sobre a delinquência no trabalho de Cyro Martins⁵¹, “Bases psicodinâmicas da delinquência”, datado de 1991.

No mesmo ano, Elizabeth Lima da Rocha Barros⁵² discute “Crescimento emocional e análise de crianças”. Sugerindo que Bion, ao propor uma representação do funcionamento mental baseado tanto na relação continente-contido quanto num estado de equilíbrio e

⁴⁴ Membro provisório da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

⁴⁵ Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

⁴⁶ Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e da Sociedade Britânica de Psicanálise.

⁴⁷ Sociedade Brasileira Winnicottiana.

⁴⁸ Doutora em Psicanálise pela Universidade de Paris.

⁴⁹ Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

⁵⁰ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

⁵¹ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

⁵² Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e da Sociedade Britânica de Psicanálise.

oscilação da posição esquizo-paranóide e depressiva, apresenta um modelo de funcionamento mental em constante movimento. Ilustra a hipótese acima descrevendo o período da análise de um menino de 5 anos, e suas mudanças psíquicas durante o tratamento.

Já em 1992, José Otávio Fagundes⁵³ tece comentários sobre a questão da imitação e criação em psicanálise em “O brincar na análise de uma criança – reflexão sobre a imitação e criação”. Fagundes coloca que a imitação está mais ligada à estereotipia do aspecto racional e objetivo, enquanto a criação encontra-se mais relacionada ao aspecto imaginativo, intuitivo e subjetivo. Aborda a análise de uma criança, em que o brincar do analisando e o brincar do analista foram abrindo caminhos mais criativos para ambos.

O artigo “Aquisição gradual da capacidade de autocontinência emocional e da noção de identidade por uma criança autista e comunicação expressiva do analista”, de Teresa Rocha Leite Haudenschild⁵⁴, abre o ano de 1993. A autora inicia sua exposição apresentando as principais concepções teóricas dos trabalhos, decorrentes de Melanie Klein e Bion acerca da introjeção de um bom objeto e de um objeto continente. Ainda em 1993, Marisa Pelella Mélega, valendo-se de sua experiência analítica com crianças e com a observação da relação mãe-bebê, sugere uma ampliação do conceito constituição em psicanálise em “Constituição versus ambiente: diálogo decisivo na formação e transformação psíquica”.

Depois de um período cronológico de 2 anos sem a Revista abordar o tema psicanálise de crianças, em 1995, Edna Vilete⁵⁵ traz “O brinquedo e o sonho”. Valendo-se de uma experiência clínica e do relato de um sonho de seu paciente, a autora aborda ideias relacionadas à comunicação primitiva no *setting*, ao desenvolvimento do processo primário e à reconstrução de experiências pré-verbais.

O ano de 1996 é rico para produção e divulgação teórica sobre psicanálise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Ganha o volume especial comemorativo dos 30 anos de existência do periódico com o tema “Psicanálise de crianças e adolescentes”, atingindo a maior concentração de artigos sobre o tema, chegando a atingir o patamar de produção equivalente há uma década. Neste volume localizam-se os seguintes trabalhos:

- “Psicanálise de crianças: um terreno minado?”, de Alicia Beatriz Dorado de Lisondo⁵⁶, Elza Sczufka Marba Ribeiro⁵⁷, Iara S. Bondoli de Souza Noto⁵⁸, Mariza S. Inglez de Souza⁵⁹ e Nilde J. Parada Franch⁶⁰.

⁵³ Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁵⁴ Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁵⁵ Membro e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

⁵⁶ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

- “Sobre o início da análise de crianças: algumas particularidades”, redigido por Áurea Maria Lowenkron.
- “Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas *borderline*”, contribuição de Anne Alvarez⁶¹.
- “Da alucinação ao sonho: da evacuação à tolerância à dor, na análise de um pré-adolescente”, de Antonino Ferro⁶².
- “Adolescência: confronto, risco, parceria”, redigido por Antonio Luiz Serpa Pessanha⁶³.
- “O tratamento da angústia na criança maníaca”, de Cléopâtre Athanassiou Popesco⁶⁴.
- “Hans e o pequeno homem galo”, de Izelinda Garcia de Barros⁶⁵.
- “A ‘criança’ da psicanálise: algumas reflexões sobre a metáfora”, produção de Janete Bandarovsky e Marlene Braz⁶⁶.
- “Psicanálise e psicoterapia com crianças e adolescentes”, de José Iencarelli Filho⁶⁷.
- “Cavalo de fogo, a dona do mundo e outros heróis ou o primado da alucinação”, de Maria Helena de Souza Fontes⁶⁸.
- “Transicionalidade e suas vicissitudes”, escrito em conjunto por Maria Helena Raimo C. Oliveira, Marlene Rosenberg e Mirian Malzyner⁶⁹.
- “Arco-íris e fatas morganas de (-k) a (k)”, de Maria Stela de Godoy Moreira⁷⁰.
- “Reflexões em torno de uma supervisão com Wilfred Bion”, de Marisa Pelella Mélega.
- “Interação psicanalítica com pais”, de Marli Claudete Braga⁷¹.
- “A violência de um menino de doze anos como alternativa à morte psíquica”, de Miguel Sayad⁷².

⁵⁷ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁵⁸ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁵⁹ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁶⁰ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁶¹ Membro da Tavistock Clinic.

⁶² Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana.

⁶³ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁶⁴ Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.

⁶⁵ Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁶⁶ Candidatas do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

⁶⁷ Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

⁶⁸ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁶⁹ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁷⁰ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁷¹ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

⁷² Analista didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

- “Aspectos não verbais em análise de crianças”, de Nélio Wanderley do Sacramento⁷³.
- “Adolescência e defesas fóbicas”, de Neyla Regina A. Ferreira França⁷⁴.
- “Crianças passionais”, de Paulo Luis Rosa Souza e Bruno Salésio da Silva Francisco⁷⁵.
- “Refúgios narcisistas na adolescência: entre a busca de proteção e o risco de destruição – dilemas na contratransferência”, de Ruggero Levy⁷⁶.
- “Refazendo passos iniciais da constituição da realidade psíquica na análise de uma criança de seis anos”, publicação de Teresa Rocha Leite Haudenschild.

Juntamente com o volume especial descrita acima, outros acontecimentos fizeram do ano de 1996 para a *Revista Brasileira de Psicanálise* um ano especial, como a concretização dos seguintes projetos:

O primeiro, que ora concluímos, é a publicação deste número 1 do volume XXX, sobre o tema Psicanálise de Crianças e de Adolescentes, uma idéia antiga e solicitação maciça de nossos colegas e leitores. Nossa iniciativa de ativamente propor a temática foi gratificante. Recebemos mais de trinta trabalhos para seleção. Como homenagem – tanto ao pioneirismo necessário para a difusão da Psicanálise e aos novos grupos de estudo da ABP – decidimos promovermos o lançamento oficial deste número em Minas Gerais, durante o Simpósio sobre o pensamento winnicottiano em Belo Horizonte, neste mês de maio. O convite dos colegas de Belo Horizonte, sob a responsabilidade da SPRJ, demonstra também o reconhecimento da importância da *RBP* como difusora do pensamento psicanalítico nacional e fator integrativo de psicanalistas dos diversos pontos do país. (MONTAGNA, 1996, p. 5).

Além dos projetos citados acima, também destaca-se a inserção do periódico na Internet, com algum benefício para os leitores, tendo o que chamamos de *home page* na rede, em caráter pioneiro. Esta página passa a ser um espaço onde se disponibilizam informações com o objetivo de veicular qualquer usuário da rede no país e no mundo.

Ainda em 1996, em volume posterior, Gildo Katz e Gley P. Costa⁷⁷ publicam “O adolescente e a família pós-moderna”, tecendo considerações sobre a importância do pai, estabelecem o conceito de privação paterna. Examinam, ainda, as consequências da privação paterna na sociedade atual e na família, em particular. Na sequência, “Vingança e ressentimento na ‘situação edípica’” (1997), do analista britânico John Steiner, aponta a

⁷³ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁷⁴ Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁷⁵ Analistas didatas da Sociedade Psicanalítica de Pelotas.

⁷⁶ Membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

⁷⁷ Analistas didatas do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre.

influência de psicanalistas internacionais na produção brasileira e no trabalho de crianças com tais patologias durante a década estudada.

Chegando ao final do penúltimo período histórico da *Revista Brasileira de Psicanálise*, analisado pela presente pesquisa, podemos tecer algumas considerações mais aprofundadas.

Uma dessas considerações tem relação com os volumes especiais sobre o tema psicanálise de crianças, publicados em 1988 e 1996. Os mesmos são capazes de demonstrar, por um lado, o reconhecimento, o avanço e a pluralidade da psicanálise de crianças no âmbito científico em nosso país. Por outro lado, no âmbito social, notamos um esforço das Sociedades de Psicanálise, em atender uma demanda da sociedade contemporânea: o fortalecimento de um ideal cada vez mais difundido de preocupação com o infantil e a criança.

Para confirmar as considerações acima, basta comparar os dois volumes citados. No primeiro, encontramos trabalhos, temas e autores em um número inferior, porém maior do que nos momentos históricos discutidos anteriormente. Vemos claramente uma preocupação de validar a prática analítica com crianças, por meio de artigos em que foram feitos resgates históricos. Já no segundo, percebemos um aumento substancial no interesse de psicanalistas de novas Sociedades de Psicanálise dedicados ao trabalho com crianças e adolescentes, que encontraram um campo profícuo na *Revista Brasileira de Psicanálise* para divulgar sua produção teórica. Observamos, também, uma miríade de temas discutidos e um aumento no espectro de casos de crianças atendidas pela psicanálise, por meio da influência de psicanalistas de diversas partes do mundo, mas com um estilo próprio e original.

Esforço recompensado pelo trabalho das décadas anteriores, quando ainda se discutia a viabilidade da análise de uma criança.

Finalmente, podemos caminhar para o último momento histórico delimitado de 1998 a 2007.

Neste período, os trabalhos publicados colorem a *Revista Brasileira de Psicanálise* com nuances distintas. O primeiro trabalho sobre o tema, no período apresentado, é de autoria de Roberto Barberena Graña⁷⁸, com o título “Relação, destruição e uso de objeto: egoidade e alteridade numa perspectiva epistêmica winnicottiana” (1998). Este artigo colocou em discussão as noções de interioridade e exterioridade e de eu e outro na obra de Winnicott. Valendo-se de situações clínicas relatadas pelo próprio autor, busca-se articular as novas categorias propostas com base na ideia da transicionalidade, com originais conceitos

⁷⁸ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana.

freudianos relacionados ao narcisismo e à transferência. O autor ilustra com caso clínico infantil, em tentativa de identificar influências filosóficas na construção do pensamento winnicottiano, concluindo com um breve comentário acerca da experiência do uso de um objeto na formação do psicanalista de crianças.

No ano seguinte, encontramos a contribuição e influência do trabalho do analista britânico Abrahão H. Brafman, intitulado “Tirando partido das influências mútuas entre pais e filhos” (1999). O presente trabalho discute a questão da inclusão dos pais nas consultas terapêuticas com crianças, e nos permite compreender as razões pelas quais os pais podem ajudar ou dificultar a criança a superar seus problemas. O autor ainda frisa a importância de avaliar o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança, que nos permite reconhecer aquelas crianças que necessitam de ajuda mais extensa.

Em 1999, também, Joan Symington, membro da sociedade Psicanalítica australiana e da Sociedade Britânica de Psicanálise, publica “A pequena alquimista obsessiva”. Symington utiliza a experiência psicanalítica com uma criança obsessiva para destacar o momento do *insight* na análise de crianças. Além disso, compara o processo de oscilação que ocorre na mentalidade obsessiva, em que as forças opostas são compreendidas como estados mentais prematuramente sofisticados, tais como mania ou paranóia, que interferem no estado mental fluido adequado para a ocorrência do *insight*.

Com o penúltimo artigo de 1999, Martha Maria de Moraes Ribeiro⁷⁹ usando exemplos de sua experiência clínica com crianças e adultos, escreve “*Rêverie* hostil e *rêverie* benigna”. Estuda a função de *rêverie* aplicada à psicanálise a partir da intuição de Bion de que deveria haver um continente com uma *rêverie* com capacidade de acolher com discernimento os bombardeios dos elementos beta vindos do bebê, via identificação projetiva, para conte-los, ressignificá-los e transformá-los em símbolos e pensamentos. Preconiza, valendo-se de tal fundamentação teórica que a *rêverie* hostil tem haver com fenômenos que, não tendo sido elaborados e uma vez reabertos, surgem sob a forma de terror sem nome, de transtornos do pânico e pesadelos. Já a *rêverie* benigna agirá no sentido de conter a explosão mental do paciente dessa revivência, porque a área traumática é campo com minas mortíferas e contém grande persecutoriedade, pontos de fixação de questões ideativadas e afetivadas intocáveis e áreas de tabus e conluios que põem o paciente à margem da vida real.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo apresenta o último artigo do ano de 1999 sobre o tema. Em “Travessia da adoção – a ferida na alma do bebê”, a autora sustenta que o bebê

⁷⁹ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

adotado é um ser com um risco maior de alcançar a subjetividade e o desenvolvimento mental saudável. E considera a adoção como uma situação traumática para o bebê, que exige dos pais adotivos um árduo trabalho de elaboração psíquica. Em exemplo clínico ilustra os desafios para um adolescente adotado e a pertinência da intervenção psicanalítica em tais casos

E, no ano de 2001, trabalhos como “Os pais na anorexia nervosa. Uma abordagem psicanalítica”, de autoria de Gonzalo Varela Viglietti, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Uruguai e “Electra Cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o Complexo de Édipo”, de H. C. Halberstadt-Freud, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica Holandesa, enfatizam o valor da relação com os pais e a importância do desenvolvimento psíquico saudável se articular com o trabalho psicanalítico.

Mônica Guimarães Teixeira do Amaral⁸⁰, também em 2001, retoma a temática no artigo “Adolescentes sem limites ou ‘funcionamentos limite’ diante de uma existência que exige a demissão do sujeito?”, no qual aborda as dimensões regressivas e autoritárias que o mundo contemporâneo impõe aos nossos jovens.

Maria Lúcia Ferrão de Sousa Campos⁸¹, em 2002, publica “O pequeno grande soldado (quando as palavras chegam...)”. Trata-se de um relato clínico de uma menina, no qual mostra como, durante o processo psicanalítico, a linguagem convencional foi sendo transformada em linguagem própria, e especifica a interioridade da criança.

No mesmo ano de 2002, Mércia Maranhão Fagundes⁸² escreve “Uma abertura para a adolescência”. Preocupada com a necessidade de elaborar a perda de uma relação analítica que chega ao fim, a autora apresenta fragmentos clínicos da análise de uma adolescente.

Marisa Pelella Mélega, por outro lado, com o propósito de comunicar e apresentar as expressões inconscientes das atividades lúdicas de crianças durante sessões pais-crianças, formula o artigo “Gerando significados no trabalho com pais-crianças” (2002). E, em “Um *self* sem berço. Relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê” (2002), Maria Cecília Pereira da Silva⁸³, por meio de um relato clínico, mostra como um bebê com um transtorno de sono expressa uma patologia fruto da transmissão psíquica através das gerações.

Contribuindo com os trabalhos sobre o tema, ainda em 2002, “‘Abalos’ nas mãos, ‘coisas de tremer’: sobre a polifonia discursiva das perturbações de crianças”, de Áurea Maria

⁸⁰ Do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁸¹ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁸² Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁸³ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Lowenkron⁸⁴, discute as mudanças e permanências no campo da psicopatologia infantil, a partir da premissa de que a sociedade, a cada época, promove modos preferenciais de subjetivação e fornece, para os sentimentos e os comportamentos humanos, certas significações que guiam a apreensão, interpretação e categorização de fenômenos empíricos.

O ano de 2003 tem seu início com os trabalhos “Observação de bebês – método Bick – uma vivência emocional significativa para a criatividade”, de Rute Stein Maltz⁸⁵, e “Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick”, de Theodolinda Mestriner Stocche⁸⁶, que reafirmam a importância da incorporação do método citado na formação de analistas.

Em 2004, Mércia Maranhão Fagundes publica “Psicanálise e crianças: um panorama clínico”, objetivando descrever sua experiência clínica com a psicanálise infantil. Refere-se, à relação do analista com os pais, apontando para a absoluta necessidade de um relacionamento harmonioso entre analista e família para a manutenção e o desenvolvimento do processo analítico.

Os artigos “Entre a ‘balada’ e o convento: reflexões sobre análise de adolescentes” (2004), de Ana Maria Stucchi Vannucchi⁸⁷ e “Casos-limite na adolescência” (2004), de Raquel Plut Ajzenberg⁸⁸, discutem questões fundamentais com as quais se defronta o analista de adolescentes. E Marina Ramalho Miranda⁸⁹ apresenta “O mundo objetal anoréxico e a violência bulímica em meninas adolescentes” (2004). No mesmo ano, o conjunto de autoras Mariângela M. de Almeida⁹⁰, Magaly Miranda Marconato⁹¹ e Maria Cecília Pereira da Silva, por meio de vinhetas clínicas, traz uma proposta de intervenção precoce em “Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças”.

Ainda em 2004, Vera Regina J. R. Marcondes Fonseca⁹², Vera Silvia Raad Bussab⁹³ e Lívia Mathias Simão⁹⁴, valendo-se da transcrição de uma sessão de um menino de 11 anos, diagnosticado como tendo um transtorno autístico, publicam o trabalho “Transtornos autísticos e espaço dialógico – breve conversa entre a psicanálise e o dialogismo”.

⁸⁴ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

⁸⁵ Membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

⁸⁶ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁸⁷ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁸⁸ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁸⁹ Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁹⁰ Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁹¹ Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁹² Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

⁹³ Professora Livre Docente do Instituto de Psicologia da USP.

⁹⁴ Professora Doutora do Instituto de Psicologia da USP.

Encerrando o ano de 2004, Virginia Ungar⁹⁵ em “O trabalho psicanalítico com adolescentes, hoje” refere-se à clínica psicanalítica com adolescentes na época atual. Primeiramente faz um breve resumo sobre autores que escreveram sobre adolescência, para em seguida focar o problema atual da adolescência diante das mudanças em relação a geração anterior. Finalmente aborda a questão da analisabilidade do adolescente e também os motivos mais frequentes da consulta em pacientes dessa faixa etária, nos dias de hoje. Um exemplo clínico é apresentado sobre uma adolescente que iniciou o trabalho analítico aos 15 anos de idade, encontrando-se agora no terceiro ano de análise, para ilustrar alguns aspectos da problemática do adolescente e ao mesmo tempo, aspectos técnicos característicos do trabalho analítico com pacientes dessa idade.

“Los degradados, pra fora, pra baixo, morte, o trauma transmitido e infligido, conforme foi encontrado na análise de uma menina de seis anos”, do analista americano James M. Herzog, torna-se um dos únicos trabalhos sobre o tema publicado no ano de 2005. Descrevendo os jogos e brinquedos na análise de uma menina de 6 anos, o autor aponta a possibilidade de um trauma, infligido ou transmitido, ser de fato uma camada encobridora de um outro trauma, este ainda mais profundo e perturbador. E o autor exemplifica esta idéia com o caso citado. Outro trabalho que compõe o ano de 2005 é o de Maria Silvia Regadas de M. Valladares⁹⁶, que através de sua experiência clínica como psicanalista, particularmente no atendimento de crianças e adolescentes, de um modo geral de classe média alta, observa que é considerável a percentagem de pacientes filhos de pais separados, emocionalmente despreparados e ausentes à demanda psicológica da criança. Tal observação resulta no artigo “O que quer uma crianças?”. Descrição de vinhetas clínicas destacando as relações primitivas, onde estruturam as bases da personalidade, como chave importante para o entendimento e distúrbios psíquicos *borderlines* na vida adulta.

Luiz Eduardo Soares⁹⁷, levando em consideração a hipótese de que a exclusão social no mundo contemporâneo diz respeito a todos nós, inclusive à psicanálise, apresenta o caso clínico “Verdade e reconciliação: a menina que se salvou da violência agarrando-se ao símbolo” (2006). Também em 2006, Silvane Maria Bonioni Vassimon de Figueiredo⁹⁸, em “Configurações de prisão e de liberdade. Considerações técnicas com adolescentes”, apresenta peculiaridades técnicas de seu trabalho com jovens levando em conta a noção

⁹⁵ Membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

⁹⁶ Membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

⁹⁷ Professor da Universidade Cândido Mendes.

⁹⁸ Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

freudiana dos estados mentais iniciais de não representação e a evolução técnica no trabalho com os mesmos. Ainda em 2006, em “A noite e seus filhos (o sono e o falecimento) e pesadelos ao longo da infância”, Ane Marlise Port Rodrigues⁹⁹ refere-se à noite como cenário de um ritual da passagem do adolescente para o mundo dos adultos.

Fechando o ano de 2006 com primazia, a dupla José Ottoni Outeiral¹⁰⁰ e Eloisa Helena Rubello Valler Celire, em “Freud: um psicanalista de adolescentes”, com base em três vertentes, procuram o conceito de adolescência em Freud e buscam demonstrar a significativa importância que o autor dava a esta etapa do desenvolvimento emocional.

O ano de 2007 finaliza o último período histórico com três contribuições. Uma da psicanalista Gina Khafif Levinzon¹⁰¹, em “Diário de um espelho: a relação analítica e a construção primordial de um psiquismo”. Preconizando que no trabalho psicanalítico, nos apresenta pessoas que se caracterizam pela inacessibilidade no contato e pela grande fragilidade do ego em lidar com as pressões externas e internas. A autora aborda o tema a partir do caso clínico de uma menina que apresentava intenso retraimento, com grandes prejuízos para sua relação com as pessoas que a rodeavam. Na situação analítica, a paciente se negava a interagir e a falar com a analista por um longo tempo, atribuindo sua resistência ao sentimento de *vergonha*. É examinada a configuração narcísica presente nesse estado afetivo, assim como o manejo técnico utilizado para estabelecer um canal de aproximação que favorecesse um vínculo mais consistente. Criou-se, a partir da construção conjunta da dupla analítica, uma espécie de *espelho vivo*, que permitiu a construção gradual de uma estruturação narcísica mais integrada. Aos poucos, a paciente pôde se desenvolver, abandonar seu estado de mutismo e abrir portas para sua criatividade e espontaneidade.

A segunda contribuição é de Marina Trench de Oliveira¹⁰² – “Cabelos: da etologia ao imaginário” –, neste artigo, o atendimento de uma criança que tinha grande atração por “cabelos” levou a autora a investigar o tema. Foi realizado um apanhado da função dos cabelos do ponto de vista anatômico, biológico e etológico, concluindo-se que, tendo uma função protetora onto e filogenética, os cabelos constituem a preconcepção de um objeto que nos contém e mantém seguros. O fato de os cabelos se prestarem a ser utilizados como defesa contra diferentes tipos de angústia encontra expressão nos hábitos e costumes dos povos, em diferentes épocas, em seus mitos e contos. Os cabelos surgem também, com frequência, nas situações clínicas, e a autora aponta seu uso para fazer frente às angústias de separação, sua

⁹⁹ Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

¹⁰⁰ Membro titular e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Pelotas.

¹⁰¹ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

¹⁰² Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

manipulação como defesa contra angústias persecutórias, a alopecia como expressão do medo da perda do objeto de amor e como expressão de defesa contra o risco de se tornar “não-ser”.

A última contribuição do ano, de Cássia A. N. B. Bruno¹⁰³, mostra como a anorexia masculina é um ótimo exemplo de patologia contemporânea e permite ilustrar as indagações que se colocam ao analista frente a esses pacientes. Basicamente, a reflexão privilegia estas perguntas: de que lugar fala o analista? Qual é sua metodologia básica? Qual é sua técnica? Quais os pré-requisitos para se colocar no lugar de analista? Resumidamente a proposta é formalizar a postura teórica que fundamenta a abordagem dos casos ditos de patologia narcísica no artigo intitulado “Abordagem clínica na psicanálise contemporânea com enfoque em caso de anorexia masculina”.

Tendo, assim, descrito os principais trabalhos que marcam o último momento histórico da *Revista Brasileira de Psicanálise*, delimitado por nossa pesquisa, podemos aventar algumas considerações sobre o panorama da produção teórica sobre psicanálise de crianças no periódico. Desse modo, aprecia-se a consolidação de uma prática psicanalítica com crianças amparada em uma diversidade de psicanalistas que se dedicaram à criança em nosso país.

Concluindo, observamos uma expansão de tal trabalho por meio da formação de novas Sociedades de psicanálise com crianças em diversas partes do país, em especial no interior paulista e no Rio Grande do Sul. Tal observação embasa-se no fato de registrarmos um aumento significativo de artigos e autores de diferentes Sociedades de Psicanálise dedicados à psicanálise de crianças apresentados por intermédio da produção teórica sobre psicanálise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

6.1.2 Tendências atuais da psicanálise de crianças no Brasil

Até aqui, podemos afirmar, diante dos resultados quantitativos e qualitativos apresentados anteriormente, que houve maior influência do pensamento kleiniano no Brasil. Tal constatação torna-se nossa justificativa para apresentação do presente capítulo.

Klein queria ser vista como discípula de Freud. Grosskurth (1986/1992), em sua biografia de Klein, conta que certa vez a psicanalista comentava com indignação a uma de suas colaboradoras, Betty Joseph, que tinha sido tratada por kleiniana, quando se considerava

¹⁰³Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

freudiana. Betty Joseph, prontamente lhe respondeu: “agora já é tarde, quer você queira ou não, você é uma kleiniana” (GROSSKURTH, 1986/1992, p. 119). Isto nos suscita a seguinte questão: Quando um autor com pensamento psicanalítico original pode ser considerado como tendo desviado do pensamento psicanalítico criado por Freud?

Tendo todos estes fatos em mente, gostaríamos de discutir a especificidade de tais acontecimentos históricos.

Barros (1989), em introdução ao livro organizado por ele mesmo sob o título *Melanie Klein: evoluções*, discute entre outros, este assunto de maneira clara e concisa; e acredita que a psicanálise não se desenvolve por meio de meros acréscimos de conhecimento, mas sim por meio do aprofundamento de questões, que muitas vezes implicam em rupturas com o conhecimento tradicional. O autor ainda traz dados históricos e contemporâneos sobre a formação e implantação da principal Sociedade de psicanálise do hemisfério norte: A Sociedade de Psicanálise da Inglaterra.

Atualmente, a Sociedade Britânica de Psicanálise está dividida em três grupos, a saber: “Kleiniano”, “Freudianos Contemporâneos” e “Independentes”. Esta divisão perdura, com algumas modificações, desde as discussões sobre as controvérsias”, que opusera os partidários a Melanie Klein aos de Anna Freud em 1943 e 1944 e resultaram na criação de dois sistemas de formação separados, um kleiniano e outro seguindo as orientações de Anna Freud.

Presentemente, o candidato da Sociedade Britânica de Psicanálise deve filiar-se a um dos grupos para efeito da formação, embora esta seja realizada dentro de uma razoável integração entre os três grupos. (BARROS, 1989, p. 13).

Barros finaliza a presente exposição esclarecendo que tal percurso histórico segue o mesmo caminho na implantação, organização e formação de psicanalistas das demais sociedades de Psicanálise do mundo, reverberando inclusive em nosso país.

Aqui no Brasil, como podemos verificar, por meio do principal expoente da produção psicanalítica nacional, que tal configuração também ocorre atualmente em nosso país. Porém, acompanhando a história dessa modalidade em nosso meio, encontramos maior influência dos kleinianos até a metade do século XX. Sendo em seguida incorporado a modelos e matrizes teóricas diversas, provenientes da Europa, EUA e Argentina.

Portanto, a influência deste pensamento em nossa cultura determinou estilos de escrita, de produção do conhecimento e configurou a formação de Sociedades e ênfases em cursos. Diante de tais constatações, julgamos necessária uma apreciação do estilo de escrita dos pensadores kleinianos e seus continuadores.

Para nos auxiliar em tal tarefa, encontramos as contribuições de Cintra e Figueiredo (2004) que discorrem sobre a obra de Melanie Klein, suas principais influências e seu estilo

de escrita e pensamento, assim como constroem uma retórica bem estruturada deste pensamento, aproximando e apresentando as principais divergências de suas ideias às de seus oponentes.

Barros (2004), na introdução do livro *Melanie Klein: estilo e pensamento*, escrito pelos autores citados acima, apresenta e discute as peculiaridades do estilo e do pensamento kleiniano, uma vez que se dedicara, há muitos anos, ao estudo do pensamento de Melanie Klein e, por esta razão, lera seus principais comentadores. Para o autor, ler Klein de maneira proveitosa é algo extremamente difícil, não se referindo ao seu estilo difícil e trabalhoso, mas à complexidade intrínseca de um conjunto de conceitos expostos, texto que se não tomarmos cuidados se presta a interpretações mecanicistas e simplificadoras da vida mental. Esta constatação nos leva a pensar que a retórica utilizada por Klein deve ser revista.

Klein é conhecida pelo seu estilo pouco elegante e, frequentemente, obscuro. Porém, muitas das resistências às ideias kleinianas provêm de uma leitura marcada por um viés a-histórico, que cria a impressão no leitor de estar diante de um sistema fechado e contraditório. A ausência de uma perspectiva histórica e epistemológica nesses trabalhos torna mais difícil perceber que o sistema kleiniano, assim como todo sistema de pensamento, é constituído de partes em diferentes estágios de desenvolvimento e contém elementos contraditórios e inconsistentes.

Este estilo revela que, desde o princípio, Klein e seus seguidores aprenderam a colocar ênfase e valorizar a experiência pessoal. Esse posicionamento, por assim dizer epistemológico, de índole fortemente empirista e clínica, se expressa no estilo predominante de seus textos. A dimensão fenomenológica e experiencial aparece sempre em evidência, mas mesclada com a dimensão teórica, mais especulativa e mesmo metapsicológica, produzindo, com frequência, uma teorização híbrida, em que a proximidade com a clínica é usada para dar valor de verdade às teorias.

Cintra e Figueiredo (2004, p. 14) traçam a origem e o significado conceitual de algumas ideias centrais do pensamento de Melanie Klein de forma muito elucidativa, preconizando que:

Em Klein, a metapsicologia se mescla permanentemente com a clínica. Esta abordagem por um lado, propicia uma clínica muito expressiva e rica, na qual os mecanismos profundos do inconsciente são expressivamente descritos, de outro, gera uma certa confusão de níveis que fazem com que o leitor se sinta muitas vezes perdido, quando não irritado quando lhe parece ser um texto impositivo.

O aprofundamento de tais questões históricas não cabe aqui, o intuito foi apenas citar alguns aspectos históricos, sociais e políticos que atravessaram a implantação e consolidação das Sociedades e práticas psicanalíticas no hemisfério norte, assim como no hemisfério sul e suas produções teóricas.

Vale citar, igualmente, que Winnicott e sua influência, após assumir a direção da Associação Psicanalítica Internacional, após a morte de Klein, abrange o espectro de patologias atendidas, dando maior ênfase ao meio ambiente e seus processos de maturação, a função e a importância da maternagem no desenvolvimento psíquico do bebê. Questões relativas ao psicanalista Lacan e sua produção fora das Sociedades não se apresentam no periódico. Não esquecendo que o pensamento do mesmo também teve forte influência no meio psicanalítico internacional e brasileiro, recorrendo a outras vias, como a acadêmica e os Cartéis lacanianos, para produção e divulgação de seus trabalhos. O mesmo ocorrera com Maïd Mannonni e Dolto, porém de maneira um pouco diferenciada. As duas psicanalistas não fazem parte do grupo de analistas denominados lacanianos, apesar de suas teorias deflagrarem forte influência do pensamento do autor em seus trabalhos

Os psicanalistas citados acima, nos permitem tecer algumas considerações que traçam o perfil atual da prática psicanalítica com crianças e, conseqüentemente, a produção teórica, mediante a afirmação de que o paradigma da psicanálise se alicerça nos conceitos de inconsciente, pulsão, transferência e repetição. Hoje, mesmo aqueles que acolheram o legado freudiano admitem, que a obra de Melanie Klein e de seus seguidores representa um marco na psicanálise, ainda que estejam em desacordo quanto aos caminhos trilhados para concebê-la. Winnicott alargou os limites da clínica psicanalítica ao descrever um espaço – nem externo nem interno, nem eu nem não-eu, uma transição entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido – onde se cria o eu e o mundo, domínio do simbólico e berço da cultura. Para ele, nossa tarefa se faz nesse espaço. Trata-se de um jogo em que o sujeito é pensado como um permanente “tornar-se”. Tal concepção da clínica é especialmente eficiente em pacientes psicóticos ou *borderlines*, pacientes cujo sofrimento psíquico está além do conflito edipiano, refletindo a impossibilidade de constituição do próprio eu. Bion descreve a constituição de um aparelho psíquico desenvolvido por meio de um continente e de uma capacidade de rêverie que contenha e transforme os conteúdos da mente primitiva. Podemos dizer que Bion refinou os conceitos de mundo interno e mundo externo da obra de Klein, aprofundando os conhecimentos sobre as psicoses e aproximando as ideias de Winnicott e de as Klein.

Diante de tais constatações e posterior a discussão dos dados da pesquisa, podemos chegar a uma conclusão bastante clara, de que a produção teórica sobre psicanálise de crianças no Brasil, representada por meio da *Revista Brasileira de Psicanálise*, tornou-se bastante pluralista. Abrangendo as principais discussões em relação à análise de crianças no mundo, como interpretação e técnica, fantasia, sexualidade, transferência e contratransferência e o inconsciente, permitindo assim a circulação e a incorporação de modelos correntes que dialogam entre si. A pesquisa elegeu como referência a História, pensando-a como o passado em processo, e recolhendo fragmentos do desenvolvimento das ideias sobre o trabalho psicanalítico com crianças no Brasil, sobre a concepção de autores como Anna Freud e Melanie Klein. Porém, como uma constante, pudemos observar de que maneira os acontecimentos históricos configuraram o campo teórico e prático no mundo e em nosso país. Disputas, brigas, divergências do passado que resultaram em formações de grupos distintos e até mesmo rivais no exterior, ocorreram de maneira mais branda em nosso meio, autores e conceitos foram aceitos e formaram especialidades, chegando a se relacionar entre si.

Exemplo disto é a característica nodal do trabalho dos psicanalistas brasileiros em estudar a estruturação do mundo interno, nunca esquecendo a importância dos objetos externos como estruturantes do aparelho psíquico. Levando sempre em consideração a relação entre objetos internos e objetos externos, mundo interno e mundo externo, a psicanálise de crianças e adolescentes brasileira demonstra a forte influência e relevância do trabalho do psicanalista Winnicott, que se baseava nestas duas constantes no desenvolvimento de seu trabalho e sua teoria. Afinal, a citada característica, aparece como pano de fundo da produção teórica brasileira. Como pudemos apreciar no quadros sobre os autores estrangeiros mais citados pelos analistas de crianças brasileiros, constatamos de que maneira Winnicott veio gradualmente ganhando espaço no Brasil, pois passa a ser citado frequentemente nos trabalhos sobre análise de crianças e adolescentes no meio psicanalítico.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao final de nossa investigação, podemos colher alguns frutos, que nos forneceram condições não só de apresentar uma sistematização das principais etapas que caracterizaram o desenvolvimento da produção teórica sobre psicanálise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*, mas também de tecer alguns comentários que nos permitirão contextualizar os dados aqui arrolados tanto em relação ao movimento psicanalítico do país, quanto às principais diretrizes do pensamento científico das épocas, denominadas momentos históricos na análise dos resultados.

A aproximação do desenvolvimento da produção teórica da psicanálise de crianças no Brasil, por meio da *Revista Brasileira de Psicanálise*, permitiu-nos distinguir, de forma bastante evidente, períodos históricos de especial significado, pois demonstram a maneira como a psicanálise de crianças foi compreendida e praticada no país ao longo do século passado e início do presente século. Em um primeiro momento, encontramos uma produção científica sobre o tema direcionada para a difusão e a compreensão teórica do adolescente dentro da psicanálise. Tal característica da produção deste período, que foi de 1967 a 1976, respondeu a uma necessidade da sociedade da época e dos profissionais que possuíam uma preocupação em aumentar sua compreensão sobre esta fase tão complicada do desenvolvimento humano, em busca de um arsenal teórico-técnico capaz de possibilitar o trabalho com adolescentes. Tornando-se, assim, uma fase preparatória para a introdução de discussões clínicas mais amplas e complexas na análise de crianças, como o atendimento de crianças pequenas ou a abordagem de quadros clínicos mais graves, como o autismo, por exemplo.

Nessa perspectiva, iniciativas pessoais de alguns profissionais, como da autora Lygia Alcantara, destacavam-se no periódico, buscando na psicanálise um instrumental para se compreender as vicissitudes desta fase do desenvolvimento humano. Em um primeiro momento, esses profissionais embasaram seu trabalho no país nas ideias de Freud, Klein e seus seguidores, valendo-se, para tal, de publicações de caráter eminentemente teórico. Sobretudo com contribuições de psicanalistas argentinos que se encontravam um passo à frente da teoria e da técnica psicanalíticas com crianças sob um olhar kleiniano. Os mesmos começaram a ministrar cursos sobre o tema no Brasil, entre eles destacam-se Aberastury e Knobel, e este último passou a residir no país. Desta forma, esboçam-se tentativas de aplicações terapêuticas do método psicanalítico de forma sistemática, evidenciando a

importância da formação necessária para esta tarefa, fato que só ocorrerá uma década mais tarde. Cumprem-se a favor destas iniciativas, a função de divulgar e legitimar o valor e a importância da teoria psicanalítica para a compreensão e o tratamento de adolescentes, com forte apoio dos colegas argentinos.

Profissionais com uma determinação na regulamentação da profissão e consequente formação de profissionais que se interessavam e, por muitas vezes, já atuavam na área, marcam este período e impulsionam o acontecimento que ocorrerá na década seguinte.

Assim, a frutificação da produção teórica sobre o tema na *Revista Brasileira de Psicanálise*, consolidou-se e tornou-se efetiva, a partir do momento em que foi estabelecida no país a regulamentação e a formação de analistas de crianças sobre os auspícios das Sociedades de Psicanálise, filiadas à Associação Psicanalítica Internacional. Fato ocorrido no ano de 1988, em São Paulo, e 1989, no Rio de Janeiro, culminando em volume temático da Revista dedicado ao tema Psicanálise de Crianças, com o intuito de caracterizar e sistematizar a prática desenvolvida no país até então (ABRÃO, 2001). A partir deste ano, surgem artigos históricos que demonstram um movimento de sistematização mediante a tentativa de reflexão de práticas anteriores e a consolidação e formulação de diretrizes para uma prática futura. Os textos históricos mencionados no corpo da presente pesquisa colocaram em foco os fatos e enriqueceram a compreensão dos acontecimentos. Ancorados na justificativa de que a transmissão da psicanálise configura-se de maneira diferente em determinadas culturas, os estudos históricos teriam sua importância para acompanhar a difusão da mesma em nossa sociedade.

Em linhas gerais, por um raciocínio silogístico, podemos constatar, com base em tais estudos históricos, que a prática com análise de crianças no Brasil percorreu etapas semelhantes às que foram trilhadas pelo movimento principal da psicanálise. Analisados em conjunto, os autores e seus textos históricos arrolados na pesquisa e suas produções teóricas definem uma importante etapa da psicanálise de crianças no Brasil. Foram os mesmos teóricos que tomaram a iniciativa de difundir, no meio científico e cultural brasileiro, as primeiras formulações teóricas sobre psicanálise de crianças que surgiam no continente europeu. Tratando-se, portanto, de trabalhos marcados pela iniciativa e determinação de alguns homens devotados à causa da criança e do adolescente na psicanálise, que não mediam esforços para compreender, aplicar e ampliar as fronteiras da teoria e da técnica infantil.

Ao estudarmos os trabalhos teóricos desses autores, podemos evidenciar que eles se apropriavam da psicanálise de crianças como um instrumento terapêutico que lhes conferisse identidade profissional, tomando a psicanálise de crianças como um conhecimento passível de

ser aplicado à clínica psicanalítica da infância e da adolescência. É neste sentido que percebemos, no periódico, a eleição de alguns temas em detrimento de outros; o que confere uma característica comum às obras dos teóricos nacionais que se destacaram e se destacam nesta modalidade de atendimento psicanalítico até hoje.

Desta forma, os trabalhos históricos expostos no periódico analisado pela pesquisa, muniram, cada vez mais, de arcabouços teóricos mais coerentes e correntes os profissionais de nosso país, permitindo uma ampliação do espectro de atuação dos psicanalistas de crianças brasileiros no exercício de suas práticas. Além disso, permitiu o surgimento de uma nova fase da produção teórica sobre o tema na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Assim, as questões de natureza clínica passam a despertar grande interesse.

Os temas de maior atenção dos autores nacionais neste período pós-regulamentação da profissão foram aqueles voltados ao atendimento clínico da criança e do adolescente. Tal dedicação muda a característica dos textos sobre crianças e adolescentes no periódico. Os artigos ganham uma preocupação mais voltada para as questões clínicas e aprofundamentos teóricos e técnicos sobre patologias até então não mencionadas na literatura psicanalítica brasileira.

Dito isto, podemos concluir que os autores estudados na presente pesquisa, ao entrarem em contato com as teorias e técnicas psicanalíticas sobre a infância, identificaram-se com trabalhos e pensamentos de psicanalistas de crianças pioneiros estrangeiros e, especialmente de seus seguidores que os inspiravam, influenciavam e contribuía hora ou outra para a produção teórica da *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Em uma análise retrospectiva, podemos considerar que as principais contribuições dos autores de psicanálise de crianças estrangeiros sobre os autores nacionais residiram em difundir, em nosso país, as formulações psicanalíticas sobre a infância, conquistando credibilidade social e científica, o que serviu desde as primeiras produções teóricas até as atuais. Partindo deste raciocínio, podemos inferir que os trabalhos teóricos apresentados na *Revista Brasileira de Psicanálise* sobre infância e adolescência foram expoentes do aprimoramento profissional, o que, como vimos, conduziu a uma dilatação do número de casos atendidos e relatados.

Assim, para que a produção teórica sobre psicanálise de crianças brasileira pudesse servir como um instrumental terapêutico cumpriu-se seu principal requisito: a legitimação dessa singular forma de compreensão do psiquismo infantil, tanto pelo segmento social quanto pelo científico. Observamos, entre as características definidoras desta produção, como dito anteriormente, a ampliação do espectro de quadros clínicos abordados terapêuticamente,

que passa a incluir, entre outros, casos de psicose, de autismo, de pacientes *borderlines*. Evidenciamos, também, a ampliação das matrizes teóricas como esteio da prática clínica; juntamente com as contribuições de Melanie Klein, que já contava com uma larga tradição no pensamento psicanalítico brasileiro, outros autores passam a ser citados com relativa frequência, notadamente Bion, Winnicott e Francis Tustin.

Entre os autores citados acima, cabe destacar o psicanalista Bion, pois a influência do seu pensamento atuou na abrangência do atendimento de pacientes psicóticos. A teoria do mesmo ofereceu subsídios teóricos e técnicos capazes de aumentar a compreensão e a prática com pacientes com funcionamento primitivo da mente. Fato este que se confirma com as constantes vindas do analista ao Brasil, no final da década de 1970 e meados da de 1980, com interesse de divulgar sua teoria, por meio de conferências, palestras e cursos. Sua influência na produção teórica do periódico sobre o tema foi tão forte que o mesmo vem a ser um dos autores mais citados nos textos sobre crianças e adolescentes, passando – nas duas últimas décadas – à frente de Winnicott e Klein, que já contavam com tradição em citações na produção psicanalítica brasileira das sociedades.

Foi com a finalidade de instanciar a psicanálise de crianças e adolescentes nas formas pelas quais esta prática se realiza hoje, em diferentes lugares e sob diferentes orientações de alguma forma compatíveis com os preceitos básicos e gerais da doutrina psicanalítica, que buscamos reunir, neste trabalho de revisão bibliográfica, um distinto grupo de trabalhos teóricos sobre crianças e adolescentes de reconhecidos psicanalistas europeus, sul-americanos e, em especial, brasileiros.

Concluimos, portanto, que esse grupo de autores e de trabalhos baseados em suas experiências e reflexões contribuiu, efetivamente, para a consolidação das formulações teóricas e das possibilidades técnicas de exercício efetivo desta ainda jovem disciplina, conferindo-lhe, com tais acréscimos, um estatuto categorial-pragmático de justificada suficiência formal. Cabe ressaltar, nesta breve conclusão, o intencional descompromisso dos pesquisadores, com qualquer tentativa de conformidade ou consonância entre as posições independentes, sinalizadas por cada capítulo e análise, na medida em que, contrariamente a isso, toda a diversidade e mesmo toda a divergência é bem vinda para atender legitimamente ao propósito principal desta pesquisa, que carrega consigo a pretensão de constituir-se num instantâneo da prática atual da psicanálise de crianças e adolescentes, levando em conta as perspectivas para este novo século e as formas do mal-estar na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. La existencia de la organización genital en el lactente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 18-45, 1967.

_____. **Psicanálise da Criança: teoria e técnica**. Tradução de Ana Lúcia Leite de Campos. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABRÃO, J. L. **A História da Psicanálise de Crianças no Brasil**. São Paulo: Escuta, 2001.

_____. **A Tradição Kleiniana no Brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano**. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

AJZENBERG, R. P. Casos-limite na adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 581-592, 2004.

ALMEIDA, M. M. A.; MARCONATO, M. M.; SILVA, M. C. P. Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 637-648, 2004.

ALVAREZ, A. (1992). **Companhia Viva**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_____. Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas borderline. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 35-46, 1996.

ALVES, S. C. “Ilusão de holding” e a função materna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 59-66, 1980.

AMARAL, L. A. Adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 94-107, 1967.

AMARAL, M. G. T. Adolescentes sem limites ou “funcionamentos limite” diante de uma existência que exige a demissão do sujeito? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 1001-1021, 2001.

ARAÚJO, M. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise de Crianças no Brasil: Parte II. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 673-677, 1988.

ARIÈS, P. **História Social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZAMBUJA, S. Reflexões sobre a Técnica de psicanálise de crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 171-182, 1982.

AZULAY, J. D. Conflito das gerações – Sexo X Tóxico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 427-433, 1973.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BANDAROVSKY, J.; BRAZ, M. A “criança” da psicanálise: algumas reflexões sobre a metáfora. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 107-119, 1996.

BARROS, E. L. R. Crescimento emocional e análise de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 683-700, 1991.

BARROS, E. M. **Melanie Klein**: Evoluções. São Paulo: Escuta, 1989.

_____. À guisa de introdução. In: CINTRA, E. M. U.; FIGUEIREDO, L. C. **Melanie Klein**: estilo e pensamento. São Paulo: Escuta, 2004. p. 7-21.

BARROS, I. G. Hans e o Pequeno Homem Galo: comentários sobre os primórdios da teoria e da técnica em análise de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 93-106, 1996.

_____. Técnica em análise de criança. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 151-157, 1982.

BASTOS, T. R. Comunicação em análise de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 553-569, 1988.

BICK, E. Notes on infant observation in psycho-analytic. **International Journal of Psychoanalysis**, Londres, v. 45, n. 3, p. 558-566, 1964.

_____. (1962). Análise de Crianças Hoje. In: SPILLIUS, E. **Melanie Klein Hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. II, p. 186-195.

BICUDO, V. L. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise de Crianças no Brasil: Parte I. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 661-672, 1988.

BION, W. R. **Conversando com Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

BITTENCOURT, A.-M. L. Encantos e desencantos dos contos de fada. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 211-225, 1990.

BRAFMAN, A. H. Tirando partido das influências mútuas entre pais e filhos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 339-361, 1999.

BRAGA, M. C. Interação psicanalítica com pais. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 169-178, 1996.

BRUNO, C. A N. B. Abordagem clínica na psicanálise contemporânea com enfoque em caso de anorexia masculina. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 53-65, 2007.

CAMPOS, M. L. F. S. O pequeno grande soldado (quando as palavras chegam...). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 381-403, 2002.

CINTRA, E. M. U.; FIGUEIREDO, L. C. **Melanie Klein**: estilo e pensamento. São Paulo: Escuta, 2004.

ELKIND, D. **Sem tempo para ser criança**: a infância estressada. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FAGUNDES, J. O. O brincar na análise de uma criança – reflexão sobre a imitação e criação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 489-504, 1992.

FAGUNDES, M. M. Psicanálise e crianças: um panorama clínico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 95-111, 2004.

_____. Uma abertura para a adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 405-415, 2002.

FARIAS, E. P.; TUCHERMAN, S. E. A observação da relação mãe-bebê e a formação analítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 595-609, 1988.

FAVILLI, M. Reflexões sobre o tema: “Técnica de psicanálise de crianças”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 159-170, 1982.

FERENCZI, S. (1913). Um Pequeno Homem Galo. In: FERENCZI. **Obras Completas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v. II, p. 61-67.

FERRO, A. Da alucinação ao sonho: da evacuação à tolerância à dor, na análise de um pré-adolescente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 47-60, 1996.

FIGUEIRA, S. A. Algumas idéias sobre Winnicott. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 171-177, 1990.

FIGUEIREDO, S. M. B. V. de. Configurações de prisão e de liberdade. Considerações técnicas com adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 149-168, 2006.

FONSECA, V. R. J. R. M.; BUSSAB, V. S. R.; SIMÃO, L. M. Transtornos autísticos e espaço dialógico – breve conversa entre a psicanálise e o dialogismo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 679-692, 2004.

FONTES, M. H. S. Cavalo de fogo, a dona do mundo e outros heróis ou o primado da alucinação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 133-140, 1996.

FRANÇA, N. R. A. Adolescência e defesas fóbicas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 201-208, 1996.

FREUD, A. **O Tratamento Psicanalítico de Crianças**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

_____. **O ego e os mecanismos de defesa**. São Paulo: Artmed, 2006.

FREUD, S. (1893). Estudos Sobre Histeria. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. II.

_____. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. III. p. 51-72.

_____. (1900). A Interpretação dos Sonhos. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. IV.

_____. (1901). A Psicopatologia da Vida Cotidiana. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. VI.

_____. (1901). Sobre os Sonhos. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. V.

_____. (1905). Fragmentos de Análise de Um Caso de Histeria. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. VII. p. 12-115.

_____. (1905). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. VII. p. 119-228.

_____. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. X. p. 13-156.

_____. (1914). A História do Movimento Psicanalítico. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XIV. p. 13-82.

_____. (1933). Conferência XXXIV: explicações, aplicações e orientações. In: _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. XXII. p. 167-191.

GALVÃO, L. Pré-história e história da Revista Brasileira de Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 7-11, 1976.

GIANNOTTI, A.; ASTIS, G. Nascimento e autismo: considerações sobre a relação psicótica precoce mãe-bebê. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 201-220, 1983.

GRAÑA, R. Relação, destruição e uso de objeto: egoidade e alteridade numa perspectiva epistêmica winnicottiana. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 541-558, 1998.

GROSSKURTH, P. (1986). **O mundo e a obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

HALBERSTADT-FREUD, H. Electra Cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o Complexo de Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 143-168, 2001.

HAUDENSCHILD, T. R. L. Aquisição gradual da capacidade de auto-continência emocional e da noção de identidade por uma criança autista e comunicação expressiva do analista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 115-138, 1993.

_____. Refazendo passos iniciais da constituição da realidade psíquica na análise de uma criança de seis anos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 241-261, 1996.

HERRMANN, F. Pesquisando com o método psicanalítico. In: HERRMAN, F.; LOWENKRON, T. (Orgs.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 43-83.

HERZOG, J. M. Los degradados, pra fora, pra baixo, morte, o trauma transmitido e infligido, conforme foi encontrado na análise de uma menina de seis anos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 75-93, 2005.

HINSHELWOOD, R. D. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Porto Alegre: Artemed, 1992.

HUG-HELLMUTH, H. Von. (1921). On the technique of child analysis. **Int. J. Psychoanal.**, Londres, v. 2, n. 2, p. 287-305, 1923.

IENCARELLI, A. M. B. Masturbação e maternalidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 583-593, 1988.

IANCARELLI FILHO, J. I. Psicanálise e psicoterapia com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 121-132, 1996.

KATZ, G.; COSTA, G. P. O adolescente e a família pós-moderna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 329-340, 1996.

KLEIN, M. (1921). O Desenvolvimento de uma Criança. In: _____. **Amor, Culpa e Reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I, p. 22-75.

_____. (1927). Simpósio sobre Análise de Crianças. In: _____. **Amor, Culpa e Reparação**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I, p. 166-196.

_____. (1932). **A Psicanálise de Crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. v. II.

_____. (1955). A Técnica Psicanalítica Através do Brincar: sua história e significado. In: _____. **Inveja e Gratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v. III, p. 150-168.

KNOBEL, M. A inclusão do “Acting-out” terapêutico na interpretação durante a psicanálise de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 47-57, 1980.

KORIN, S. Os adolescentes e a prática psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 373-385, 1975.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. (1967). **Vocabulário de Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEÃO, I. C. Identificação e suas vicissitudes conforme observada na adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 157-177, 1987.

LEVISKY, D. L. “Acting out” na análise de crianças: um meio de comunicação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 509-527, 1987.

_____. Editorial, As despedidas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 549-551, 1988.

LEVINZON, G. K. Diário de um espelho: a relação analítica e a construção primordial de um psiquismo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 99-113, 2007.

LEVY, R. Refúgios narcisistas na adolescência: entre a busca de proteção e o risco de destruição – dilemas na contratransferência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 223-240, 1996.

LINS, M. I. A. O jogo dos rabiscos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 191-210, 1990.

LISONDO, A. B. D. Travessia da adoção – a ferida na alma do bebê. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 495-514, 1999.

LISONDO, A. B. D. et al. Psicanálise de crianças: um terreno minado? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 9-26, 1996.

LOWENKRON, A. M. “Abalos” nas mãos, “coisas de tremer”: sobre a polifonia discursiva das perturbações de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 567-584, 2002.

_____. Sobre o início da análise de criança: algumas particularidades. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 27-34, 1996.

LUZ, R. Winnicott e a experiência artística. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 122-139, 1990.

MALTZ, R. Observação de bebês – método Bick – uma vivência emocional significativa para a criatividade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 631-646, 2003.

MANHÃES, M. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise de Crianças no Brasil: Parte III. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 678-684, 1988.

_____. A análise de criança na formação psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 221-234, 1983.

_____. Considerações sobre o conceito de latência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 5, n. 3 e 4, p. 255-272, 1970.

_____. Psicanálise da criança – introdução da família no tratamento. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 621-635, 1988.

MARCHEVSKY, N. Três sonhos de um adolescente obsessivo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 309-328, 1980.

_____. Uma criança em silêncio. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 323-341, 1977.

MARTINS, C. Bases psicodinâmicas da delinquência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 175-184, 1991.

MEDINA, A. S. Ensayo de integración entre algunas teorías de W. R. Bion con las del psiquismo fetal. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 61-78, 1973.

MÉLEGA, M. P. Constituição versus ambiente: diálogo decisivo na formação e transformação psíquica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 681-704, 1993.

_____. Gerando significados no trabalho com pais-crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 531-540, 2002.

_____. Observação da relação mãe-bebê – instrumento de ensino em psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 309-324, 1983.

MÉLEGA, M. P. Reflexões em torno de uma supervisão com Wilfred Bion. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 157-168, 1996.

MELLO FILHO, J. Donald Winnicott, 19 anos depois. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 227-247, 1990.

MEZAN, R. História da Psicanálise: questões de método. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 60/61, p. 147-177, 2000.

MIRANDA, R. B. P. Inter-relação da observação da inter-relação mãe-filho com o trabalho psicanalítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 267-273, 1982.

MIRANDA, R. M. O mundo objetal anoréxico e a violência bulímica em meninas adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 309-334, 2004.

MOKREJS, E. **A Psicanálise no Brasil**: as origens do pensamento psicanalítico. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

MONTAGNA, P. Psicanálise e Psiquiatria em São Paulo. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE São Paulo (Org.). **Álbum de família**: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p. 39-48.

_____. Editorial, RBP em seu trigésimo ano. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 5-6, 1996.

MOREIRA, M. S. G. Arco-íris e fatas morganas de (-k) a (k). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 147-156, 1996.

OLIVEIRA, M. H. R. C.; ROSENBERG, M.; MALZYNER, M. Transicionalidade e suas vicissitudes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 141-146, 1996.

OLIVEIRA, M. T. Cabelos: da etologia ao imaginário. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 135-151, 2007.

OSÓRIO, L. C. A comunicação na análise de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 431-442, 1976.

OTTALAGANO, C. A.; SZTERLING, G. L.; SZTERLING, F. O conflito das gerações. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 321-338, 1973.

OUTEIRAL, J. O.; CELIRE, E. H. R. V. Freud um psicanalista de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 43-54, 2006.

PERESTRELLO, M. Ainda sobre a história da psicanálise no Brasil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 667-674, 1995.

PERESTRELLO, M. **Encontros e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

_____. (1991). História da Psicanálise no Brasil: o ensino nos institutos. In: _____. **Encontros & Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 155-182.

_____. **História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro**: suas origens e fundação. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1986). Primeiros encontros com a psicanálise no Brasil (1989-1937). In: _____. **Encontros & psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 111-152.

_____. Vanguardas européias, modernismo brasileiro e psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 445-457, 1994.

PESSANHA, A. L. Adolescência: confronto, risco, parceria. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 61-66, 1996.

PETOT, J-M. (1979). **Melanie Klein I**: primeiras descobertas e primeiro sistema. Tradução de Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 2005. v. I.

PHILIPS, F. A função da adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 451-467, 1967.

POPESCO, C. A. O tratamento da angústia na criança maníaca. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 67-92, 1996.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. **Psicanálise de crianças e adolescentes**. São Paulo, v. 30, n. 1, 1996. (Volume especial).

RIBEIRO, M. M. *Rêverie* hostil e *rêverie* benigna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 431-447, 1999.

RODRIGUES, A. M. P. A noite e seus filhos (o sono e o falecimento) e pesadelos ao longo da infância. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 183-190, 2006.

ROUDINESCO, E. Como escrever a História da Psicanálise? **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 60/61, p. 139-146, 2000.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SACRAMENTO, N. W. Aspectos não verbais em análise de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 191-200, 1996.

SAYAD, M. A violência de um menino de doze anos como alternativa à morte psíquica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 179-190, 1996.

SEEWALD F.; CARON, N. A. Algumas reflexões sobre a contratransferência na análise de crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 571-582, 1988.

SETTLAGE, C. F. Contribuição da análise de crianças ao ensino de análise de adultos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 353-365, 1977.

SCHNEIDER, G. A participação e a orientação das figuras ambientais na análise de crianças, adolescentes e psicóticos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 13-22, 1981.

SCHNEIDER, G. et al. O conflito das gerações. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 263-311, 1973.

SIGRES, R. F. Tentativa de abordagem psicanalítica de um caso de autismo infantil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 227-250, 1986.

SILVA, J. F. G. A unidade básica, o autismo primário normal, a ansiedade de separação e processo de identificação projetiva. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 43-53, 1989.

SILVA, M. C. P. Um self sem berço. Relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 541-565, 2002.

SIMON, R. Introdução à Psicanálise: Melanie Klein. In: RAPPAPORT, C. R. **Temas Básicos de Psicologia**. São Paulo: E.P.U., 1986. v. XVII, p. 1-135.

SOARES, L. E. Verdade e reconciliação: a menina que se salvou da violência agarrando-se ao símbolo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 61-66, 2006.

SOUZA, M. S. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise de Crianças no Brasil: Parte III. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 685-690, 1988.

SOUZA, P. L. R.; FRANCISCO, B. S. S. Crianças passionais. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 209-221, 1996.

SPILLUS, E. (1988). A Análise de Crianças: introdução. In: _____. **Melanie Klein Hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. II, p. 173-175.

STEINER, J. Vingança e ressentimento na “situação edípica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 973-986, 1997.

STEINER, R.; KING, P. **As Controvérsias Freud - Klein 1941-45**. Rio de Janeiro: Imago, 1998. (Coleção Nova Biblioteca de Psicanálise).

STOCCHÉ, T. M. Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 647-654, 2003.

SYMINGTON, J. A pequena alquimista obsessiva. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 363-374, 1999.

TALBERG, G. Alguns aspectos na evolução do tratamento psicanalítico de uma criança de três anos de idade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 446-465, 1982.

TUSTIN, F. (1972). **Autismo e Psicose Infantil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (1981). **Estados autísticos em crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

_____. (1990). **Barreiras Autísticas em Pacientes Neuróticos**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

VALLER, E. H. R. A teoria do desenvolvimento emocional de D. W. Winnicott. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 155-169, 1990.

VANNUCCHI, A. M. S. Entre a “balada” e o convento: reflexões sobre análise de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 271-284, 2004.

VIGLIETTI, G. V. Os pais na anorexia nervosa. Uma abordagem psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 97-106, 2001.

VILETE, E. O brinquedo e o sonho. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 25-34, 1995.

ZAIDAN, M. A simbolização vista através da análise de uma criança. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 66-94, 1970.

ZAVASCHI, M. L. S.; ARAUJO, M. S. Ansiedades pré-edípicas num menino adotado. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 611-620, 1988.

ZIMMERMANN, D. Analisabilidade em relação à psicopatologia precoce. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 197-221, 1982.

ZORNIG, S. A. **A Criança e o Infantil em Psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2000.

WOODWARD, W. Rumo a uma historiografia crítica da psicologia. In: _____. **Historiografia da Psicologia Moderna: a versão brasileira**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 61-87.